

UNIVERSIDADE DO PORTO

FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

O CONSUMO DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS NA ADOLESCÊNCIA: REVISÃO DA
LITERATURA E ESTUDO EXPLORATÓRIO

JORGE NUNO NEGREIROS DE CARVALHO

Estudo realizado para
efeitos de provas de
aptidão pedagógica e
capacidade científica

Porto, Outubro de 1983

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO

PARTE I O CONSUMO DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS NA ADOLESCÊNCIA: REVISÃO DA LITERATURA

1. INTRODUÇÃO	1
2. ASPECTOS GERAIS DO CONSUMO DE ÁLCOOL NA ADOLESCÊNCIA	3
2.1. PADRÕES DE BEBIDA NA ADOLESCÊNCIA	3
2.2. ATITUDES EM RELAÇÃO À BEBIDA E À INTOXICAÇÃO	10
2.3. DISCUSSÃO	14
3. MOTIVAÇÃO E SIGNIFICADO DA BEBIDA NA ADOLESCÊNCIA	18
3.1. SOCIALIZAÇÃO DO ADOLESCENTE E CONSUMO DE ÁLCOOL	18
3.1.1. A INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA	18
3.1.2. A INFLUÊNCIA DO GRUPO DE COMPANHEIROS	24
3.1.3. A INFLUÊNCIA RELATIVA DA FAMÍLIA E DO GRUPO DE PARES NO COMPORTAMENTO DE BEBIDA DO ADOLESCENTE	28
3.2. CARACTERÍSTICAS PSICOLÓGICAS	32
3.3. MOTIVAÇÃO PARA A BEBIDA NA ADOLESCÊNCIA - UMA TENTATIVA DE SÍNTESE	38
4. EDUCAÇÃO E PREVENÇÃO DO ABUSO DO ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS NA ADOLESCÊNCIA	43
4.1. EDUCAÇÃO SOBRE O ÁLCOOL NO SISTEMA ESCOLAR - ALGUMAS DIFICULDADES	43
4.2. PERSPECTIVAS ACTUAIS RELATIVAS À EDUCAÇÃO SOBRE O ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS	48
4.3. CONCLUSÃO	52

PARTE II PADRÕES DE USO DE ÁLCOOL NUMA AMOSTRA DE ESTUDANTES DO ENSINO SECUNDÁRIO DA ZONA DO PORTO (ESTUDO EXPLORATÓRIO)

1. INTRODUÇÃO	55
2. MÉTODO	57
2.1. ESCOLHA DAS TURMAS E ADMINISTRAÇÃO DO QUESTIONÁRIO	57
2.2. ELABORAÇÃO DO QUESTIONÁRIO	58
2.2.1. SELECÇÃO DOS ITENS	58
2.2.1.1. DEFINIÇÃO DOS OBJECTIVOS DO QUESTIONÁRIO	58
2.2.1.2. CRITÉRIOS DE SELECÇÃO DOS ITENS	58
2.2.2. ESTRUTURA DO QUESTIONÁRIO - TIPO E SEQUÊNCIA DAS QUESTÕES	61
2.3. MEDIDAS	62
3. RESULTADOS	64
3.1. REPARTIÇÃO DA POPULAÇÃO CONSUMIDORA DE ÁLCOOL POR NÍVEIS DE CONSUMO	64
3.2. DIFERENÇAS QUANTO AO SEXO	65
3.3. IDADE E CONSUMO DE ÁLCOOL	67
3.4. INFLUÊNCIAS FAMILIARES NO USO DE ÁLCOOL	69
3.4.1. COMPORTAMENTO DE BEBIDA DOS PAIS	69
3.4.2. "TIPO" DE FAMÍLIA E CONSUMO DE ÁLCOOL	71
3.4.3. PERCEPÇÃO DO "ESTILO" EDUCATIVO	72
3.5. APROVEITAMENTO ESCOLAR E CONSUMO DE ÁLCOOL	74
3.6. CONSUMO DE ÁLCOOL E NÍVEIS DE ASPIRAÇÕES ESCOLARES	76
3.7. CONSUMO CUMULATIVO	78
3.7.1. ÁLCOOL E TABACO	78
3.7.2. ÁLCOOL E DROGAS ILÍCITAS	81
4. DISCUSSÃO E CONCLUSÃO	83
ANEXO 1	86
ANEXO 2	92
BIBLIOGRAFIA	102

APRESENTAÇÃO

Inicia-se este trabalho com uma síntese teórica sobre os principais temas da literatura que abordam o consumo de álcool na adolescência.

Nos aspectos gerais do problema são referidos trabalhos que analisam a extensão, frequência e características do comportamento de bebida do jovem. Do mesmo modo, são descritos alguns estudos que têm por objectivo uma recolha de informação sobre as atitudes do adolescente face à bebida e à intoxicação. A concluir este ponto, discutem-se alguns problemas específicos desta área da investigação, nomeadamente os critérios utilizados para definir o que deve entender-se por alcoolismo e consumidor excessivo neste grupo etário.

O exame de alguns modelos explicativos mais frequentemente utilizados para analisar o uso de álcool na adolescência, constituem o principal foco das investigações que apresentamos sob o título "Motivação e significado da bebida na adolescência".

A finalizar esta síntese, fazemos referência às perspectivas actuais no domínio da prevenção do abuso do álcool e outras drogas na adolescência.

Na segunda parte deste trabalho são apresentados os resultados de um estudo exploratório que efectuamos junto de 312 alunos a frequentar diversos estabelecimentos de ensino secundário da Zona do Porto. O estudo pretendeu analisar os principais padrões de uso de álcool junto dos adolescentes inquiridos. A anteceder a apresentação dos resultados, são igualmente referidas as diversas fases de elaboração do questionário que serviu de base ao estudo.

* * *

Finalmente, gostaríamos de expressar o nosso reconhecimento pelos comentários e críticas de várias pessoas e pela colaboração de instituições diversas sem as quais a concretização deste trabalho não seria possível. Especificamente, gostaríamos de agradecer o apoio e a colaboração prestados pelo Professor Doutor Bartolo Paiva Campos, Professor Doutor Custódio Rodrigues, Doutor Costa Pereira e Dr. Oliveira e Sousa da Facul-

dade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto. Do mesmo modo, agradecemos a ajuda que nos foi concedida pelo Serviço de Crise do Hospital Magalhães Lemos nas pessoas do Professor Doutor Eurico de Figueiredo e da Dra. Manuela Flemming e pelo Gabinete de Estudos sobre o Alcoolismo do mesmo Hospital nas pessoas do Dr. José Barrias e Dr. Marques Gomes. Desejamos ainda expressar o nosso agradecimento à Dra. Lucília Mercês do Centro de Recuperação de Alcoólicos (Coimbra), pelas sugestões fornecidas. Agradecemos também a colaboração prestada pelo Departamento de Matemática do I.C.B.A.S. nas pessoas da Dra. Denisa Mendonça e Dra. Carolina Costa e Silva. Finalmente, uma palavra de agradecimento aos conselhos directivos, alunos e professores que colaboraram neste estudo.

PARTE I

O CONSUMO DE ALCOOL E OUTRAS DROGAS NA ADOLESCÊNCIA: REVISÃO DA LITERATURA

1. INTRODUÇÃO

O domínio dos estudos sobre o álcool não é uma área nova da investigação psicológica. Nos últimos 50 anos tem sido elaborada uma vasta literatura sobre o alcoolismo. Todavia, só mais recentemente se tem manifestado um interesse crescente pelo consumo excessivo de álcool na adolescência. Este interesse não pode dissociar-se do facto de se ter registado, num grande número de países, um nítido aumento do uso de álcool neste grupo etário e de se reconhecer que a dependência em relação a esta substância se adquire mais rapidamente que na população adulta, sendo os seus efeitos igualmente mais nocivos (Grant - 1980).

Pondo de parte os diferentes aspectos sociais do alcoolismo, não se pode negar que os "bebedores - problema" são também, na maioria dos casos, "adolescentes - problema". Verifica-se, por exemplo, uma relação clara entre consumo excessivo de álcool e qualquer outro problema de comportamento na adolescência. Da mesma maneira, o abuso do álcool parece constituir um dos principais determinantes do suicídio nos jovens. De acordo com Caine (1978), 20% dos suicídios na adolescência estão relacionados com o álcool, sendo a taxa de suicídio cerca de 58 vezes superior nos alcoólicos, relativamente aos não alcoólicos. Estudos mais recentes apontam, além disso, uma elevada correlação entre o consumo de álcool e o uso de outras drogas.

Embora a hereditariedade possa constituir um factor a ter em conta em certos casos de alcoolismo (Goodwin - 1979), os estudos que abordam o consumo excessivo de álcool na adolescência, enfatizam, de um modo geral, outros determinantes. Uma parte significativa dos trabalhos que tratam este assunto, destacam o papel que certos factores de personalidade desempenham no uso imoderado de álcool. A ansiedade, a depressão e níveis baixos de auto-estima, figuram entre as variáveis que parecem exercer uma influência mais determinante no desenvolvimento de padrões de consumo excessivo (Mitic - 1980, Duncan - 1977). O uso de álcool e outras drogas poderá ainda reflectir, para outros autores uma procura de identidade (Ghari-dian - 1979).

O consumo de álcool na adolescência coloca ainda importantes questões no que se refere às estratégias de prevenção e tratamento. As abor-

dagens mais promissoras, neste domínio, parecem ser aquelas que têm por objectivo promover um processo de decisão responsável e um auto-conceito "saudável" nos jovens.

2. ASPECTOS GERAIS DO CONSUMO DE ÁLCOOL NA ADOLESCÊNCIA

2.1. Padrões de bebida na adolescência

A investigação relacionada com o consumo de álcool na adolescência tem sido uma das áreas mais negligenciadas no contexto dos estudos sobre o álcool.

No entanto, um número crescente de trabalhos indicam que o uso de álcool na adolescência constitui um fenómeno quase universal, assistindo-se, quer na Europa Ocidental, quer no resto do mundo, a um aumento no consumo de álcool pelos jovens.

Esta tendência tem vindo a ser confirmada através de estudos realizados em diferentes países.

Um organismo encarregado de efectuar sondagens de opinião nos E.U.A. (citado em Harford - 1975) realizou um inquérito a jovens do ensino secundário em 1949, 1957 e 1969 tendo concluído que, num período de vinte anos não só tinha aumentado o consumo de álcool como diminuira, paralelamente, a média de idade correspondente à 1a. ingestão de bebidas alcoólicas. Três inquéritos realizados em Toronto (Canadá) aplicados sucessivamente em 1968, 1970 e 1972 (citado em Walker e all - 1978) relatam, igualmente, percentagens progressivamente mais elevadas de jovens estudantes que usam álcool.

Do mesmo modo, estudos de âmbito nacional efectuados em França, confirmam a tendência para um aumento generalizado no consumo de álcool pelos adolescentes. A partir de 1970 a progressão do alcoolismo nesse grupo etário, assumiria, de acordo com as conclusões de um estudo realizado em 1977 (citado em C.Marechal - 1981), " traços novos e inquietantes ". Paralelamente a idade média da 1a. ingestão de álcool registou nesse país, durante o último decénio, uma diminuição notória: 36% das crianças com idade inferior a 8 anos tinham tido o seu primeiro contacto com bebidas alcoólicas.

Também no Japão é possível observar um fenómeno semelhante. Cerca de 20% dos jovens admitem necessitar beber várias vezes por semana para poderem manter elevadas as suas expectativas escolares (citado em Charidian - 1979).

O'Hagan (1973), depois de analisar o consumo de álcool "per capita" entre 1965 e 1971 concluiu que, também na sociedade Irlandesa, se assiste a um aumento evidente do uso de álcool pelos adolescentes. Esse acréscimo pode avaliar-se através do número das 1as. admissões para tratamento em hospitais psiquiátricos as quais aumentaram de 699 para 1 252 em 1971. Uma percentagem significativa dessas admissões era constituída por jovens com idades compreendidas entre os 15 e os 24 anos.

O adolescente parece, pois, experimentar o álcool mais precocemente do que há umas décadas atrás. Embora as razões deste aumento não sejam inteiramente claras há quem defenda que uma mais rápida maturação social do adolescente conduz mais cedo a uma experimentação dos chamados comportamentos adultos (Alcohol Health and Research World - 1975).

Um número significativo de estudos tem procurado determinar os padrões mais correntes de uso de álcool e outras drogas na adolescência. Trata-se de trabalhos essencialmente descritivos que visam avaliar a extensão, frequência e características do comportamento de bebida na adolescência.

Numerosos trabalhos indicam que quer a frequência quer a quantidade de álcool consumida aumenta com a idade e é maior nos rapazes que nas raparigas.

F. Davidson (citado em Zourbas e Coll - 1979) verificou, por exemplo, que os rapazes bebem três vezes mais do que as raparigas e que existe um aumento sensível no consumo de álcool entre os 15 e os 18 anos. Estas conclusões foram posteriormente confirmadas em mais três inquéritos. Harford (1975) confirma basicamente os resultados das investigações feitas neste domínio. Os dados de um inquérito do NIAAA, "National Institute on Alcohol Abuse and Alcoholism", citados por Harford revelam que aos 13 anos 63% dos rapazes e 54% das raparigas tinham já experimentado pelo menos uma bebida que continha álcool. Estas percentagens aumentavam significativamente com a idade. Aos 18 anos 93% dos rapazes e 87% das raparigas referiam ter consumido bebidas alcoólicas. O consumo semanal da bebida mais preferida, a cerveja, aumentava de 10% para 42% nos sujeitos do sexo masculino com 13 e 18 anos respectivamente.

Recentemente, alguns estudos sugerem uma aproximação entre adolescentes de ambos os sexos relativamente ao uso de álcool. Este fenómeno é

sobretudo visível nos grupos mais velhos. Wechsler e Mcfadden (1976) ao examinar as diferenças em relação ao sexo no tocante à extensão e frequência do uso de álcool e outras drogas em 2 comunidades de Massachusetts encontram semelhanças evidentes nos padrões de consumo nos adolescentes de ambos os sexos. Embora este estudo tenha sido limitado a duas comunidades em Massachusetts os resultados são, na opinião dos autores, consistentes com as conclusões de outros estudos recentes que apontam para uma diminuição da diferença que separa ambos os sexos relativamente à quantidade e frequência de consumo de bebidas alcoólicas e traduz uma clara modificação dos dados de investigações efectuadas há 10 anos atrás. Com efeito, nesses estudos, os rapazes apresentavam percentagens mais elevadas no que concerne aos níveis de consumo de bebidas e de outras drogas. Os autores admitem ainda que tal tendência não deve ser extensível à população adulta, onde um maior consumo de álcool tem estado tradicionalmente ligado ao homem.

Várias investigações têm também demonstrado que o álcool é a droga mais utilizada pelo adolescente e que a frequência do seu uso é maior em consumidores de drogas ilícitas (1). Milman e Su (1972) administraram um questionário com 72 "itens" a 551 estudantes de 2 escolas secundárias. Os autores constataram que o álcool era a droga preferida pelos estudantes sendo utilizada por cerca de metade da população observada. Além disso, a frequência do seu uso era significativamente mais elevada nos consumidores de drogas ilícitas em relação ao resto da amostra (83% Vs. 52%). Neste estudo os adolescentes do sexo masculino ultrapassaram largamente as raparigas em consumo de álcool. Também C. Marechal (1981) sublinha que o facto de beber álcool excessivamente (mais de 3 copos de vinho ou cerveja por dia ou várias bebidas fortes por semana) representa uma probabilidade de fumar 7 vezes superior e de experimentar uma droga ilícita 5 ou 6 vezes superior

(1) Duma maneira geral os consumidores de uma droga apresentam uma probabilidade maior de usar outras quando comparadas com sujeitos que não usam qualquer tipo de droga (Block e Goodman - 1978; Cockerham - 1977; Shapiro - 1975).

relativamente a indivíduos abstêmios ou bebedores ocasionais. Esta tendência ficou igualmente demonstrada num estudo recente realizado por Pandina e White (1981). Este estudo teve, no entanto, a particularidade de comparar os padrões de uso de álcool e outras drogas de uma amostra de estudantes a frequentar estabelecimentos do ensino secundário com uma amostra de adolescentes implicados em programas de tratamento por problemas relacionados com um consumo abusivo de álcool e outras drogas. Interessantemente os padrões de consumo das diversas substâncias deste último grupo (adolescentes em tratamento) não apresentou diferenças notórias relativamente aos padrões utilizados pelos jovens estudantes. Embora os adolescentes em tratamento apresentassem níveis mais elevados de consumo de álcool, os seus hábitos e atitudes face ao álcool assemelhavam-se mais aos padrões exibidos pelos estudantes que aos dos adultos a receber tratamento por alcoolismo ou toxicodependência. Além disso, o álcool é a droga mais utilizada nas duas populações, verificando-se igualmente uma prevalência de padrões de uso múltiplo, sendo o mais frequente a combinação do álcool com a "cannabis". De notar ainda as diferenças encontradas, quer nos estudantes quer nos adolescentes em tratamento, relativamente às ocasiões em que as diversas substâncias são consumidas. Com efeito, cerca de 1/3 dos episódios de consumo de drogas ocorriam durante o horário escolar, contra 1/10 de situações de uso de álcool os quais tinham predominantemente lugar nos fins de semana (65% - 74% das ocasiões). Os autores interpretam estas diferenças como podendo ser indicadores de que a bebida ocupa um lugar diferente nas actividades sociais do adolescente em relação às outras drogas. As diferenças quanto ao sexo evidenciaram a tendência já constatada noutras investigações: a proporção de rapazes e raparigas que experimentavam ou consumiam regularmente as diversas drogas não apresentava diferenças estatisticamente significativas. Contudo, os três tipos de bebidas alcoólicas (vinho, cerveja e bebidas destiladas) eram utilizadas com mais frequência pelos rapazes sendo esta diferença particularmente evidente quanto ao consumo de cerveja.

Dados interessantes sobre o comportamento de bebida do adolescente foram também recolhidos por Single, Kandel e Faust (1974) junto de uma população de 8 000 estudantes. Os resultados desta investigação in-

dicaram que os adolescentes usavam álcool e tabaco mais frequentemente do que qualquer outra droga ilícita. Além disso, os estudantes que utilizavam drogas ilícitas eram também consumidores de álcool. Os autores puderam ainda verificar que a bebida aumentava na proporção directa à frequência de uso de marijuana. Especificamente, os consumidores diários de marijuana e álcool constituíam 16% da amostra, contrastando com os 5% de adolescentes bebedores mas abstêmios em relação à marijuana. Single, Kandel e Faust concluem que o uso de drogas tende a ser cumulativo iniciando-se com as drogas legais (álcool e tabaco).

Um outro dado igualmente referenciado na literatura sobre o abuso de álcool na adolescência indica que os bebedores excessivos envolvem-se mais frequentemente que os bebedores ligeiros ou ocasionais em actividades delinquentes. De facto, vários estudos delinearam possíveis sequências da bebida na adolescência, as quais se manifestam, usualmente, através de comportamentos anti-sociais. Com efeito, tanto os bebedores excessivos em idade escolar se encontram frequentemente envolvidos em actos desviantes como os estudos com populações delinquentes demonstram ser o consumo excessivo de álcool uma característica crítica do comportamento destes adolescentes (Levine e Kozak - 1979; Tinklenberg e all - 1976, Kane e Patterson - 1972; Fort - 1969). Inversamente, as populações delinquentes constituem grupos em alto risco, no que diz respeito ao desenvolvimento de problemas relacionados com a bebida (Barnes - 1977a).

As investigações que analisam a relação entre o nível sócio económico e a bebida na adolescência não são inteiramente consistentes. Fox (1973) considera, no entanto, que o adolescente bebedor se situa nos estratos sociais médios.

Também não parece demonstrada a relação entre bebedor excessivo e o facto de pertencer a um nível socio económico inferior. Os dados de duas investigações independentes (Blacker e all - 1965; Riestler e Zucker - 1968) vão no sentido de não confirmar essa relação.

Doutros estudos têm procurado avaliar a influência que certas estruturas informais (atitudes religiosas, normas culturais) exercem ao nível dos padrões de consumo de álcool. Particularmente estudado tem sido a relação entre filiação religiosa e comportamento de bebida na adolescência. Dum modo geral, esses trabalhos salientam a maneira como certos grupos re

ligiosos, que desencorajam o uso de intoxicantes, afectam as atitudes e o comportamento dos seus membros no sentido da diminuição do uso de álcool (Galanter - 1980; Potvin e Lee - 1980; Burkett - 1977).

Finalmente, o consumo de álcool nos trabalhadores jovens parece ser bastante superior quando comparado com os níveis de consumo de jovens a frequentar escolas de ensino secundário. Segundo Davidson (citado em C.Marechal - 1981) os jovens trabalhadores não só bebem em maiores quantidades que os estudantes, como ainda consomem mais frequentemente bebidas destiladas (fortes).

A breve resenha da literatura (sobretudo Americana e Francesa) sobre os padrões de uso de álcool e outras drogas na adolescência, que efectuamos, permite-nos, assim, destacar algumas conclusões que, neste domínio, são comuns aos vários estudos:

Constata-se um aumento evidente quer no consumo absoluto de álcool, quer na frequência.

O álcool é a droga mais utilizada pelo adolescente.

O número de bebedores regulares, a quantidade de álcool consumida e a frequência do uso, aumenta, nesta população, proporcionalmente com a idade. De facto o consumo regular parece duplicar entre os quinze e os dezoito anos atingindo o seu ponto mais elevado aos 16 anos (Mayer - 1980) ou aos 17 - 18 anos (C.Marechal - 1981).

Os rapazes ultrapassam significativamente as raparigas em consumo de álcool.

Recentemente o uso do álcool em adolescentes do sexo feminino tende a aproximar-se dos níveis encontrados nos rapazes, sobretudo nos grupos mais velhos.

Os consumidores de drogas ilícitas têm tendência a usar álcool com mais frequência.

O consumo de drogas tende a ser cumulativo e inicia-se, usualmente, com as drogas legais.

Os adolescentes que bebem excessivamente envolvem-se com mais frequência que os bebedores ocasionais ou abstémios em actividades anti-sociais.

Os trabalhadores jovens consomem maiores quantidades de álcool quando comparados com populações de jovens estudantes.

2.2. Atitudes em relação à bebida e à intoxicação

Um outro foco de investigação sobre o uso de álcool na adolescência relaciona-se com a recolha de informação sobre as atitudes do adolescente face à bebida e à intoxicação. Trata-se de estudos descritivos que pretendem analisar a posição do adolescente relativamente a questões como o consumo de álcool, a intoxicação, o alcoolismo, a implementação de programas de educação sobre o álcool, etc. É assim que Cahloum (1974) analisa as atitudes em relação ao álcool e outras drogas em mais de 200 adolescentes consumidores e não consumidores de bebidas alcoólicas, constatando que os bebedores, em comparação com os que usavam tabaco, barbitúricos e alucinogêneos, consideravam o álcool menos nefasto. Além disso, os estudantes que consumiam grandes quantidades de álcool, marijuana, barbitúricos e alucinogêneos, manifestavam uma avaliação mais positiva das drogas que os não consumidores. Também Kane e Patterson (1972) ao inquirir 20 000 adolescentes de ambos os sexos, verificaram que cerca de 79% desses jovens gostariam de ter uma oportunidade de aprender mais acerca do álcool e do alcoolismo. Nesta amostra, cerca de 30% dos estudantes mostraram-se, ainda, absolutamente contrários à bebida. Um estudo semelhante conduzido por Evangelista, Saforcada e Marconi (1975) procurou, no entanto, analisar as atitudes em relação ao álcool num grupo de adolescentes em função da sua classe social. Os resultados gerais mostraram que os jovens pertencentes à classe média e inferior eram os que simultaneamente desaprovavam o consumo excessivo de álcool e que evitavam, num maior grau, usar bebidas alcoólicas. Os grupos ligados à classe média consideravam que o abuso do álcool resultava de sentimentos de tristeza, angústia e desespero, enquanto que para os adolescentes da classe superior o consumo excessivo de álcool tinha como principal causa a situação (participação em festas ou reuniões onde várias pessoas bebem).

Finn e Brown (1981) recolhem atitudes de adolescentes em relação ao consumo de álcool mas em que o objectivo de beber é primariamente o de embriagar-se. Tratou-se basicamente de analisar a percepção dos riscos associados à intoxicação numa população de cerca de 1 300 adolescentes. A maioria dos inquiridos reconhecem a existência de perigos imediatos decorrentes da intoxicação (embora 21% dos estudantes não refira quaisquer perigos).

Em qualquer das três áreas do inquérito — nível de risco, tipos de riscos e comportamentos de bebida futura — não foram encontradas diferenças consistentes da percepção dos riscos em relação ao sexo dos sujeitos. Surgiram, no entanto, algumas variações quando se analisaram as respostas em função da idade. De facto os estudantes mais novos (12-13 anos) faziam uma avaliação mais negativa das consequências da intoxicação, quando comparados com os estudantes mais velhos (16-17 anos). Paralelamente, ambos os grupos consideravam que os colegas que se embriagavam actualmente teriam dificuldades em abandonar a bebida e apresentariam pelo menos um problema sério, resultante da forma como bebem, quando tivessem 30 anos de idade (esta posição era, no entanto, mais vincada pelos estudantes mais novos). As respostas foram ainda examinadas de acordo com a experiência de bebida dos sujeitos, ficando demonstrado que os bebedores excessivos tendiam a subestimar os diferentes perigos associados à intoxicação na adolescência (contrariamente ao que acontecia com os adolescentes abstémios ou bebedores ocasionais que sublinhavam numerosos riscos).

Os resultados destas investigações são meramente ilustrativos. Com efeito não é possível efectuar generalizações sobre as atitudes do adolescente face à bebida a partir de amostras restritas como as que serviram de base aos estudos que atrás descrevemos. O álcool é uma substância valorizada diferentemente nas várias culturas e no interior de grupos sociais pertencentes a uma mesma cultura. Por esta razão, os resultados das investigações sobre as atitudes do adolescente em relação à bebida apresentam variações significativas de país para país e mesmo a nível regional. O que é importante sublinhar é a estreita ligação causal, reconhecida por vários autores, entre atitudes e comportamento de bebida. Quer isto dizer, que certos comportamentos relacionados com o uso de álcool terão uma relação directa com determinadas atitudes, entendendo-se por tais "as predisposições do indivíduo a avaliar qualquer símbolo, objecto ou aspecto do seu mundo de maneira favorável ou desfavorável (Evangelista, Saforcada e Marconi - 1975, p.102)". As atitudes incluem, para além deste elemento afectivo, um outro, de natureza cognitiva, que "descreve o objecto da atitude, as suas características e relações com outros objectos (idem, 1975)". Este elemento cognitivo permite, deste modo, determinar a

existência de certas crenças em relação ao álcool (por exemplo a de que o álcool aquece, que é um tónico, etc). A exploração desta área é fundamental para fins de elaboração de estratégias de educação sobre o álcool. De facto, qualquer intervenção destinada a prevenir um consumo abusivo de álcool deve começar por efectuar estudos preliminares de tipo descritivo referentes aos sistemas de valores e atitudes dos sectores da comunidade onde esses esforços irão ser aplicados. Esses estudos devem, na opinião de alguns autores, possibilitar um exame do comportamento de bebida do adolescente e as estratégias de educação reflectir atitudes de grupos distintos de jovens (Finn e Brown - 1981).

Intimamente relacionado com o estudo das atitudes é também comum investigar os "motivos" apresentados pelo adolescente para "justificar" o uso de bebidas alcoólicas. As classificações utilizadas variam de autor para autor. Há quem distinga, por exemplo, motivações individuais (gosto agradável, desejo de evasão, etc) de motivações colectivas (pressão do grupo, necessidade de comunicação, etc) (Zourbas e all - 1979). Schilling e Carmen (1978) falam em motivos ligados a efeitos individuais ("personal effects motives") e motivos relacionados com efeitos sociais ("social effects motives"). Os motivos individuais são definidos como "motivações e atitudes que relacionam a bebida com problemas não resolvidos ou inaptações de natureza psicológica (1978, p.1088). Os motivos sociais são descritos como "motivações e atitudes que relacionam a bebida com actividades agradáveis, festivas ou sociáveis (idem)". Jessor e Jessor (1975), referem, igualmente, as motivações que têm a ver com a percepção das funções sociais positivas da bebida e as motivações relacionadas com efeitos individuais. Acrescentam, no entanto, duas categorias de razões para beber a que chamam "perceived conforming functions of drinking" e "status transformation functions of drinking". As "funções de conformidade" são descritas por Jessor e Jessor como aquelas que resultam da pressão do grupo ou de "expectativas relativamente aquilo que é visto como apropriado ou necessário em certas situações sociais" (1975, p.105)(1). As funções

(1) Na última década algumas investigações têm demonstrado que as ex-

de "transformação de estatuto" reflectem, basicamente, uma identificação do adolescente ao estatuto dos adultos. Outros autores descrevem essencialmente, dois tipos de motivações para o consumo (Spath e Rosenthal - 1980). O primeiro relaciona-se com as motivações para a bebida que traduzem "deficitos de personalidade ou necessidades pessoais que exigem satisfação (Spath e Rosenthal - 1980, p.212). Estas motivações aparecem, muitas vezes, em estudos que analisam o papel de certos factores de personalidade "responsáveis" por um consumo excessivo de álcool (por exemplo, ansiedade, depressão, baixos níveis de auto-estima...). No segundo conjunto de motivações o uso de álcool tem por objectivo produzir "alterações nos estados de consciência" (idem, p.213). A este propósito, Spoth e Rosenthal citam vários autores que referem ser o desejo de obter alterações nos estados de consciência, a principal razão apresentada pelos adolescentes para o uso de álcool e outras drogas.

pectativas em relação ao álcool podem determinar, parcialmente, os seus efeitos no comportamento (Brown et al. - 1980).

Segundo Christian, Goldman e Inn (1982a e 1983b) essas expectativas (por exemplo, o álcool reduz a tensão física ou modifica o comportamento sócio-emocional), parecem, igualmente, diferir em função dos padrões de consumo. Adolescentes que usavam frequentemente bebidas alcoólicas, apresentavam expectativas muito mais específicas e cristalizadas, quando comparados com jovens com pouca experiência de bebida (4 ou menos bebidas ao longo da vida). Os autores concluem que, embora as expectativas em relação aos efeitos do álcool no comportamento, existam antes do adolescente começar a beber, o seu conteúdo está, no entanto, relacionado com uma acumulação de experiência de bebida.

2.3. Discussão

Apresentamos neste ponto 2. do trabalho os resultados de um conjunto de estudos que têm por objectivo avaliar a extensão e características do uso do álcool na adolescência. Na parte final demos igualmente conta de investigações destinadas a identificar as atitudes gerais do adolescente em relação ao consumo de álcool e à intoxicação.

Entre os problemas específicos desta área de investigação, alguns merecem especial destaque. Um desses problemas refere-se ao tipo de instrumentos utilizados nas investigações sobre o comportamento de bebida. Correntemente utilizam-se medidas de auto-relato (questionários e entrevistas), embora alguns trabalhos empreguem medidas fisiológicas ou comportamentais.⁽¹⁾ Genericamente podemos dividir as medidas de auto-relato sobre o alcoolismo em dois grandes grupos: as "escalas" indirectas e "escalas" directas (Miller 1976). No primeiro caso, a elaboração da escala implica a administração de um conjunto de "itens" que não apresentam uma relação óbvia com o comportamento de bebida. A "escala" desenvolve-se, assim, contrastando as respostas de um grupo de alcoólicos com as respostas de grupos de control. As "escalas" directas consistem basicamente num conjunto de itens que investigam directamente acerca da bebida ou de comportamentos relacionados com o consumo de álcool. São sobretudo estes instrumentos que se utilizam para estudar o comportamento de bebida na adolescência. Tais medidas prestam-se, na opinião de vários autores, e uma variedade potencial de distorções: deficiente interpretação dos itens, recusas, respostas falsas. De acordo com Harford (1975)

(1) Tem-se dado uma atenção crescente ao uso de medidas directas de observação do comportamento na avaliação psicológica. Miller (1973) define três métodos de observação do comportamento mais correntemente utilizados nas investigações sobre o alcoolismo. São eles: a) a análise operante, em que os sujeitos tem de realizar uma resposta para obter álcool, relacionando-se as medidas com a frequência, intensidade e tipo de resposta; b) a escolha de situações, em que os indivíduos são chamados a optar por um conjunto de bebidas, alcoólicas ou não; c) os "bares" experimentais em que o comportamento de bebida dos sujeitos é observado e registado numa situação simulada.

é provável que o jovem manifeste uma certa relutância em relatar um comportamento ilegal (no caso das drogas ilícitas) ou adopte a atitude contrária, alardeando um uso excessivo que não corresponde à realidade. Outros autores têm criticado o emprego de questionários - a estratégia directa segundo Miller - na medida em que estes são constituídos por itens com elevada validade facial e como tal sujeitos a falsificação. De facto, os indivíduos com problemas relacionados com o álcool terão provavelmente bastantes razões para os ocultar (Mayer e Filstead - 1979).

Apesar destes inconvenientes, há quem considere os resultados de questionários sobre o uso de álcool inteiramente merecedores de confiança. Wechler (1976), por exemplo, realizou um estudo no qual o consumo de álcool foi objectivamente medido (através de concentração de álcool no sangue) tendo obtido resultados surpreendentemente similares a estudos em que foram utilizadas medidas de auto-relato. Também Waller (citado em Mayer e Filstead - 1979) num estudo que conduziu com alcoólicos hospitalizados, a quem se pediu que mentissem à cerca do seu alcoolismo, verificou que, mesmo com esse tipo de instruções, 92% dos sujeitos forneceram informação suficiente para poderem ser identificados como alcoólicos. Este autor conclui que as medidas de auto-relato são indiscutivelmente mais rápidas e menos onerosas, sendo também possível garantir a exactidão dos resultados assim obtidos. Outros autores têm, recentemente, confirmado que a informação recolhida acerca da bebida e do consumo de outras drogas através de medidas directas, pode ser muito mais rigorosa do que se pensava. De qualquer forma, quaisquer que sejam as medidas utilizadas, é necessário estabelecer empiricamente a sua validade (Nathan e Lansky - 1978; Miller - 1976). Os resultados fornecidos por estes instrumentos serão, assim, praticamente ininterpretáveis, caso não se avalie a sua validade e fidelidade.

Um outro problema que se coloca nesta área de investigação tem a ver com a adopção de critérios destinados ao diagnóstico do alcoolismo na adolescência. Os estudos americanos utilizam o conceito de "problema de bebida" em vez de alcoolismo de forma a evitar as "conotações emocionais" que têm sido associadas ao conceito de alcoolismo. O critério que tem sido usado baseia-se na frequência dos estados de embriaguês. Assim o NIAAA (National Institute on Alcohol Abuse and Alcoholism) considera "bebedor -

- problema", o jovem que bebe até à intoxicação pelo menos uma vez por semana. Jessor e Jessor (1975) definem "problema de bebida" como "cinco ou mais intoxicações durante o último ano ou duas ou mais consequências sociais negativas resultantes da bebida". Por "consequências sociais negativas" entende-se conflitos com a família ou com os companheiros bem como problemas na escola ou com a lei originados por um consumo excessivo de bebidas alcoólicas. A utilização de diferentes critérios implica importantes variações nas estimativas, quanto à extensão dos adolescentes "bebedores - problema". Com efeito, de acordo com o critério utilizado pelo NIAAA, 5% dos jovens a frequentar estabelecimentos de ensino secundário americanos poderão ser considerados "bebedores - problema". De acordo com uma medida menos rígida, como a que é utilizada por Jessor e Jessor (1975) a percentagem dos estudantes "bebedores - problema" subiria para 23%. A utilização da frequência das intoxicações como único método de identificação de adolescentes "bebedores - problema" tem sido criticado por alguns autores. De facto, como sublinham Lansky e Nathan (1978) o diagnóstico do alcoolismo deverá resultar da presença de sinais evidentes de "dependência física, de dependência psicológica e de tolerância bem como de indicações de problemas ao nível das relações familiares e interpessoais e de adaptação profissional (p.715)". Mas mesmo que se utilize este critério, o adolescente só poderá ser considerado "bebedor - problema" se as intoxicações forem acompanhadas de "uma impossibilidade de controlar a bebida e sejam bem evidentes os sintomas de dependência física e psicológica (Finn - 1979)". As intoxicações só poderão ser utilizadas para diagnosticar o alcoolismo na adolescência se, como indica Finn: 1) persistirem por um período de tempo considerável; 2) os estados de embriaguês ocorrerem frequentemente; 3) o bebedor foi incapaz de consumir álcool moderadamente. Mais importante que a frequência das intoxicações parece ser o contexto em que estas ocorrem - uma intoxicação ocasional num ambiente protegido tem sido referido por vários autores como inofensivo.

A definição do que deve ser considerado um consumidor excessivo de álcool é também variável de país para país. Os estudos americanos (NIAAA - 1975), definem o bebedor excessivo como sendo o jovem que bebe pelo menos uma vez por semana e consome grande quantidade de bebidas (entre 5-12)

em cada ocasião. Na França, são consideradas duas categorias de bebedores: o bebedor regular, que consome 1 ou 2 copos de vinho ou cerveja por dia ou uma bebida forte por semana; e o bebedor excessivo, que consome uma "quantidade importante" de álcool, no mínimo 3 copos de vinho ou cerveja por dia ou bebidas fortes várias vezes por semana (Davidson citado em C.Marechal - 1981) (1).

Resta acrescentar que os resultados das investigações que apresentamos sobre os padrões de bebida na adolescência, resultam de inquéritos regionais, restritos a subpopulações específicas, que raramente ultrapassam as do ensino secundário. Alguns estudos indicam, no entanto, que os jovens que abandonam o sistema educativo ("drop-outs"), bem como delinquentes institucionalizados, apresentam percentagens significativamente mais elevadas de bebedores regulares e excessivos quando comparados com populações de adolescentes estudantes (Harford - 1975).

(1) Muller (1979), num estudo a nível nacional (Suíça) sobre o consumo de álcool e tabaco em estudantes do ensino secundário, utilizou os seguintes critérios de classificação do comportamento da bebida: consumo regular - uma bebida pelo menos uma vez por semana; "consumo - problema" - duas ou mais intoxicações nos dois últimos meses.

3. MOTIVAÇÃO E SIGNIFICADO DA BEBIDA NA ADOLESCÊNCIA

Apresentaremos de seguida, uma descrição das conclusões de vários trabalhos que têm por objectivo analisar os factores e processos subjacentes ao desenvolvimento de padrões de bebida "normais" e/ou "abusivos" na adolescência. Ao rever a literatura sobre os factores responsáveis pelo consumo de álcool na adolescência pareceu-nos ser possível agrupar esses estudos em duas áreas fundamentais: Um primeiro conjunto de investigações analisa o comportamento de bebida na adolescência no quadro do processo de socialização, realçando sobretudo o impacto da família e do grupo de companheiros na aquisição dos hábitos de bebida. Estes dois tipos de influência interpessoal (família e do grupo de companheiros) exercem um papel de extrema importância não só na iniciação do adolescente ao álcool, como condicionam ainda o aparecimento de padrões de uso excessivo. Um outro grupo de investigações tem procurado definir algumas características psicológicas associadas a um consumo excessivo de álcool. Nas conclusões deste ponto examinaremos alguns estudos que explicam o comportamento de bebida na adolescência no quadro de um modelo multidimensional e interacional.

3.1. Socialização do adolescente e consumo de álcool

3.1.1.A influência da família

Parece constituir um dado geralmente aceite que o comportamento de bebida na adolescência significa essencialmente um movimento em direcção aos padrões de comportamento dos adultos. Daí o poder esperar-se que o adolescente que começa a ver-se a si próprio como um adulto ou que assume papéis adultos possa também começar a beber. De acordo com Jessor e Jessor (1975) o desenvolvimento normal do adolescente e o tornar-se um bebedor são dois aspectos que se encontram intimamente relacionados na Sociedade Ocidental. O álcool pode representar para a família Ocidental um equivalente dos rituais de iniciação utilizados pela família primitiva , facilitando simultaneamente a emancipação do adolescente e a sua integração social (C.Marechal - 1981). A iniciação à

bebida é assim, largamente determinada por um conjunto de valores, expectativas e padrões de comportamento, definidos pela própria cultura (1). Este facto não explica, no entanto, porque razão certos adolescentes nunca chegam a consumir álcool, enquanto que outros o fazem numa forma considerada excessiva. Daí o ter de analisar-se o desenvolvimento do comportamento de bebida no adolescente como o resultado de uma aprendizagem, instaurada, nomeadamente, no quadro familiar. De facto, uma enorme quantidade de investigações, revela que o adolescente que não utiliza álcool provém, na maioria dos casos, de famílias cujos pais não consomem habitualmente álcool; o bebedor moderado de famílias cujos pais usam bebidas alcoólicas moderadamente; enquanto que o adolescente alcoólico, tem, num número significativo de casos, pais que podem ser considerados bebedores excessivos. Poder-se-ia aqui falar, como fazem vários autores, de um efeito de modelação dos pais no comportamento de bebida do adolescente. Deste modo, os vários padrões de consumo de álcool em adolescentes, seriam o resultado de uma aprendizagem por imitação dos exemplos apresentados pela família.

A influência que o comportamento de bebida dos pais pode ter na iniciação do adolescente ao álcool tem sido confirmada em várias investigações (Jessor e Jessor - 1975; Braucht e all - 1973; Smart e Fejer - 1972). Maddox (1970) sustenta, por exemplo, que o conhecimento dos padrões de bebida dos pais, constitui o único preditor dos padrões de bebida do adolescente. Para Lawrence e Vellerman (1974), o que determina, numa maneira mais significativa, o uso de álcool pelo adolescente não é tanto o facto dos pais beberem, mas a maneira como o fazem em cada ocasião (i.e. se bebem até à intoxicação ou se bebem uma única bebida).

Para além de um efeito directo de modelação dos pais no comportamento de bebida do adolescente, a qualidade da relação pais - criança e as atitudes e valores daqueles em relação à bebida, tem sido outros factores considerados bons preditores do uso de álcool pelo adolescente.

(1) Sobre os padrões de consumo de álcool nas diversas culturas cf. M.Mendonça (1976).

Alguns estudos têm, encontrado uma relação significativa entre bebida excessiva e ausência de control parental. Uma investigação conduzida por Pendergast e Schaefer (1974) junto de 57 adolescentes, sugere, por exemplo, que a bebida na adolescência se relaciona essencialmente com as atitudes gerais de aceitação ou rejeição dos pais. Com efeito, os adolescentes bebiam com mais frequência quando eram educados sob um control parental reduzido ou quando as atitudes dos pais iam no sentido da rejeição do adolescente. O comportamento de bebida dos pais não surge, neste estudo, correlacionado, quer com a frequência no consumo de bebidas alcoólicas, quer com o número de intoxicações dos adolescentes que constituíam esta amostra. Os resultados desta investigação não dão, pois, qualquer suporte à teoria segundo a qual o consumo de álcool na adolescência é o resultado da modelação dos pais.

Brauch (1974) sublinha, igualmente, que as atitudes de rejeição ou de super-protecção dos pais, podem tornar o adolescente particularmente susceptível a um consumo imoderado de certas substâncias, incluindo o álcool. A iniciação ao uso do álcool pode ser ainda encorajada se os pais adoptarem um estilo educativo do tipo "laissez - faire" ou liberal (Hunt - 1974) ou se, pelo contrário, exercerem um control prolongado sobre o adolescente (Baumrind - 1980).

Como atrás referimos, as atitudes dos pais em relação à bebida parecem não só afectar os padrões de bebida do adolescente como são, ainda, consideradas bons preditores do uso de álcool pelo adolescente. Num estudo, cujo objectivo consistia em avaliar a relação entre as atitudes dos pais e os padrões de bebida do adolescente, Alexander e Campbell (1967) fizeram as seguintes constatações: quando os pais reprovavam o uso de álcool e os companheiros não bebiam, só 12% dos adolescentes consumiam bebidas alcoólicas; cerca de 43% dos estudantes bebiam quando a atitude dos pais era neutra; contudo, 66% dos jovens bebiam, apesar da reprovação dos pais, quando dois ou mais dos seus amigos também bebiam; finalmente, 89% dos adolescentes usavam álcool quando a atitude dos pais em relação à bebida era neutra, mas dois ou mais dos seus amigos consumiam álcool regularmente. Um inquérito nacional feito nos E.U.A. a cerca de 13 000 adolescentes (citado em Barnes - 1977), analisou três aspectos essenciais de uma possível influência dos pais nos pa

drões de bebida do jovem. O comportamento de bebida dos adolescentes foi, deste modo, analisado em função do comportamento de bebida dos pais, da frequência com que os pais davam bebidas à criança e das suas atitudes em relação à bebida na adolescência. Os resultados evidenciaram uma relação entre os comportamentos de bebida dos pais e dos adolescentes. Verificou-se, igualmente, uma forte relação entre as medidas das atitudes e comportamentos dos pais e os padrões de bebida dos adolescentes; uma relação menos forte, mas igualmente significativa, foi encontrada entre a extensão da pressão para beber feita pelos companheiros e os níveis individuais de bebida.

Embora a maioria dos estudos não distinga, necessariamente, o uso do álcool de qualquer outra droga, as conclusões de muitos deles atestam, com evidência, a influência positiva no comportamento de bebida que produzem boas relações pais - filho. Com efeito, relações familiares positivas ou um "envolvimento positivo com a família (Jessor e Jessor - 1975)", desencorajam a iniciação ao uso do álcool, enquanto que, conflitos familiares podem promover esse mesmo uso (Lawrence e Vellerman - 1974).

São escassas as investigações que focalizam o papel da família enquanto sistema, no desenvolvimento e manutenção de padrões abusivos de consumo de álcool na adolescência. Tivemos acesso a um único trabalho, da autoria de John Mayer (1980), em que se procura sustentar a noção de uma patologia familiar do alcoolismo na adolescência utilizando, para isso, "o conjunto de conhecimentos mais ou menos definidos que descrevem o ambiente psico-social do adolescente (Mayer - 1980, p.6)". As conclusões a que chegou Mackay (1961), num estudo que realizou a 20 adolescentes "bebedores - problema" numa clínica infantil de aconselhamento, citado no referido artigo, dão consistência, segundo Mayer, à perspectiva familiar do consumo excessivo de álcool na adolescência. De facto, os factores encontrados por Mackay nos adolescentes, estão de acordo com as variáveis que relacionam a teoria sistémica da família com o alcoolismo (i.e. nível de ansiedade, conflito familiar, necessidades de dependência, relações pobres, etc.). A existência de pais alcoólicos na investigação de Mackay, vai, igualmente, no sentido de confirmar a hipótese de uma patologia familiar do alcoolis

mo.

Através de outros exemplos recolhidos da literatura sobre o abuso de álcool na adolescência, Mayer concluiu que a dinâmica do ambiente familiar tem efeitos profundos na etiologia deste comportamento sintomático. Com efeito, a rejeição do adolescente pela família, as atitudes e comportamentos dos pais relativamente ao uso de álcool e a existência de um elevado grau de ansiedade familiar, são factores comuns às várias investigações descritas. Estes factores contribuiriam, duma maneira acentuada, para a manutenção de padrões de consumo abusivo de álcool. O consumo excessivo poderia ser, assim, considerado uma reacção a essas influências familiares em que a escolha do abuso do álcool traduziria a necessidade do adolescente em distanciar-se da família. Segundo Mayer, os padrões de adaptação do adolescente "normal", que se manifestam através de uma necessidade de independência e autonomia face à família, transferir-se-iam para padrões de afastamento em relação aos pais, sendo o abuso do álcool o mecanismo através do qual esse afastamento seria operacionalizado.

Outros autores têm teorizado o consumo excessivo de álcool na adolescência no contexto de um processo de socialização, no quadro da família, inadequado e/ou incompleto. Barnes (1977a; 1980b), por exemplo, defende a existência de um "continuum" entre o adolescente e os seus pais, baseado na partilha dos mesmos valores. Os padrões de bebida na adolescência emergiriam, assim, a partir dos padrões de bebida dos adultos.

No sentido de dar consistência a esta hipótese, Barnes (1980 b) analisou duas populações independentes (uma constituída por adolescentes e outra por adultos), relativamente à frequência e quantidade de bebidas alcoólicas consumidas, lugar de consumo e razões para beber apresentadas, tendo verificado semelhanças evidentes quanto aos aspectos estudados. A iniciação e o desenvolvimento de padrões de uso de álcool na adolescência seriam, assim, um reflexo das normas e comportamentos da geração adulta. Deve notar-se, todavia, que Barnes não considera esta perspectiva incompatível com uma teoria da modelagem do comportamento de bebida do adolescente. Na sua opinião "é perfeitamente possível (embora não tenha sido adequadamente estudado) que os pais desses ado -

lescentes (1) tenham também capacidades diminuídas para enfrentar os problemas e acabem por apresentar aos seus filhos o modelo do consumo do álcool para os resolver (Barnes - 1977, p.580)".

Em resumo, a literatura que analisa a relação entre a família e a iniciação e desenvolvimento dos hábitos de bebida na adolescência, reconhece largamente que este comportamento pode ser visto como o resultado de uma aprendizagem. De facto, a hipótese de que os vários padrões de consumo de álcool, indo desde o não consumo até ao alcoolismo, são aprendidos por imitação dos exemplos apresentados pelos pais, tem vindo a ser confirmada através de um número crescente de investigações. O consumo excessivo de álcool, na sua relação com a família, é analisado, consoante as posições teóricas dos vários autores, em termos de relações interpessoais inadequadas entre pais e filhos (Pendergast e Schaefer - 1974; Brauch - 1974), de um processo de socialização incompleto ou inadequado (G.Barnes - 1977a ; 1980b), ou como sendo o resultado de uma patologia familiar (Mayer - 1980).

A influência da família não explica, no entanto, a enorme variação constatada no comportamento de bebida dos adolescentes. Daí que se tenha procurado avaliar o impacto de outras forças de socialização nos padrões de uso de álcool na adolescência. A influência do grupo de companheiros tem sido a mais exaustivamente analisada. Com efeito, as investigações nesta área, atribuem a estes dois grupos - família e pares - uma porção substancial de influência no comportamento do adolescente. As contribuições relativas destas duas forças de socialização do adolescente são ainda motivo de controvérsias. Este aspecto será, no entanto, discutido nas conclusões referentes à influência da família e do grupo de iguais no uso de álcool e outras drogas na adolescência.

(1) Esta observação refere-se a estudos sobre adolescentes delinquentes que apresentavam problemas relacionados com o álcool.

3.1.2.A influência do grupo de companheiros

Embora não esteja completamente esclarecido, a família e o grupo de companheiros parecem ter uma influência basicamente semelhante nas práticas de bebida do adolescente (Glinn - 1981).

A pressão do grupo começa a manifestar-se com maior evidência por volta dos 16-17 anos, altura em que se multiplicam as ocasiões de beber fora do contexto familiar. O álcool parece ser indispensável ao adolescente que pretende superar inibições e reforçar a participação no grupo. De facto, a comunicação no grupo de companheiros é um motivo frequentemente evocado para "justificar" o comportamento de bebida (Zourbas e Coll - 1979). Certos mitos de virilidade associados ao consumo de álcool bem como o desejo de ser aceite pelo grupo, constituem outros aspectos reveladores da importância crescente do modelo dos companheiros nas práticas de bebida do adolescente (C.Marechal - 1981).

Alguns autores acreditam na existência de uma pressão social de tipo informal para beber a qual operaria no seio da sub cultura adolescente. Esta pressão do grupo determinaria, largamente, o grau, contexto e estilo em que as bebidas são consumidas. Uma investigação que pretendeu sustentar esta perspectiva foi conduzida por Riestler e Zucher (1968) e teve por objectivo examinar os hábitos de bebida do adolescente no contexto mais geral da estrutura social da escola. O estudo identificou uma sociedade de adolescentes em mosaico, representada por um certo número de sub-grupos sociais constituídos informalmente e possuindo atitudes, valores e padrões de ocupação dos tempos livres nitidamente contrastantes. Ficou igualmente demonstrada a relação altamente significativa entre as categorias do comportamento de bebida (não-bebedor, bebedor moderado e bebedor regular) e a pertença aos diferentes sub-grupos, previamente identificados. Paralelamente, em todos os índices utilizados para quantificar os aspectos gerais do fenómeno de bebida (frequência, quantidade média por ocasião e quantidade máxima por ocasião), a inclusão nos diferentes sub-grupos determinava evidentes variações no comportamento de bebida.

Uma outra dimensão importante do comportamento de bebida do adolescente, que este estudo explorou, refere-se ao contexto em que a bebida ocorre. O consumo dáva-se habitualmente num grupo, mais do que beber sózi

nho ou na companhia de um amigo do sexo oposto. De notar ainda que todos os consumidores usavam bebidas alcoólicas durante acontecimentos sociais e com a presença de adultos. Nesta situação, contudo, as quantidades consumidas não eram excessivas. Riester e Zucher sugerem que os adultos transmitem o conceito de que o uso de álcool na adolescência é um comportamento apropriado em certos contextos sociais que deve ser praticado com moderação. O consumo frequente ou excessivo estava, pelo contrário, associado a comportamentos de bebida no interior de pequenos grupos de adolescentes e na ausência de adultos. Os autores concluem que, embora o adolescente aprenda através do adulto que o uso do álcool é um costume socialmente aceite, a frequência e as ocasiões em que as bebidas são consumidas, têm essencialmente a ver com normas sub-culturais decorrentes da influência do grupo.

Do mesmo modo, Alexander e Campbell (1967) num estudo a que já fizemos referência, procurou demonstrar a existência duma pressão para beber no seio do grupo e os efeitos que produz nos indivíduos a ela expostos. Segundo os autores, uma vez que o adolescente começa a beber na companhia de amigos, é provável que aqueles constituam um factor importante de apoio social. A tendência a procurar esse suporte para o seu comportamento deveria resultar numa forte ligação entre o comportamento de bebida do adolescente e dos seus companheiros, quer através de mudanças no seu comportamento tendentes a uma maior semelhança, quer operando modificações no tipo de selecção dos companheiros, tendo igualmente por base a uniformidade. Basicamente, o que se pretendeu demonstrar foi que a pressão do grupo de companheiros existe e tem um impacto diferenciado consoante as relações do adolescente se processarem essencialmente com bebedores ou com não consumidores. De facto, a hipótese segundo a qual o adolescente terá uma maior probabilidade de desenvolver padrões de uso de álcool se os seus companheiros forem bebedores, foi amplamente confirmada nesta investigação. Com efeito, a proporção de bebedores aumentou à medida que aumentava o número de amigos que bebiam, independentemente da atitude que os pais manifestavam relativamente à bebida na adolescência (negativa ou neutra). O número de amigos bebedores mostrou ter igualmente influência na frequência com que os adolescentes usavam bebidas alcoólicas. Constatou-se

que quer o adolescente bebesse ou não na presença dos pais, haveria uma maior probabilidade de o fazer frequentemente (1) se os seus amigos fossem bebedores (2). Do mesmo modo, os não bebedores estavam expostos a pressões para beber que eram tanto mais frequentes quanto maior era o número de amigos que usavam bebidas alcoólicas (3). O comportamento de bebida dos companheiros determinaria, deste modo, não só se o adolescente irá ou não começar a beber, como influenciaria vários aspectos do seu comportamento e atitudes face ao álcool. Os dados deste estudo demonstram, com efeito, o valor heurístico da análise da bebida na adolescência em quanto comportamento que está intimamente relacionado com o comportamento do grupo de companheiros.

Também Jessor e Jessor (1972) ao discutir os factores que determinam a iniciação à bebida na adolescência, considera a variável "Apoio Social para Beber" como sendo uma das mais importantes (4). Segundo estes autores "a variável de percepção ambiental, Apoio Social para Beber, emerge consistentemente como a mais importante em relação ao tornar-se um bebedor (...). A segunda em importância é constituída pelas variáveis de instigação - valorização do aproveitamento escolar e valorização da independência, nesta ordem (1972 p.211)". O trabalho de Jessor evidencia, pois, a existência de uma resposta à pressão do grupo. De facto, o ado-

(1) Neste estudo considerou-se bebedor frequente o indivíduo que consome uma bebida alcoólica pelo menos uma vez por semana.

(2) A percentagem de bebedores frequentes que bebiam na presença dos pais foi de 23, 28 e 43% para nenhum, um e dois amigos bebedores, respectivamente; a percentagem de bebedores frequentes que não bebiam com os pais presentes foi de 8, 17 e 36% para nenhum, um e dois amigos respectivamente.

(3) Se um não bebedor não tinha amigos que consumiam álcool, 60% relatou ter experimentado pressões para beber; com um amigo bebedor 64%; e com dois, 68%.

(4) Jessor e Jessor mencionam outros factores, nomeadamente, certas características da personalidade, relacionadas com a transição de um "estatuto" de não bebedor para um "estatuto" de bebedor. Nas conclusões deste ponto, retomaremos as conclusões deste estudo.

lescente que não bebe, pode, segundo Jessor, vir a experimentar dificuldades, nomeadamente um certo isolamento social.

Os estudos a que fizemos referência atestam com evidência a importância do grupo no comportamento de bebida do adolescente. No contexto dos factores de grupo, o uso de álcool pelos companheiros tem sido considerado o mais determinante na iniciação à bebida. Poder-se-ia também, aqui, falar de um efeito de modelação baseado no consumo actual dos companheiros. Este aspecto é frequentemente sublinhado pela maioria dos autores. Para Huba e all (1979), por exemplo, certos comportamentos e atitudes dos amigos pode ter uma marcante influência no consumo de várias substâncias (incluindo o álcool) e ter pouco a ver com qualquer tipo de sub-cultura adolescente.

Finalmente, a importância do grupo de companheiros deverá ser igualmente relativizada já que está, ela própria, condicionada a factores socio-culturais mais gerais. Provavelmente o grupo de companheiros ocupará uma posição tanto menos central, quanto maior for a aceitação da bebida pelo meio e a probabilidade do comportamento de bebida do jovem ser sujeito a um certo grau de supervisão por parte dos pais. A literatura que consultamos nada nos diz a este respeito. É, no entanto, de considerar que quer a influência da família quer a influência dos companheiros possam ser diferentes consoante o meio cultural considerado. Poder-se-à mesmo supor que, em certas culturas, as influências da família e do grupo no uso de drogas em geral e no consumo de álcool em particular, sejam mais salientes do que em outras culturas.

São também escassos os trabalhos que analisam os efeitos relativos e independentes do grupo familiar e do grupo de companheiros no comportamento de bebida do adolescente. Nas conclusões que se seguem procurar-se-à descrever os resultados de algumas investigações que abordam aspectos particulares da influência relativa da família e do grupo. Enunciaremos, por fim, algumas questões que, nesse domínio, não foram ainda objecto de uma adequada e sistemática investigação.

3.1.3.A influência relativa da família e do grupo de pares no comportamento de bebida do adolescente

Não existe uma teoria universalmente aceita que explicita a influência relativa dos pais e do grupo de pares no comportamento de bebida do adolescente. A maioria das investigações efetuadas no domínio do uso de drogas pecam pela ausência de um modelo teórico, o que implica uma progressão mais lenta do conhecimento nesta área. Duma maneira geral, a influência da família e do grupo no comportamento do adolescente tem sido analisada numa perspectiva de desenvolvimento. Considera-se, assim, que a família é a força de socialização predominante até à adolescência, havendo depois um declínio da sua influência à medida que o jovem adquire a sua independência. Nesta fase de autonomização ganham especial relevo outras forças de influência (mass-media; escola ...) sendo a mais significativa a que se relaciona com o grupo de companheiros.

Menos estudada tem sido a questão que consiste em determinar qual destes dois grupos exerce uma influência mais decisiva no comportamento do jovem. A proliferação de diversas abordagens teóricas, ilustra claramente as divergências de pontos de vista e as dificuldades que, neste domínio, ainda persistem.

Relativamente ao uso de drogas, têm sido efectuadas algumas tentativas no sentido de precisar os efeitos relativos e independentes destes dois tipos de influência interpessoal. O modelo desenvolvido por Kandel e all (citado em Glinn - 1981), constitui uma dessas tentativas. O modelo considera três estádios no uso de drogas (iniciação ao álcool; iniciação à marijuana e iniciação a outras drogas ilícitas) e adopta como principais elementos conceptuais a influência dos pais, a influência dos pares, as crenças e valores do adolescente e o envolvimento em certas actividades (fig.1). O quadro conceptual proposto perspectiva o consumo das diferentes drogas na adolescência em termos de desenvolvimento. Kandel sugere que os pais desempenham um papel de extrema importância na iniciação ao álcool (estádio 1) ao contrário do que, na sua opinião, acontece com a iniciação ao uso de marijuana (estádio 2). Enquanto que o uso de álcool pelos pais é considerado um dos melhores preditores de uso de álcool pelo adolescente, a qualidade da relação pais - filhos, evidenciada nou-

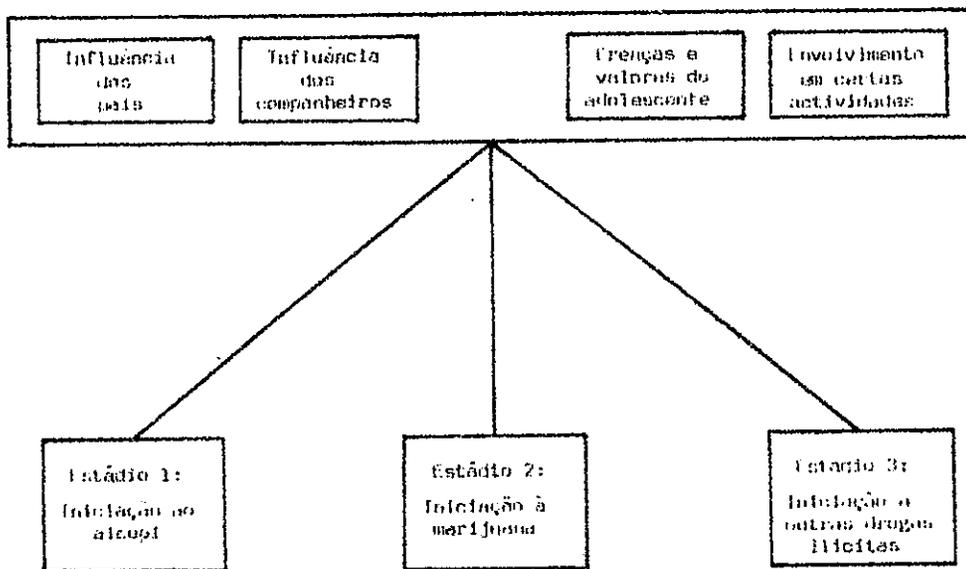


Fig.1 Modelo de influência da família e do grupo de companheiros no uso de drogas na adolescência (Kandel, Kasler e Margulies, 1978 - citado em Glinn - 1981)

tras investigações já referidas (Brauch et al. - 1973; Pendergast e Schaefer - 1974), assume uma importância consideravelmente menor nas conclusões a que chega Kandel. Os dados das suas investigações vão essencialmente no sentido de confirmar a existência de um efeito directo de modelagem, operacionalizado através de um processo de imitação pelo adolescente.

No que concerne à influência do grupo de companheiros no comportamento de bebida do jovem (Estádio 1), Kandel sustenta que os principais factores onde aquela se manifesta são: na percepção do número de amigos que consomem bebidas alcoólicas; no consumo actual de álcool pelos companheiros; nas atitudes dos melhores amigos acerca dos malefícios da bebida; e no grau de envolvimento do adolescente em actividades de grupo.

Após ter efectuado uma revisão da literatura sobre o impacto da família e dos companheiros no uso de diferentes drogas pelo adolescente, Glinn (1981) considera que, relativamente ao consumo de álcool, aqueles dois tipos de influência parecem ter um "peso" basicamente semelhante.

te . Segundo Glinn, a influência do grupo de pares tem uma duração mais limitada que a influência da família e parece ser dirigida a resultados que têm consequências mais imediatas do que a longo prazo.

No quadro das influências interpessoais, os padrões de uso actual dos pais e dos companheiros constituem os factores que, de acordo com Glinn, influenciam de forma mais decisiva o uso de drogas na adolescência. Paralelamente, o uso de álcool pelos pais parece ser o melhor preditor do uso de álcool pelo adolescente. Ainda segundo este autor, a "aceitação" pelo adolescente da influência da família ou dos companheiros em relação ao uso de qualquer droga em particular, poderá não ter nada a ver com a rejeição dos valores e da influência do outro grupo . Assim, os adolescentes que rejeitam a influência dos pais e seguem os padrões utilizados pelo grupo de pares no uso de marijuana, por exemplo, não estão, necessariamente a rejeitar os seus pais em todas as outras influências. Finalmente, Glinn acredita que a concepção "exclusiva" da influência da família "versus" influência do grupo de companheiros, no consumo de drogas, e segundo a qual a 1a. diminuiria progressivamente à medida que aumentaria a influência da 2a., não aparece suficientemente fundamentada na literatura.

Embora se tenha tematizado com algum rigor a influência relativa dos pais e dos companheiros no comportamento de bebida do jovem, permanecem, no entanto, em aberto algumas questões que não foram ainda objecto de uma adequada e sistemática investigação.

Uma dessas questões refere-se à dinâmica da influência da família e do grupo de pares, do ponto de vista das diferenças sexuais (Barnes - 1977a). Seria importante precisar qual o sexo do companheiro ou do progenitor, que influência mais decisivamente o adolescente e, do mesmo modo, em que idade é que essa influência se fará sentir com mais intensidade.

Os efeitos das crises de desenvolvimento dos pais na capacidade destes exercerem uma influência no uso de drogas pelo adolescente, não estão igualmente avaliados. Baumrind (1980), sugere que muitos pais se vêm confrontados com as suas próprias crises da Meia-Idade, numa altura em que os seus filhos adolescentes estão expostos a uma influência cres

cente do grupo relativamente ao uso de drogas.

Finalmente, importaria considerar a possibilidade de utilizar a influência do grupo de companheiros e da família para diminuir o risco de um consumo abusivo de álcool. As tentativas que, neste domínio, têm sido feitas, sobretudo ao nível dos programas de educação sobre o álcool, não parecem fornecer uma base sólida de implementação para o futuro, particularmente no que diz respeito à influência familiar. Quanto à utilização do grupo de pares, os resultados são mais positivos. Daremos, no entanto, conta, mais adiante, das características deste tipo de intervenção.

3.2. Características Psicológicas

Alguns estudos têm procurado medir as características psicológicas associadas a um consumo excessivo de álcool na adolescência. Existem razões para que se possa supor que essas características possam ser diferentes daquelas que encontramos no adulto. As diferenças na estrutura da personalidade entre o adulto alcoólico e o adolescente que bebe excessivamente relacionam-se, essencialmente, com o grau de severidade do problema de bebida e com a natureza transitória dos problemas na adolescência. O álcool é um sedativo, um depressor do Sistema Nervoso Central, o que o torna particularmente atraente durante a adolescência, "um período em que numerosas alterações emocionais, fisiológicas e experiênciais, provocam um aumento da ansiedade (Unger - 1978, p.28)". É, pois, indiscutível que o alcoolismo na adolescência raramente atinge a severidade encontrada em alcoólicos mais velhos, mesmo porque, os problemas da adolescência diferem em grau e natureza dos problemas dos adultos.

Os estudos a que iremos fazer referência, abordam resultados de investigações que relacionam certas características da personalidade do adolescente com um consumo abusivo de álcool e de outras drogas. Não serão, pois, focadas as investigações relativas ao adulto alcoólico que representam uma porção substancial dos estudos realizados neste domínio. Além disso, os trabalhos sobre as características psicológicas do adolescente que bebe excessivamente, além de pouco numerosas, utilizam planos psicométricos diversos o que dificulta o estabelecimento de ligações que conduzam a resultados generalizáveis.

Uma das características de personalidade -- a auto-estima -- foi analisada por W.Mitic (1980) na sua relação com o comportamento de bebida do adolescente. Um total de 411 estudantes com idades compreendidas entre os 12 e os 18 anos preencheram um questionário sobre o comportamento de bebida e o "Coopersmith Self-Esteem Inventory" (1). Estabeleceu-se, igual-

(1) O SEI é constituído por um conjunto de quatro sub-escalas de au-

mente, uma categorização dos comportamentos de bebida.

A maioria dos estudantes não consumidores (41%) apresentavam níveis médios de auto-estima, enquanto que 31% tinham níveis elevados. Inversamente, a maioria dos bebedores ocasionais (1) apresentavam níveis baixos de auto-estima (embora 35% tivessem níveis médios); 52% dos bebedores regulares (2) tinham níveis elevados; 35% apresentavam níveis médios e 11% tinham níveis baixos. De facto, os adolescentes considerados bebedores regulares aparecem com níveis mais elevados de auto-estima, quando comparados com as outras categorias.

Dum modo geral Mitic reconhece, citando Hillman e Scotland, que o adolescente, se for pressionado a beber pelos seus companheiros, será menos influenciado se tiver um nível elevado de auto-estima. Do mesmo modo, os adolescentes que bebem regularmente e que apresentem níveis baixos de auto-estima, acabarão por ceder mais facilmente às pressões do grupo de pares e vir, assim, a pertencer à categoria dos "potenciais bebedores problema" (3).

Este estudo procedeu ainda a uma análise dos resultados das quatro sub-escalas do Inventário em função das diferentes categorias de bebedores. Verificou-se que, relativamente à auto-estima "escolar", o "potencial bebedor problema" obtém os níveis mais baixos quando comparado com todas as outras categorias. Segundo Mitic, o indivíduo que tem sucessivos fracassos escolares experimenta uma diminuição na sua auto-es-

to-estima (família, "self", companheiros e escola) as quais aparecem numa sequência cíclica ao longo do Inventário.

(1) Neste estudo considerou-se "bebedor ocasional" o indivíduo que não consome mais do que duas bebidas alcoólicas por mês ou que bebe duas ou menos bebidas em cada ocasião.

(2) O "bebedor regular" foi definido como sendo o indivíduo que bebe álcool uma ou mais vezes por semana mas não excede cinco bebidas por semana.

(3) Nesta investigação considerou-se "potencial-bebedor problema", o indivíduo que consome cinco ou mais bebidas por semana ou de cada vez que o álcool é consumido.

tima "escolar" que vai procurar compensar através de meios alternativos. A bebida poderia, então, ser utilizada para atingir certos objetivos em indivíduos com uma fraca expectativa em relação ao sucesso ou para lutar contra o fracasso ou a sua antecipação. Outros estudos (Smart e Fejer - 1975; Kane e Patterson - 1972) têm confirmado que o "bebedor problema" apresenta geralmente um fraco rendimento escolar e que a função do álcool é, por vezes, a de conseguir um refúgio relativamente a um comportamento mal sucedido (Jessor e all - 1968). Para Mitic, o "potencial bebedor problema" pode ver-se a si próprio como incapaz em termos de rendimento escolar e actuar em conformidade, acabando por obter fracos resultados escolares. O recurso à bebida significaria uma tentativa do adolescente para encontrar meios alternativos.

Um processo similar ocorreria em relação à auto-estima dos "companheiros". O "bebedor regular" e o "potencial bebedor problema" poderão ver-se a eles próprios como possuindo uma elevada auto-estima em relação aos seus companheiros (sobretudo se provêm de uma sub-cultura que valoriza e recompensa a bebida). Nessa situação o indivíduo pode praticar esse comportamento e manter ainda um nível normal ou mesmo elevado de auto-estima (1).

O "locus de control" é outra característica da personalidade que alguns estudos têm relacionado com o uso de álcool e de outras drogas. O conceito "locus de control" deriva da teoria da aprendizagem social e refere-se ao grau segundo o qual os indivíduos acreditam que os reforços para os vários comportamentos resultam dum "esforço" pessoal ou estão, pelo contrário, em função de elementos exteriores ao próprio indivíduo. Um control interno significará, deste modo, que o indivíduo acredita que "os reforços são o resultado do seu comportamento, capacidades ou atri-

(1) Numerosas investigações parecem dar suporte à noção de que o adolescente toxicômano possui um baixo auto-conceito. Samuel e Samuel (1974) concluem, por exemplo, que um baixo auto-conceito é a "justificação" mais utilizada pelos adolescentes para explicar o consumo de drogas. Outros estudos mais recentes têm, no geral, confirmado estas conclusões (Cf. Rearden e Griffing - 1983 e Svobodny - 1982).

butos (Segal - 1974, p.2)"; o control externo refere-se a sujeitos que pensam que "os reforços não estão sob o seu control pessoal mas derivam de elementos como a sorte, o acaso e o destino (idem)". Parece poder afirmar-se que uma orientação interna está associada a uma preocupação pelo bem estar e pela saúde física bem como a uma "atitude saudável e positiva relacionada com comportamentos de competência e habilidade (Strickland - 1973, citado em Segal)". Inversamente uma orientação predominante externa tem sido relacionada com perturbações emocionais, sentimentos de depressão e reduzida preocupação ou interesse pela saúde física (Strickland - 1973, citado em Segal).

B.Segal procurou, deste modo, analisar a relação entre a dimensão I-E e o consumo de álcool e outras drogas. Numa 1a. fase da investigação os sujeitos foram classificados em: 1) não consumidores de drogas (incluindo o álcool); 2) consumidores de álcool; 3) consumidores de marijuana; 4) politoxicômanos.

O "locus de control" interno, aparecia associado a indivíduos que não usavam qualquer tipo de droga. Paralelamente, o "locus de control" externo era uma característica dos grupos que usavam diferentes tipos de drogas (álcool incluído), verificando-se uma progressão do álcool até ao consumo cumulativo de várias drogas.

Segal faz notar que os indivíduos com uma orientação externa, caracterizados como acreditando menos na possibilidade de controlar o seu próprio comportamento, podem mais facilmente usar álcool ou outras drogas, uma vez que estão menos preocupados, que os indivíduos com uma orientação interna, em controlar o seu ambiente pessoal. Além disso, o uso de álcool e outras drogas parece ser incompatível com uma "atitude orientada para a realização (Lefcourt - 1972, citado em Segal)", que é característica de uma orientação interna.

Embora pareça existir uma relação entre esta característica psicológica e o uso de álcool, os resultados de outros estudos que trataram esta questão (Baskett - 1973, citado em Segal; Carman - 1974, citado em Walker e all), não foram geralmente conclusivos.

Tem-se igualmente procurado estabelecer uma correlação entre um consumo excessivo de álcool na adolescência e a ansiedade. A maioria dos estudos reconhece que o adolescente que bebe excessivamente apresenta ní-

veis de ansiedade superiores quando comparado com os não bebedores. Williams (1968) ao analisar as características da personalidade de uma amostra de jovens universitários do sexo masculino, que apresentavam problemas relacionados com a bebida, verifica que todos eles revelam níveis de ansiedade superiores aos dos seus colegas que não usavam bebidas alcoólicas. Um estudo semelhante conduzido por Brunswick e Tarica (1974) demonstrou que os bebedores de ambos os sexos se caracterizam por preocupações mais evidentes em relação à escola, ao futuro e à saúde física. Duncan (1977) demonstra, do mesmo modo, que os consumidores de droga, apresentam níveis de "stress" significativamente mais elevados quando comparados com os não consumidores.

Outros estudos consideram que o recurso ao álcool pode constituir um meio através do qual o adolescente procure "fazer face" a uma depressão, ou a outros problemas emocionais. Spevack e Pihl (1976), concluem, por exemplo, que o utilizador de drogas se diferencia do não consumidor, essencialmente, pelos sentimentos de tristeza e pelas dificuldades que revela em conseguir uma adequada adaptação emocional.

O consumo excessivo de álcool tem sido igualmente relacionado com a impulsividade. O adolescente que abusa do álcool parece ser mais impulsivo, instável e imprevisível, quando comparado com os jovens que não bebem excessivamente (Williams - 1970; Jones - 1968). A mesma conclusão ressalta nos resultados de um inquérito realizado em 1974 (citado em Alcohol Health and Research World - 1975) (1). Nesse inquérito constata-se que os adolescentes bebedores, embora apresentando os mesmos níveis de realização e aspirações escolares, são, comparados com os não bebedores, "personalidades significativamente mais impulsivas, que assumem maiores riscos e que parecem mais motivados pelas pressões dos companheiros (Alcohol Health and Research World - 1975, p.4).

Finalmente, os resultados das várias investigações que pretendem

(1) O inquérito foi conduzido por um organismo americano denominado "National Highway Traffic Safety Administration" (NHTSA).

dar suporte teórico a uma relação entre bebida excessiva e papel sexual, têm-se revelado contraditórios e, portanto, inconclusivos. Enquanto alguns autores (Levine - 1955) afirmam que o adolescente bebedor excessivo assume um papel nitidamente feminino, outros estudos não dão qualquer suporte a estas conclusões. Zucker (1968), verifica, pelo contrário, que uma população de adolescentes bebedores excessivos obtém resultados significativamente mais "masculinos" na escala de feminilidade do "California Personality Inventory".

Como referimos no início, as investigações que se têm realizado nesta área, além de escassas, utilizam, regra geral, planos psicométricos nem sempre uniformes, dificultando, assim, o estabelecimento de conclusões generalizáveis. Numerosos autores (Reardon e Griffing - 1983; Svobodny - 1982; Mitic - 1980; Samuels e Samuels - 1974; Segal - 1974) têm vindo, no entanto, a reconhecer a necessidade de desenvolver trabalhos neste domínio, já que as conclusões que deles se extraírem, podem constituir importantes contributos para a elaboração de estratégias de prevenção. Daí, poder afirmar-se que se trata de um dos domínios dos estudos sobre o consumo de álcool e outras drogas na adolescência, a exigir investigações mais aprofundadas.

3.3. Motivação para a bebida na adolescência — uma tentativa de síntese

Por mera questão de clareza apresentamos os diferentes factores responsáveis pelo consumo de álcool na adolescência como se de factores independentes se tratasse. Verifica-se, aliás, que a maioria dos estudantes aborda este ou aquele aspecto parcelar do problema e são poucos os trabalhos que nos dão uma perspectiva integrada de como esses diferentes factores interagem de forma a explicar o aparecimento dos diferentes padrões de consumo de álcool na adolescência. A concluir este ponto, que se ocupou essencialmente da análise e discussão do significado da bebida na adolescência, pareceu-nos, assim, importante apresentar os resultados de duas investigações, que se inserem, em nosso entender, no quadro da referida perspectiva englobante dos factores que condicionam a aquisição de hábitos de bebida e um consumo excessivo de álcool neste grupo etário.

Um desses estudos foi realizado por Jessor e all (1972) e procurou "identificar um padrão de atributos de natureza psicossocial ligados ao começo da bebida no jovem (Jessor e all - 1972, p.200)". A investigação, que se prolongou por quatro anos, demonstrou que o começo da bebida está relacionado com o desenvolvimento de vários factores de personalidade, percepção do ambiente social e diferenças comportamentais específicas.

Relativamente às características de personalidade (1), Jessor constatou que o grupo bebedor valorizava mais a independência, atribuía menos importância ao aproveitamento escolar e apresentava atitudes mais tolerantes face à transgressão, quando comparado com o grupo que permaneceu não consumidor.

Quanto à variável de percepção do ambiente social, já referida no

(1) As medidas utilizadas incluem instrumentos do tipo "rating scales" e uma escala do tipo Likert para medir a dimensão control interno "versus" externo.

ponto anterior (1), ficou claro que o grupo bebedor percepcionava um maior apoio social para beber, do que o grupo não consumidor.

Finalmente, este estudo pôde demonstrar a existência de diferenças marcantes entre os dois grupos (o bebedor e o não bebedor), relativamente a determinados comportamentos actuais. Especificamente, verificou-se que o grupo bebedor apresentava um rendimento escolar inferior (2), bem como um maior envolvimento em transgressões.

Os factores analisados por Jessor, não são, na opinião deste autor, específicos do comportamento de bebida do adolescente. De facto, nas conclusões do estudo, Jessor sugere que os dados obtidos podem, de algum modo, ser generalizáveis a outros domínios do comportamento, "sempre que estejam implicadas mudanças de estatuto durante a adolescência" (1972, p.212). Mais adiante acrescenta que "vários comportamentos que significam uma mudança de estatuto, podem ocorrer simultaneamente, ou, possivelmente, sob a forma de síndrome" (idem). Se esses vários comportamentos têm em comum a função de marcar uma mudança de estatuto então "a personalidade e os factores sociais associados ao aparecimento de qualquer um, estão provavelmente associados ao aparecimento de todos eles" (idem). Obviamente que esta concepção não explica, inteiramente, porque razão certos adolescentes começam a beber e outros nunca o chegam a fazer.

No que concerne às abordagens que pretendem explicar o consumo excessivo de álcool na adolescência, deparamos, igualmente, com poucas

(1) Esta variável compreendia uma medida da percepção do sujeito relativamente ao controle exercido pela família; uma medida de oportunidade de aprender a beber e de ver esse comportamento reforçado, sobretudo pelos companheiros; e, finalmente, uma medida de percepção dos aspectos ou funções negativas associadas à bebida (esta medida reflectia, basicamente, um controle cognitivo sobre a bebida, através da antecipação das suas consequências negativas).

(2) A medida deste comportamento incluía o GPA ("Grade-Point-Average"); uma medida do sucesso escolar actual, sendo igualmente considerada um indicador de conformidade aos padrões de comportamento convencionais.

perspectivas que sejam verdadeiramente englobantes. Abandonaram-se, é certo, as teorias unidimensionais do alcoolismo e procura-se dar consistência a perspectivas mais sofisticadas, que encaram o fenómeno "como sendo o resultado de um sistema individual complexo, interagindo com a história pessoal e factores do meio" (Nathan e Lansky - 1978, p.714). A perspectiva que melhor articula esses diferentes factores é a que toma como quadro de referência os princípios de aprendizagem social em que o abuso do álcool e de outras drogas é visto como um comportamento socialmente adquirido (1). A manutenção desse comportamento depende de factores ou acontecimentos que ocorrem imediatamente antes do comportamento de bebida (antecedentes) e imediatamente depois (consequentes) (Miller e Mastria citado em Nathan e Lansky - 1978). A redução da ansiedade, o aumento do reconhecimento social e aprovação por parte dos companheiros, a capacidade aumentada para exibir um comportamento social mais variado e espontâneo, são factores que podem contribuir para a mantenção de um consumo abusivo de substâncias (Miller e Eisler - 1975).

Foram feitas já algumas tentativas de aplicação deste modelo ao comportamento de bebida do adolescente.

Uma dessas tentativas consistiu na elaboração de um questionário destinado a identificar antecedentes e consequentes específicos do comportamento de bebida do adolescente (Stumphauer - 1980).

Foram previamente estabelecidas três classes de antecedentes (acontecimentos que ocorrem imediatamente antes ou durante a bebida), considerados os mais pertinentes tendo em conta os objectivos da investigação. O primeiro conjunto de antecedentes foi designado "Social Setting Events":

(1) O álcool pode ser facilmente adquirido enquanto sintoma, pois, como demonstraram experimentalmente Dollard e Miller (citado em Peer e all - 1982), provoca um efeito paradoxal. De facto, ao mesmo tempo que reduz a ansiedade diminui, igualmente, as inibições. Ao diminuir as inibições, o álcool pode provocar um aumento da ansiedade, já que intensifica a "consciência" de conflitos previamente reprimidos. Segundo Dollard e Miller, seria a capacidade que o álcool possui de deprimir o Sistema Nervoso Central, e de diminuir os níveis de ansiedade, que lhe conferiria uma importante dinâmica reforçadora. Sobre a aplicação da teoria de Dollard e Miller ao papel que o álcool pode desempenhar na formação do sintoma Cf. Peer e all - 1982.

quem está presente e onde é que a bebida ocorre. O segundo conjunto compreendia os antecedentes da modelagem ("modeling antecedents") e analisava a importância do modelo dos companheiros na aprendizagem da bebida. Finalmente, foram incluídas questões de auto-controle, as quais tinham essencialmente a ver com crenças sobre os "malefícios" ou "ilegalidade" da bebida na adolescência e que poderiam, portanto, actuar cognitivamente no sentido de restringir ou de facilitar este comportamento.

No que diz respeito aos consequentes (acontecimentos relacionados com a bebida que ocorrem imediatamente antes ou muito depois do consumo de álcool), foram igualmente elaboradas três tipos de questões. Os efeitos da droga ("drug effects"), constituiu a primeira categoria a qual pretendia avaliar as alterações experimentadas pelo adolescente, quer imediatamente após o consumo, quer no dia seguinte. Questões relacionadas com a aprovação dos amigos e dos pais, constituíam uma segunda classe de consequentes designada reforço social ("social reinforcement"). Por último, foram incluídas questões de auto-controle sobre os resultados da bebida (em termos de "preocupação com a saúde" ou "medo de ser apanhado a beber).

Os resultados deste estudo sustentam, duma maneira geral, a perspectiva de que o uso de álcool na adolescência resulta de um processo de aprendizagem social. De facto, a presença de amigos (antecedente social), mostrou exercer uma influência significativa no uso de álcool. Paralelamente, os companheiros parecem ter desempenhado um papel de modelação muito importante: os sujeitos (1) referiam que os seus amigos já bebiam antes que aqueles tivessem começado a fazê-lo.

Quanto aos consequentes, 84% dos adolescentes mencionou um efeito

(1) A amostra utilizada nesta investigação era composta por 50 adolescentes hospitalizados num Serviço de Crise, em regime de hospitalização breve. Todos admitiam um consumo importante de álcool ("semanalmente" ou "diariamente"). Os 50 adolescentes (28 do sexo masculino e 22 do sexo feminino), tinham os seguintes diagnósticos: Reacções de Ajustamento da Adolescência (23); Tentativa de Suicídio (13); Esquizofrenia Aguda (9); Perturbações do Comportamento (3); Outros (2).

significativo resultante do consumo de álcool ("sentir-se bem" foi o efeito mais frequentemente referido). Também se verificou que os estímulos sociais contribuíam decisivamente para a aprendizagem da bebida. Imediatamente após o consumo de álcool (reforço social imediato), quer os companheiros, quer os pais, aprovavam esse comportamento num número significativo de casos (88%).

Embora o estudo apresente evidentes limitações (só são analisadas algumas das muitas variáveis implicadas; a amostra é constituída por adolescentes a receber tratamento psiquiátrico), representa, no entanto, um modelo funcional e comportamental particularmente útil para a compreensão do abuso de álcool na adolescência. O modelo abre, no entender de Stumphauer, perspectivas interessantes para o tratamento e prevenção do problema de bebida na adolescência. A utilização do grupo de pares num plano de prevenção, poderia concretizar-se, segundo Stumphauer, "aumentando o contacto dos adolescentes bebedores com modelos de companheiros que não bebem" (1980, p.281). Do mesmo modo, a influência dos pais na manutenção de padrões de uso de álcool, "é uma das questões que deve ser convenientemente analisada no decorrer da terapia, já que a família desempenha um papel central na aquisição dos hábitos de bebida na adolescência" (idem).

4. Educação e Prevenção do abuso do álcool e outras drogas na adolescência

Nesta parte do trabalho tentar-se-á examinar de maneira crítica o que até agora foi efectuado no domínio da educação relativa ao álcool e a outras drogas. Este ponto limitar-se-á, pois, a referir a abordagem preventiva que tem como base a educação no contexto do sistema escolar. Outras técnicas preventivas (campanhas de informação pública, manipulação de factores pessoais e de ambiente, etc) destinam-se, habitualmente, à população adulta e ultrapassam, por isso, o quadro deste trabalho.

A educação tem sido utilizada, nos últimos anos, como uma técnica de prevenção primária destinada a controlar o uso de drogas.

Este tipo de intervenção tem suscitado, ultimamente, um interesse cada vez maior. No que diz respeito à educação relativa ao álcool, esse interesse vem-se traduzindo num aumento notório do número de investigações nesta área, reflectindo a necessidade de encontrar uma "resposta" ao fenómeno do consumo excessivo de álcool na adolescência. Os programas até agora elaborados, evidenciam, no entanto, as dificuldades ainda existentes neste domínio de pesquisa psicológica: multiplicidade de abordagens, objectivos pouco definidos, utilização de processos de avaliação nem sempre adequados. A síntese que apresentaremos de seguida, incidirá na descrição e análise de algumas dessas dificuldades, após o que se enunciará os princípios gerais orientadores dos programas de educação sobre o álcool e outras drogas. Finalmente, será feita uma breve referência a alguns aspectos da avaliação da eficácia destes programas.

4.1. Educação sobre o álcool no sistema escolar — algumas dificuldades

É um princípio geralmente aceite que a educação sobre a saúde se mostra eficaz em promover a saúde, através, nomeadamente, da transmissão de valores e comportamentos orientados para o bem-estar físico e mental. Este princípio básico não tem sido, verdadeiramente, "objecto de uma verificação empírica, reflectindo, unicamente, os valores e as crenças que a sociedade defende acerca da Educação" (Blane - 1974, p.547).

A educação sobre o álcool e outras drogas assenta, geralmente nestes princípios gerais que caracterizam a Educação para a saúde. Antes de examinar esses princípios implícitos, impõe-se reflectir sobre os problemas que se colocam em torno deste tipo de intervenção.

Nos últimos anos têm sido feitas numerosas tentativas para desenvolver programas, na sua maioria de origem Americana, cujo objectivo consiste em reforçar a moderação na bebida e prevenir o aparecimento de padrões de consumo abusivo de álcool na adolescência. As opiniões relativas à eficácia destes programas não são inteiramente convergentes. Há quem considere que a educação, não sendo necessariamente eficaz, apresenta, no entanto, perspectivas animadoras quanto ao futuro (Dearden e all - 1971), enquanto que, para outros autores, ela é sobretudo um meio de fornecer informação e de desfazer certos mitos acerca do álcool. Outros investigadores consideram a educação sobre o álcool uma tentativa infrutífera para reduzir o consumo (Gliksman e all - 1980; Bruen - 1977; Chafetz e Dumone - 1962).

Segundo H.Blane (1974) não é possível, no estado actual dos nossos conhecimentos, responder à questão da eficácia da educação sobre o álcool. Tal facto fica a dever-se, na opinião de Blane, à enorme dispersão da literatura sobre a avaliação da eficácia dos programas. Com efeito "foi criado um corpo de conhecimentos desarticulados acerca da educação sobre o álcool, muitos deles impressionistas e fundamentados na fé, alguns reflectindo um conhecimento sólido e profundo, mas poucos baseados numa sólida evidência ou representando uma recolha de informação e experiência nesta área (Blane - 1974, p.548).

Mesmo reconhecendo a "utilidade" destes programas, muitos autores que os avaliaram criticamente acabaram por apontar várias deficiências, a ponto de propor tipos de programas alternativos (Spath e Rosenthal - 1980). Este aspecto será, no entanto, abordado quando se analisar os princípios gerais e a filosofia subjacente a estes programas.

Outras questões subsidiárias podem ainda levantar-se relativamente à utilização dos programas de educação sobre o álcool. Uma dessas questões consiste em saber, por exemplo, se os agentes devem ser professores ou pessoal especializado. Embora a maioria dos programas considere os professores a "chave" da implementação do programa (DiCicco - 1978), cer

tos autores advogam, no entanto, que em "áreas" que envolvam estilos de comportamento os professores tendem a ter uma fraca credibilidade aos olhos dos alunos sobretudo quando são evidentes as discrepâncias entre a descrição feita pelo professor e a observação feita pelo aluno (Blane - 1974, p.548). Paralelamente, a natureza autoritária da relação professor-aluno dificultaria, na opinião de alguns autores, a implementação dos objectivos do programa, já que os adolescentes que bebem excessivamente apresentariam atitudes negativas em relação à autoridade, representada na figura do professor (Davies e Stacey - 1972).

Existem ainda outro tipo de dificuldades específicas da educação sobre o álcool e que não se colocam quando se trata de prevenir o consumo do tabaco ou das chamadas drogas ilícitas. Essas dificuldades têm essencialmente a ver com as características da mensagem em relação ao álcool que deve ser transmitida ao adolescente. De acordo com M. Grant (1980), a mensagem a transmitir em relação ao álcool deve ser necessariamente "mais ambígua e menos unívoca", que para o tabaco e as outras drogas (1).

A necessidade de uma definição mais precisa e rigorosa dos objectivos da educação sobre o álcool tem igualmente vindo a ser referida por vários autores (2). A classificação dos vários programas já elaborados, tendo por base os objectivos a atingir, possibilitaria fazer escolhas mais fundamentadas quanto à pessoa do educador (pais, professores, especialistas não relacionados com a escola), bem como aos locais onde os esforços educativos deveriam ser preferencialmente utilizados (família, escola, "mass-media", etc.).

M. Grant (1980), agrupa os objectivos dos vários programas de edu

(1) Terá sido esta uma das razões que tem tornado mais lento e difícil o processo de avaliação da eficácia relativa das diversas estratégias que têm sido aplicadas.

(2) Randall e Wong (citado em Spoth e Rosenthal - 1980), consideram que a maioria dos programas não podem ser adequadamente avaliados por não possuírem objectivos claramente definidos.

cação sobre o álcool em seis estratégias que passaremos a descrever.

A primeira estratégia tem por objectivo promover um consumo moderado, chamando a atenção para a quantidade de álcool consumido, no sentido de estabilizar o consumo abaixo de certos limites. Neste caso, as técnicas educativas visam desenvolver no adolescente um sistema de auto-controle e utilizam, frequentemente, abordagens behavioristas, como o reforço das competências interpessoais. Outros programas insistem, preferencialmente, nos aspectos socio-culturais de consumo de álcool.

A segunda estratégia tem como objectivo diminuir as ocasiões e os motivos para beber. A hipótese subjacente a esta estratégia é a de que existem determinadas situações que favorecem um consumo excessivo de álcool. Procura-se, deste modo, estudar as circunstâncias em que ocorre o consumo de álcool, bem como as razões dadas pelo adolescente para "justificar" esse uso: Uma tal educação relativa ao álcool constitui, regra geral, um dos elementos de um programa educativo mais vasto, que sublinha a importância do processo de tomada de decisão e que engloba, igualmente, outras dificuldades do comportamento (sexual, social ...). A aprendizagem de competências de relação interpessoal assume, nesta estratégia, um lugar ainda mais importante que na estratégia precedente, pois, pretende-se que o adolescente "manipule toda uma série de circunstâncias, adquirindo, nomeadamente, um sistema de resposta flexível a essas circunstâncias (ex. pressão do grupo)" (Grant - 1980, p.7).

A terceira estratégia pretende diminuir os efeitos negativos de um consumo abusivo. O acento é, então, colocado na informação sobre as consequências negativas de um consumo excessivo. Os programas centram-se "sobre problemas largamente reconhecidos e importantes para o público visado" (idem, p.8). Entre esses problemas, figuram a discussão de temas relacionados com a condução em estado de embriaguês, e os efeitos negativos do uso de álcool sobre o rendimento intelectual ou desportivo, actividades muito valorizadas, usualmente, pelo jovem.

Uma das estratégias mais utilizadas no domínio das drogas e que tem sido adaptada ao álcool, consiste em propor alternativas ao uso desta substância. Esta estratégia (a 4a.), tem por base o princípio de que os jovens bebem por falta de alternativas aceitáveis. Os programas visam, assim, encorajar os jovens a examinar as possibilidades de descobrir acti

vidades alternativas mais aliciantes, mas também a "modificar os modelos existentes de valorização cultural em que o consumo de álcool ocupa uma posição privilegiada enquanto comportamento apropriado ao qual se sacrifica tempo e dinheiro" (idem, p.9).

A quinta estratégia relaciona-se com a educação que tem por objectivo incentivar o adolescente a aceitar ajuda o mais cedo possível. Trata-se, obviamente, de uma abordagem que se destina a jovens que apresentem problemas relacionados com o álcool. Fundamenta-se no princípio de que os problemas relativos ao álcool serão mais eficazmente resolvidos se forem detectados numa fase precoce.

Finalmente, a sexta estratégia prende-se com a educação que tem por objectivo influenciar os pais e/ou outras pessoas significativas do universo social do adolescente. Procura-se, com esta abordagem, que certos adultos (pais, professores, desportistas, etc.), que exercem uma influência notória na vida do adolescente, desempenhem um papel educativo activo e, sobretudo, adoptem atitudes e comportamentos capazes de influenciar positivamente o comportamento de bebida do adolescente. Trata-se, na expressão de Grant, de uma abordagem em "2º grau", no sentido de que a população-alvo não são os próprios adolescentes mas aqueles que influenciam as suas atitudes e comportamentos.

Esta sistematização das estratégias existentes no domínio da educação sobre o álcool permite, segundo M. Grant, avaliar e comparar os métodos, objectivos e populações-alvo dos diferentes programas já elaborados ou a elaborar (1).

(1) Para além desta possibilidade (e embora se trate de uma taxonomia muito simples) o autor considera possível efectuar uma escolha dos métodos mais apropriados, em função dos objectivos de cada programa. A este propósito, Grant dá como exemplo, um programa que tivesse por objectivo diminuir o número de ocasiões para beber e outro que procurasse abrir um debate sobre o consumo moderado. Na 1ª. situação seria de privilegiar os métodos educativos activos enquanto que na 2ª. o ênfase seria colocado na transmissão de informação e os métodos poderiam ser, assim, mais passivos.

Apresentamos algumas dificuldades que se colocam relativamente à implementação de programas de educação no contexto escolar. Embora se assista ainda a um debate sobre o tipo de abordagem mais indicada a seguir (ex. fornecer informação versus clarificar os valores do indivíduo, etc.), o aspecto essencial prende-se, todavia, com a eficácia dos programas de educação, duma maneira geral. De facto, o estado actual dos conhecimentos sobre os programas de educação sobre o álcool e outras drogas, não permite, ainda, avaliar com rigor os efeitos desta intervenção. É possível que esta dificuldade tenha algo a ver com a utilização de instrumentos inapropriados. Retomaremos, no entanto, este problema quando se abordar, na conclusão, alguns aspectos da avaliação da eficácia dos programas de educação sobre o álcool.

4.2. Perspectivas actuais relativas à educação sobre o álcool e outras drogas

A abordagem tradicional no que concerne a prevenção do uso de drogas, baseava-se largamente em fornecer informação factual acerca da história, acção e perigos das várias substâncias. A utilização de tais abordagens produzia, muitas vezes, efeitos contrários aos desejados. De facto, a análise das afirmações de estudantes que tinham participado neste tipo de intervenção, revelava que o interesse e a curiosidade acerca das drogas aumentara consideravelmente com o emprego destes métodos (Dearden e all - 1971). Por outro lado, se o objectivo do sistema educativo era o de diminuir o consumo de drogas, isso significava que era necessário produzir modificações no comportamento dos jovens. Tendo presente este propósito, tem-se posto em questão o princípio de que uma abordagem exclusivamente baseada na informação possa conduzir a uma alteração dos padrões de consumo. Aubrey (citado em Spoth e Rosenthal - 1980), por exemplo, defende que é inadequado sublinhar as componentes didácticas e de informação, já que a curiosidade do adolescente acaba por o impelir a fazer a experimentação da substância. Para outros autores (Anhalt e Klein - 1976), terá sido o enfatizar desta componente de informação que provocou o aparecimento de atitudes por vezes contrárias à implementação de programas destinados a modificar o comportamento relativamente ao uso de drogas. Em

reação a estas críticas têm vindo a ser experimentadas outras abordagens. Bearden e all (1971), por exemplo, desenvolveram um método de educação sobre drogas baseado essencialmente na dinâmica de grupo e utilizando técnicas tipicamente não-directivas. As directrizes iniciais do programa, foram seleccionadas com base nos seguintes conceitos: 1) O objectivo essencial do programa consistia em modificar o comportamento dos estudantes em relação ao uso de drogas; 2) O desenvolvimento do programa teria de incluir, desde o início, uma participação activa dos estudantes; 3) Seria necessário introduzir, em consequência deste último ponto, modificações no tipo de relação professor-aluno; 4) A aprendizagem seria facilitada se os alunos tivessem alguma autonomia em relação ao conteúdo e aos métodos do programa; 5) Finalmente, o professor teria como função essencial, criar uma atmosfera no seio do grupo que conduzisse a um desenvolvimento pessoal e a um aumento das competências interpessoais. O orientador deveria, ainda, proporcionar aos alunos uma descoberta progressiva das razões que constituíam o fundamento das suas atitudes acerca das drogas.

Um processo idêntico operou-se no que diz respeito à educação sobre o álcool. A maioria dos programas estabelecem como objectivo geral "prevenir o uso irresponsável (1) de álcool, encorajando o desenvolvimento das atitudes características dos grupos constituídos por bebedores moderados e que apresentam índices muito baixos de alcoolismo" (Williams e all - 1967, p.687). Procura-se, deste modo, proporcionar ao adolescente uma oportunidade de examinar as suas próprias atitudes e práticas em relação à bebida, para além de fornecer informação sobre o álcool e os seus efeitos de forma a que o adolescente seja capaz de tomar "decisões responsáveis". Com efeito, "o princípio de que o adolescente é capaz de tomar decisões responsáveis, é um ingrediente necessário num programa de educação

(1) Usualmente considera-se "comportamento responsável em relação à bebida" aquele que não provoca consequências sociais negativas ou que não conduz ao alcoolismo (Williams e all - 1967).

sobre o álcool" (Unterberger e DiCicco - 1968, p.21). Os programas centram-se, assim, na informação e atitudes acerca do uso de álcool de que resultem práticas de bebida responsáveis. De acordo com Williams e all (1967), existem três atitudes que se espera estejam correlacionadas com um comportamento de bebida responsável: a tolerância em relação ao indivíduo não consumidor; a tolerância em relação ao uso moderado de álcool; e a intolerância relativamente a um consumo excessivo de álcool ou à sua utilização para "resolver" dificuldades psicológicas.

Embora os programas de educação sobre o álcool utilizem uma grande diversidade de métodos, quase todos privilegiam as técnicas de discussão em pequenos grupos e fazem apelo a uma participação activa dos estudantes. Usualmente, esses grupos são constituídos por 8-12 alunos, além de um adulto que assume o papel de moderador. O orientador do grupo é responsável por incentivar a expressão espontânea das atitudes, favorecendo o debate quando surgem diferenças de opinião. A intervenção do orientador destina-se, ainda, a "clarificar e aprofundar os temas que vão sendo sucessivamente tratados, além de fornecer informação especializada em momentos oportunos da discussão" (Unterberger e DiCicco - 1968, p.24). A formação destes orientadores consegue-se, habitualmente, com um período de treino mínimo que oscila entre as oito e as dez horas. A formação inclui informação acerca da bebida em geral e da bebida na adolescência em particular, bem como uma análise das atitudes do orientador relativamente ao problema da tomada de decisões responsáveis acerca do uso de álcool na adolescência (DiCicco - 1978). Duma maneira geral, este tipo de intervenção aplica-se a adolescentes que não apresentam problemas relacionados com o consumo de álcool.

Muitos programas integram igualmente estratégias de clarificação de valores. Chafetz (1974), defende, por exemplo, que qualquer programa de educação sobre o álcool deverá, necessariamente, centrar-se na clarificação dos valores e no processo de decisão do adolescente. Por vezes, à medida que os jovens progridem no processo de clarificação dos seus valores, alguns programas "confrontam" o adolescente com a necessidade de fazer uma escolha. Habitualmente essa escolha é feita utilizando uma es-

tratégia de ordenação dos valores ("value ranking") (1). A actividade de ordenação ("ranking"), pode estar relacionada com o uso de drogas (2) mas não é necessário que tal aconteça sempre.

Spoth e Rosenthal (1980), depois de terem sumariamente revisto a literatura sobre o consumo de álcool na adolescência e a opinião de alguns autores sobre as prioridades no domínio da educação sobre o álcool, concluem pela necessidade de elaborar um programa compreensivo que esteja baseado no desenvolvimento de um certo número de competências. Os objectivos e componentes de um tal programa, poderiam ser assim sumarizados (3):

1. Aumentar os conhecimentos do indivíduo acerca do álcool.
2. Influenciar as atitudes do indivíduo em relação ao consumo individual de álcool.
3. Aumentar a capacidade do indivíduo clarificar os seus valores.
4. Aumentar as competências de tomada de decisão.
5. Aumentar as competências que têm a ver com a redução da ansiedade.
6. Melhorar as competências de relação interpessoal.
7. Atingir bons resultados escolares e aumentar a participação na escola.

(1) Este procedimento é utilizado, nomeadamente, num programa elaborado em 1976 pelo Departamento de Educação da Universidade de Nova York.

(2) Por ex.: Ordene de 1 a 5 as drogas que lhe dariam maior satisfação/prazer quando fossem usadas:

- cigarros
- marijuana
- álcool
- aspirinas
- cafeína

(3) Spoth e Rosenthal - 1980, p.214 e seguintes.

8. Aumentar, duma maneira geral, a participação do indivíduo em comportamentos alternativos à escola e promover um auto-conceito positivo.

Esta proposta representa já uma tentativa de integrar diferentes objectivos (fornecer informação, analisar as atitudes, clarificar os valores ...), que são por vezes especificados isoladamente noutros programas.

4.3. Conclusão

Os vários programas de educação sobre o álcool orientam-se, actualmente, pelos princípios gerais que acabamos de enunciar. As diferentes possibilidades de "operacionalizar" estes objectivos gerais tem a ver com a necessidade de adaptar o programa às características específicas da população-alvo e às atitudes prevalecentes na comunidade onde possa ser aplicado. Assim, por exemplo, enquanto que, em grande número de programas, o orientador é de facto um adulto, noutros programas os estudantes mais velhos servem de "modelo" aos estudantes mais novos. Trata-se, normalmente, de programas em que alunos Universitários apoiam estudantes do ensino secundário nas disciplinas em que estes revelam dificuldades de aprendizagem, ajudando-os, simultaneamente, a "explorar o processo de decisão que acompanha o uso responsável de bebidas alcoólicas" (Alcohol Health and Research World - 1974, p.6). Outros programas utilizam a pressão do grupo de pares para reduzir o consumo de álcool. Os programas de prevenção centrados nos companheiros ("peer centered prevention program"), pretendem desenvolver competências de relação interpessoal bem como atitudes "saudáveis" em relação ao álcool em estudantes considerados "líderes" pelos seus companheiros, de forma a que aqueles possam exercer uma influência positiva nestes últimos.

Um problema que se coloca neste domínio é, como já se referiu, o da eficácia deste tipo de intervenção. Tem sido feitos alguns esforços no sentido de avaliar em que medida os objectivos de um programa são atingidos. A avaliação incide, regra geral, nas atitudes e conhecimentos do adolescente em relação ao álcool. Assim, as atitudes do adolescente

"são comparadas com as atitudes de grupos que bebem moderadamente ou através da influência de bebedores excessivos entre os jovens" (Unterberger e DiCicco - 1968, p.27). Os métodos utilizados variam conforme o programa. É, no entanto, muito frequente o recurso a escalas de atitudes e questionários que incluem questões sobre diferentes aspectos do comportamento de bebida. Muitas vezes os resultados das escalas de atitudes são correlacionados com os índices de consumo de álcool e com os problemas de comportamento resultantes de um consumo excessivo (Glicksman e all - 1980). Certos resultados de trabalhos de avaliação, têm demonstrado que, com o tempo, pode ocorrer uma "regressão" nos níveis de informação e atitudes (Williams e all - 1967). Esta constatação sugere a necessidade de um reforço periódico das novas competências e atitudes. Permanece, no entanto, em aberto a questão que consiste em saber quanto será necessário reforçar essas competências e atitudes até que estas se possam considerar adquiridas (DiCicco - 1976). Para muitos autores, o problema essencial da avaliação continua a ser o da utilização de instrumentos inapropriados. Assim sendo, há quem chame a atenção para a importância de assegurar a validade e fidelidade dos instrumentos (Glicksman e all - 1980).

PARTE II

PADRÕES DE USO DE ÁLCOOL NUMA AMOSTRA DE ESTUDANTES
DO ENSINO SECUNDÁRIO DA ZONA DO PORTO

(estudo exploratório)

1. INTRODUÇÃO

Uma grande porção da investigação que se tem desenvolvido na área do consumo de drogas na adolescência tem-se centrado, quer nas características psicológicas dos consumidores (Mitic - 1980; Wright - 1977), quer nas diversas abordagens de tratamento e prevenção (Spath e Rosenthal - 1980), quer ainda nos factores que podem constituir bons preditores do consumo de substâncias (Kandel e Faust - 1975).

Um dos processos que tem sido utilizado para predizer o consumo de álcool e/ou outras drogas na adolescência, consiste em utilizar a relação significativa que tem sido encontrada entre aquela variável e determinadas variáveis demográficas ou de "background". Estas variáveis incluem, entre outras, a idade, o sexo (Wechsler e Macfadden - 1976), a presença de um membro alcoólico na família (Bernes - 1977), o comportamento de bebida dos pais e as suas atitudes em relação ao consumo de álcool (Jessor e Jessor - 1975). Estudos precedentes têm igualmente demonstrado a existência de uma associação significativa entre consumo excessivo de álcool e fraco rendimento escolar (Smart e Fejer - 1972) ou entre uso imoderado de álcool e consumo cumulativo de outras drogas (Block e Goodman - 1978).

No estudo exploratório que efectuamos, seleccionamos um conjunto de variáveis que, de acordo com o resultado de outras investigações, apresentam validade preditiva em relação ao comportamento de bebida na adolescência. Trata-se, basicamente, de variáveis que se têm revelado capazes de operar discriminações na área do uso do tabaco, álcool e outras drogas na adolescência (Potvin e Lee - 1980; Pandina e White - 1981; Svobodny - 1982; Zourbas et al. - 1979).

Os objectivos específicos deste estudo exploratório consistiram, deste modo, em examinar a prevalência do uso de álcool junto da população inquirida. Utilizamos, para isso, um índice de quantidade-frequência (Q-F) de consumo de álcool, o qual permitiu a classificação dos indivíduos em três categorias (bebedor ocasional, regular e importante), correspondendo a três níveis diferenciados de consumo. Estes níveis foram posteriormente relacionados com as seguintes variáveis:

- sexo e idade;

- três variáveis relacionadas com o meio familiar ("tipo" de família; comportamento de bebida dos pais e percepção do estilo educativo);
- duas variáveis relacionadas com a escolaridade (aproveitamento escolar e níveis de aspirações escolares);
- duas variáveis relacionadas com o consumo de outras drogas (tabaco e drogas ilícitas).

2. MÉTODOS

2.1. Escolha das turmas e administração do questionário

A amostra escolhida para o presente estudo compreende 312 estudantes a frequentar o 9º, 10º e 11º anos em 6 escolas secundárias situadas na Zona do Porto (1).

No total, foram seleccionadas, de forma aleatória, 15 turmas no conjunto de todas as turmas do 9º, 10º e 11º anos das 6 escolas que participaram no estudo (uma turma de cada ano por escola). Dos 312 adolescentes que constituíam a amostra, 171 eram do sexo feminino e 141 do sexo masculino e tinham idades compreendidas entre os 14-19 anos.

A base empírica do estudo é constituída por um questionário (2), cujo preenchimento ocupa cerca de um tempo lectivo. Foi assegurado aos participantes na investigação a completa confidencialidade no tratamento dos dados, tendo-se pedido que não escrevessem o nome no questionário. No sentido de aumentar a motivação dos estudantes (e assegurar, simultaneamente, uma maior objectividade nas respostas), referia-se ainda o facto de estarem a participar num trabalho científico, sendo por isso, importante responder com rigor e seriedade às questões de forma a que os resultados pudessem ter efectivo interesse.

A anteceder a administração do questionário foi enviada uma carta aos conselhos directivos das escolas que colaboraram no estudo (anexo 1), em que se explicitavam os objectivos do trabalho ao mesmo tempo que se solicitava autorização para o realizar. Posteriormente era efectuado um contacto pessoal com um elemento do conselho directivo de forma a prestar quaisquer esclarecimentos complementares.

(1) As escolas que participaram no estudo foram as seguintes: Escola Secundária Carolina Michaëlis, Escola Secundária de Garcia da Horta, Escola Secundária da Rainha Santa Isabel, Escola Secundária Filipa de Vilhena, Escola Secundária Oliveira Martins e Escola Secundária Infante D. Henrique.

(2) A metodologia utilizada para a elaboração do questionário é apresentada no ponto seguinte.



Devido às ausências, o questionário só foi preenchido por 115 alunos do 9º ano (cerca de 82% do total), 117 do 10º (84% do total) e 80 do 11º (57% do total).

2.2. Elaboração do questionário

2.2.1. Selecção dos itens

2.2.1.1. Definição dos objectivos do questionário

A selecção inicial de um universo de itens partiu da delimitação dos objectivos gerais que estiveram na base da elaboração do questionário (investigação exploratória sobre a extensão e padrões de uso de álcool numa população de adolescentes). Foram, assim, previamente definidas algumas áreas do comportamento de bebida do adolescente (e.g. quantidade e frequência de consumo de álcool, quando, com quem e onde são consumidas as bebidas alcoólicas, motivações para o consumo, etc.), as quais deveriam ser traduzidas em itens. Seria ainda importante relacionar esta informação mais específica com determinadas variáveis (e.g. sexo, idade, comportamento de bebida dos pais, etc.), que estudos precedentes têm demonstrado estar associadas a um consumo excessivo de álcool na adolescência.

2.2.1.2. Critérios de selecção dos itens

Uma vez especificado o conteúdo do questionário, procedemos à escolha das questões propriamente ditas. Começou por se efectuar uma reflexão "teórica", baseada na análise dos temas da literatura sobre o consumo de álcool e outras drogas na adolescência, que têm sido mais exhaustivamente analisados. Essa reflexão resultou, largamente, da revisão da literatura que efectuamos e cujas principais conclusões foram apresentadas no capítulo anterior.

Paralelamente, conduzimos uma entrevista de grupo junto de 20 alunos a frequentar o 10º ano de escolaridade na Escola Secundária nº 2 de

Matosinhos (1). A entrevista, que utilizou uma abordagem semi-directiva, destinou-se a recolher informação sobre:

- motivos que levam os jovens a consumir álcool e outras drogas;
- factores que favorecem uma maior "vulnerabilidade" para o uso de certas drogas.

Os aspectos mais significativos que a entrevista pode destacar foram os seguintes:

- o uso de álcool e tabaco têm, muitas vezes, como função promover uma melhor integração do adolescente no grupo;
- o consumo excessivo de álcool está por vezes associado a ocasiões de comemoração (festas, convívios);
- o grupo de companheiros condiciona o facto de se poder vir ou não a beber. Em grupos de bebedores, o jovem pode experimentar um certo mal-estar pelo facto de não utilizar álcool;
- o consumo de tabaco e de álcool pode significar um meio do adolescente se aproximar da geração adulta;
- o adolescente mais novo (12-13 anos), teria tendência a imitar os modelos apresentados quer pelos pais quer pelos companheiros;
- o consumo excessivo de álcool e outras drogas (exceptuando o uso excessivo de álcool em certas ocasiões de comemoração), poderia constituir um modo do jovem fazer face a certos "problemas" pessoais (fracasso escolar, por exemplo).

Completou-se esta informação com a análise de alguns instrumentos

(1) Como o estudo exploratório que efectuamos abrangeu uma população do 9º, 10º e 11º anos, pensou-se que a opinião de adolescentes a frequentar o 10º ano poderia ser representativa dessa população.

utilizados neste domínio (1), tendo a versão final do questionário recebido algumas das questões nelas contidas. Outros itens, embora inspirados num ou noutro daqueles instrumentos, foram, no entanto, sujeitos a importantes modificações formais que referiremos ao abordar a estrutura do questionário.

Com base nos dados obtidos através dos procedimentos descritos, foi elaborada uma primeira versão do questionário, a qual foi posteriormente discutida e analisada numa reunião em que participaram vários profissionais com experiência no tratamento do alcoolismo.

Finalmente, a versão provisória do questionário foi administrada a uma amostra-piloto constituída por 32 alunos a frequentar o 11º ano da Escola Secundária nº 2 de Matosinhos. Pretendeu-se com este procedimento:

- verificar a clareza e precisão das questões;
- estabelecer uma reflexão sobre os resultados obtidos de forma a avaliar se a ordem das questões seria a mais correcta.

Após a administração do questionário procedeu-se a uma discussão livre com os alunos com o objectivo de precisar as principais dificuldades encontradas (2).

Analisadas as respostas bem como as sugestões feitas pelos alunos,

(1) Entre os instrumentos a que tivemos acesso refira-se o "Adolescent Alcohol Involvement Scale-AAIS" (Mayer e Filstead - 1979); um questionário sobre o consumo de álcool e outras drogas elaborado por Lamontagne e Tetreault (1979); e o questionário utilizado para o estudo "Alcoolismo e Adolescência" apresentado no II Congresso Português de Psiquiatria da Adolescência e Juventude (1982).

(2) Esta discussão livre insere-se nos objectivos do trabalho de pilotagem do questionário e procura verificar se as diferentes questões são correcta e univocamente interpretadas.

foram introduzidas as seguintes modificações:

- completou-se a informação de 2 questões que se revelaram omissas;
- modificou-se a apresentação do quadro onde eram resumidos os dados sobre a profissão e habilitações escolares dos pais;
- alterou-se a apresentação gráfica da questão nº 20 (motivos para beber), através, nomeadamente, de uma melhor demarcação de cada um dos 3 grupos de "motivos" propostos.

2.2.2. Estrutura do questionário -- tipo e sequência das questões

O questionário compreende duas áreas distintas: uma, mais geral, relacionada com a escolaridade e o ambiente familiar; outra, mais específica, que inclui diversas questões sobre o comportamento de bebida do adolescente. Alguns itens são apresentados sob a forma de quadros (questões nº 1, 3, 5 e 11), permitindo, assim, resumir os dados parciais recolhidos. Outras questões são precedidas de um pequeno texto destinado a descrever e explicitar o comportamento que se pretende avaliar. A descrição do comportamento, para além de permitir uma melhor compreensão do tipo de informação que é pedida, assegura uma maior participação dos inquiridos (e.g. diminui a culpabilidade).

Foi também dedicada uma atenção especial à sequência das questões. Embora o questionário seja constituído por questões "factuais" (1) (à excepção do item 22), uma parte da informação que se pretende recolher incide sobre comportamentos socialmente não aceitáveis (frequência de estados intoxicação, por exemplo), ou mesmo ilegais (consumo de drogas). Daí se ter incluído as questões mais "impessoais" no início e só depois serem

(1) O adjectivo "factual" é aqui utilizado para diferenciar este tipo de questões de outras, que tratam essencialmente de conhecimentos, motivos ou atitudes (Oppenheim - 1976).

apresentados os itens susceptíveis de gerar maiores resistências (1). Procurou-se ainda assegurar uma passagem progressiva das questões com características mais objectivas para as questões mais "delicadas". Para tal incluiu-se uma questão (a nº 10) sobre "hábitos alimentares" e um quadro em que é pedido que se refira o tipo de bebidas utilizadas habitualmente.

2.3. Medidas

As medidas de consumo de álcool foram estandardizadas através da utilização de questões desenvolvidas pelo National Institute on Alcoholism and Alcohol Abuse (NIAAA - 1975), num estudo realizado a nível nacional (E.U.A.) sobre o comportamento de bebida do adolescente. As questões investigam a frequência e quantidade com que cada uma das bebidas (cerveja, vinho e bebidas destiladas) são utilizadas.

As respostas a estas questões foram posteriormente analisadas com base na classificação do comportamento de bebida proposta por Davidson (2) (citado em C.Marechal - 1981), já apresentada no capítulo anterior. De acordo com esta classificação, as respostas dos sujeitos foram agrupadas em três categorias, correspondendo a um número igual de níveis de consumo:

- nível 0 -- não consumo e/ou consumo não diário (consumidor ocasional);

(1) Duma maneira geral, em questões que procuram informação acerca de comportamentos que são reprovados moderadamente, pode ser suficiente oferecer aos inquiridos um determinado número de categorias previamente elaboradas. Em todo o caso "a criação de uma atmosfera permissiva ao longo de todo o questionário, a par da garantia de anonimato, podem ajudar bastante a resolver esse problema (Oppenheim - 1976, p.64).

(2) As definições de consumo variam, como se procurou demonstrar, de país para país e mesmo de estudo para estudo. No presente estudo adoptamos a classificação francesa por nos parecer a mais próxima dos padrões de bebida nacionais.

- nível 1 - consumo regular (1 a 2 copos de vinho ou cerveja por dia ou um cálice de álcool destilado uma vez por semana);

- nível 2 - consumo importante (3 ou mais copos de vinho ou cerveja por dia ou mais de um cálice de álcool destilado por semana).

3. RESULTADOS

Antecedendo a análise global dos resultados, procedemos à codificação das respostas do questionário, com vista ao posterior tratamento estatístico através do computador. Deste modo, cada resposta ficou associada a uma posição no ficheiro e a um ou mais números. O tratamento estatístico dos dados foi efectuado com base num programa (Frequências esperadas e contribuições para χ^2) (1). A utilização de uma prova estatística não paramétrica (o χ^2) ficou a dever-se ao tipo de informação contida nesta amostra. De facto, os métodos paramétricos aplicam-se ao tratamento de dados simplesmente classificativos (i.e. medidas em escalas nominais).

3.1. Repartição da população consumidora de álcool por níveis de consumo

A fig.1 mostra a prevalência do uso de álcool na amostra que serviu de base ao presente estudo. De acordo com a classificação que utilizamos,

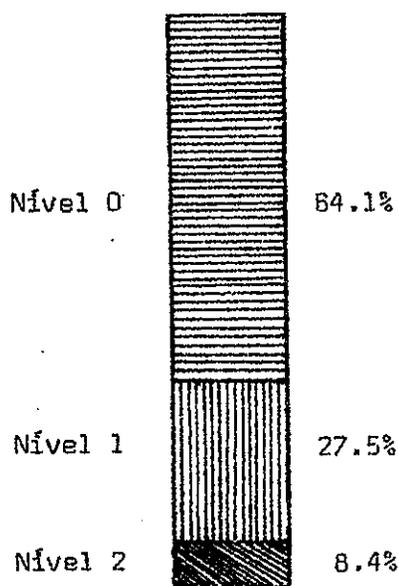


Fig.1 Classificação do comportamento de bebida em função dos níveis de consumo (em%).

(1) O recurso a este programa só foi possível graças à colaboração da Dra. Denisa Mendonça e Dra. Carolina Costa e Silva, a quem agradecemos.

64.1% dos adolescentes situam-se no nível 0 (consumidores ocasionais), 27.5% no nível 1 (consumidores regulares) e 8.4% no nível 2 (consumidores de uma quantidade importante de álcool).

3.2. Diferenças quanto ao sexo

Resultados distintos emergiram em relação ao sexo. Esses dados são apresentados na fig.2. Como se pode observar, a percentagem de consumidores regulares de álcool é substancialmente superior nos indivíduos do sexo masculino (34% vs. 22%). De notar ainda que o consumo importante (nível 2) aparece, neste estudo, como um comportamento essencialmente mascu-

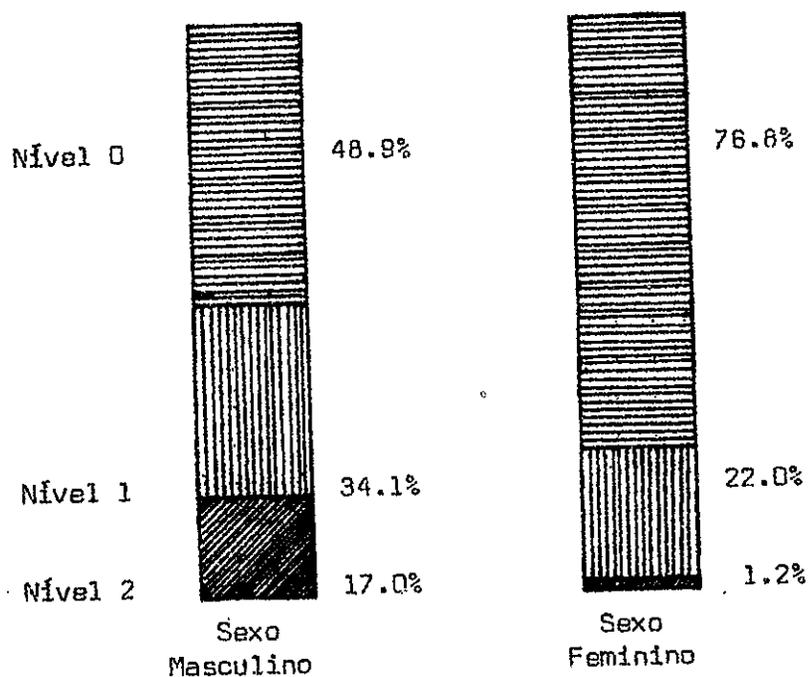


Fig.2 Classificação do comportamento de bebida por sexo (em %).

lino. Com efeito, a percentagem de indivíduos do sexo masculino que relata um consumo importante de álcool atinge 17% contra somente 1.2% de indivíduos do sexo feminino.

O quadro I mostra as frequências observadas e esperadas (estas entre parêntesis) para cada sexo em função dos diferentes níveis de consumo de álcool. Constatamos que o valor do χ^2 obtido ($\chi^2 = 36.1374$; g.l. = 2) é significativo muito além do nível .001 (1), pelo que se deverá concluir que a variável sexo não é independente dos níveis de consumo de álcool.

Quadro I Níveis de consumo de álcool por sexo

Niv. Sexo Consumo de Alcool	Feminino	Masculino	Total
0	129 (107,7)	69 (90,3)	198
1	37 (46,2)	48 (38,8)	85
2	2 (14,1)	24 (11,9)	26
Total	168	141	309

$$\chi^2 = 36.1374$$

$$g.l. = 2$$

$$p = .0000$$

Não respondem e dados não apurados - 3

(1) Na interpretação do χ^2 obtido, os valores de probabilidade inferiores a 5% ($p < .05$) são, em geral, considerados como conduzindo à rejeição da hipótese de independência.

3.3. Idade e consumo de álcool

A fig.3 apresenta a repartição do consumo de acordo com a idade. O exame das diferenças em relação a esta variável, revela que o consumo importante se manifesta aos 15 anos (4.1% dos estudantes), verificando-se, um aumento evidente aos 16 anos (10.7%). Entre os 16 e os 18 anos

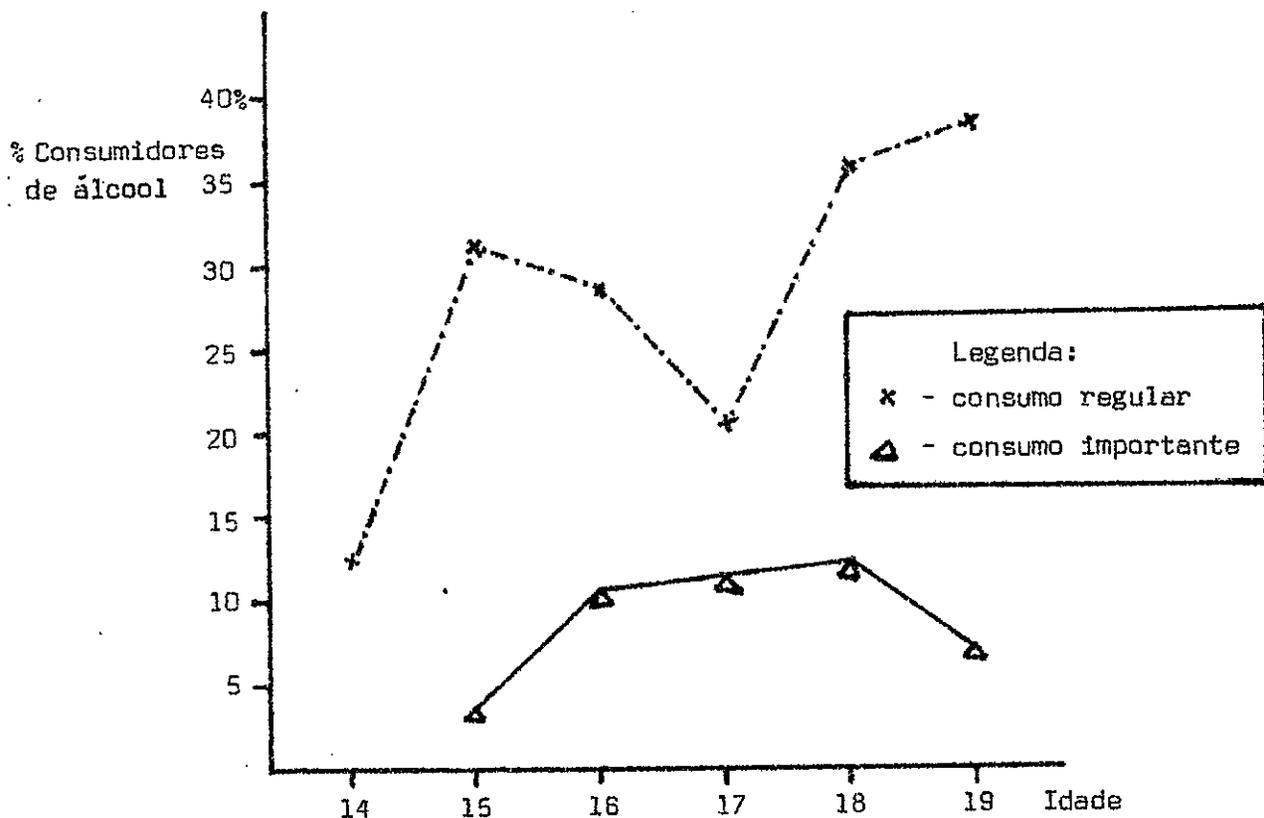


Fig.3 Percentagem de consumidores de álcool por idade

observa-se uma tendência para a estabilização do consumo importante, o qual atinge percentagens muito próximas (11.8% aos 17 anos e 12.8% aos 18 anos). A evolução do consumo regular nas várias idades obedece a um padrão distinto. Constatamos, por exemplo, um aumento notório dos utilizadores regulares de álcool aos 15 anos, (31.1% contra 12.9% aos 14 anos). A verificação de uma progressão do consumo regular à medida que a idade aumenta é contrariada aos 17 anos, onde se observa uma diminuição relevante na percentagem de

consumidores regulares (20.6% aos 17 anos; \bar{X} na população total - 27.5%). A percentagem de consumidores regulares, atinge no entanto o seu ponto mais elevado aos 19 anos (38.5%).

Com base nestes dados poder-se-á talvez concluir que o consumo excessivo parece obedecer a um padrão de desenvolvimento nas idades de 14-18 anos, mas a mesma constatação já não é possível fazer em relação aos consumidores regulares, cujas percentagens de utilização de álcool, mostram inequívocas discrepâncias consoante a idade.

No quadro II podem ver-se as frequências observadas e esperadas com vista à obtenção do valor χ^2 (os dados de consumo de álcool dos níveis 1 e 2 foram agregados). A relação entre tipo de consumidor e idade é globalmente significativa ($p < .05$).

Quadro II Níveis de consumo de álcool por idade

Niv. Idade Consumo de Álcool	14	15	16	17	18	19	Total
0	27 (19.9)	48 (47.4)	50 (53.8)	46 (43.6)	20 (25.0)	7 (8.3)	198
1e2	4 (11.1)	26 (26.6)	34 (30.2)	22 (24.4)	19 (14.0)	6 (4.7)	111
Total	31	74	84	68	39	13	309

$$\chi^2 = 12.1589$$

$$g.l. = 5$$

$$p < .05$$

Não respondem e/ou dados não apurados - 3

3.4. Influências familiares no uso de álcool

3.4.1. Comportamento de bebida dos pais

Os resultados de numerosos estudos indicam que o adolescente tem uma maior probabilidade de ser consumidor excessivo se os seus pais forem utilizadores de álcool. No presente estudo, analisou-se a relação entre estas duas variáveis. A fig.4 mostra a percentagem de pais consumidores (1), para cada um dos três níveis de consumo de álcool (apresentamos igualmente a média obtida para a população total). Como se pode

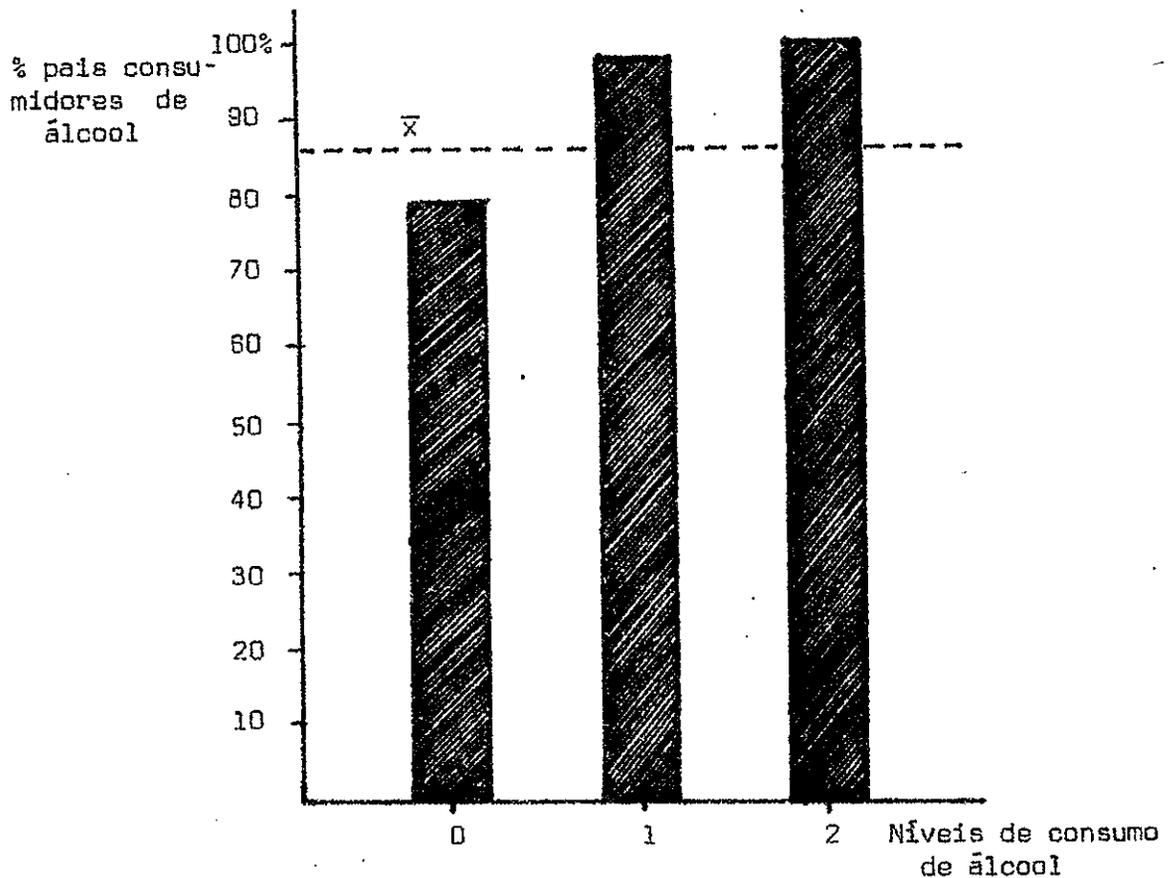


Fig.4 Relação entre o uso de álcool pelos pais e o uso de álcool pelos adolescentes (em %)

(1) Considerou-se "utilizador de álcool" a família em que pelo menos um dos pais consome regularmente bebidas alcoólicas.

observar, os adolescentes que relatam um consumo importante são, na sua totalidade provenientes de famílias em que pelo menos um dos pais utiliza regularmente bebidas alcoólicas. Verificamos, no entanto, um certo número de exceções a este padrão. De facto, 78.8% dos adolescentes que referem um consumo ocasional (nível 0), são originários de famílias em que um dos progenitores consome álcool regularmente. Do mesmo modo, nos utilizadores regulares (nível 1), só 2.4% dos pais não usam bebidas alcoólicas. Estes resultados podem explicar-se pelo facto de a percentagem de pais consumidores ser inegavelmente superior à percentagem de adolescentes que bebem (85.8% vs. 35.9%). Esta constatação contraria os resultados de outras investigações (Cf. Barnes - 1981), que sugerem uma aproximação entre os padrões de bebida do adolescente e dos pais.

Os dados deste estudo confirmam, dum modo geral, os resultados de outros trabalhos em que o uso de álcool pelos pais aparece significativamente associado ao uso de álcool pelo adolescente. Com efeito, como se pode ver no quadro III, o valor do X^2 obtido ($X^2 = 22.0341$; g.l. = 2) permite rejeitar a H_0 a um nível de significância inferior a .0001 ($p < .0001$).

Quadro III Comportamento de bebida dos pais e níveis de consumo de álcool

Nív. Consumo de álcool \ Comport. de bebida dos pais	Consumidores	Não Consumidores	Total
0	156 (169.8)	42 (28.2)	198
1	83 (72.9)	2 (12.1)	85
2	28 (22.3)	0 (3.7)	26
Total	265	44	309

$$X^2 = 22.0341$$

$$g.l. = 2$$

$$p = .0000$$

Não respondem e/ou dados não apurados - 3

3.4.2. "Tipo" de família e consumo de álcool

Alguns estudos têm evidenciado uma relação significativa entre um consumo excessivo de drogas (álcool incluído) e o facto do adolescente pertencer a famílias em que só está presente um dos progenitores, normalmente a mãe.

No quadro IV mostram-se os resultados obtidos. Como se pode observar o valor de χ^2 é de 1.6711 (g.l. = 2). A probabilidade associada à ocorrência, sob H_0 , de um tal valor, está entre 0.50 e 0.30. Este valor de p não nos autoriza, pois, a rejeitar a H_0 ao nível de significância de .05 (o valor de significância requerido para o nível de 5% é de 5.99).

Quadro IV Relação entre níveis de consumo de álcool e "tipo" de família

Nív. Consumo de Álcool \ "Tipo" de Família	Pais juntos	Pais separados (morte, divórcio)	Total
0	178 (178,8)	20 (19,2)	198
1	79 (76,7)	6 (8,3)	85
2	22 (23,5)	4 (2,5)	26
Total	279	30	309

$$\chi^2 = 1.6711$$

$$\text{g.l.} = 2$$

$$p = .4336$$

Não respondem e dados não apurados - 3

Embora estes dados não permitam rejeitar a hipótese da independência das duas variáveis em estudo, parece-nos tratar-se de uma relação que necessita de uma análise mais aprofundada. Se é certo que a ausência de um progenitor (por morte ou divórcio), tem sido referenciada como um importante precipitador do uso de álcool e outras drogas na adolescência, não é menos verdade que este factor se encontra, frequentemente, associado a um baixo estatuto sócio-económico (Svobodny - 1982). Este aspecto não foi, no entanto, analisado no presente estudo. De notar ainda que as investigações que abordam a influência da família no comportamento de bebida do jovem e/ou no consumo de drogas, valorizam, essencialmente, quer a qualidade da relação pais-criança, quer o efeito de modelagem dos pais nas práticas de bebida do adolescente (Cf. o ponto 3.1.1. do capítulo anterior). Tem sido menos estudada e apresentando até conclusões discrepantes (1) a relação entre casal dissociado e o consumo de drogas pelo adolescente.

3.4.3. Percepção do "estilo" educativo

No contexto das influências familiares, procurou-se ainda analisar relação entre o consumo de álcool e a percepção que os adolescentes detinham acerca do modo como eram educados pelos pais (permissivamente vs. autoritariamente). Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas ($\chi^2 = 1.6938$; g.l. = 2; $p > .05$) entre as três categorias de consumidores de álcool e a percepção que relatavam acerca do "estilo" edu-

(1) Consultem-se, a este propósito, as conclusões de um estudo apresentado pela Dra. Manuela Mendonça e outros no VII Congresso Internacional para a Problemática da Droga, realizado em Lisboa, em 1977. De acordo com os resultados dessa investigação, não foi possível estabelecer uma relação entre casal dissociado e o uso de diversos tipos de droga pelo adolescente.

cativo praticado pelos pais (Quadro V). Existem algumas explicações possíveis para estes resultados. Observe-se, em primeiro lugar, que quando alguns autores (Cf. Baumrind, citado em Glinn - 1981) se referem a um control demasiado rígido em questões de disciplina, como um factor precipitador do consumo de drogas, não distinguem, necessariamente, o uso do álcool do uso de outras drogas. Talvez esta relação se verifique para o consumo de drogas ilícitas e não se aplique ao uso do álcool pelo adolescente. Por outro lado, estes dados não elucidam a qualidade da relação pais-adolescente, mas tão somente a percepção que o adolescente manifes-

Quadro V Relação entre níveis de consumo de álcool e percepção do estilo educativo (permissivo vs. autoritário)

Estilo Nív. Educativo / Consumo de Álcool	Permissivo	Autoritário	Total
0	135 (139,6)	55 (50,4)	190
1	64 (60,9)	19 (22,0)	83
2	20 (18,4)	5 (6,6)	25
Total	219	79	298

$$\chi^2 = 1,6649$$

$$g.l. = 2$$

$$p. = .4214$$

Não respondem e dados não apurados - 14

ta acerca do "estilo" educativo praticado pelos pais. Consequentemente, seria incorrecto inferir uma "relação adolescente-pais negativa" (Tudor, Peterson e Elipson, citado em Reardon et al. - 1981, p.36), só porque o adolescente percepçiona o "estilo" educativo dos pais como "autoritário".

3.5. Aproveitamento escolar e consumo de álcool

A fig.5 mostra a percentagem de reprovações (1) para cada um dos níveis de consumo de álcool. No sentido de possibilitar uma análise mais de-

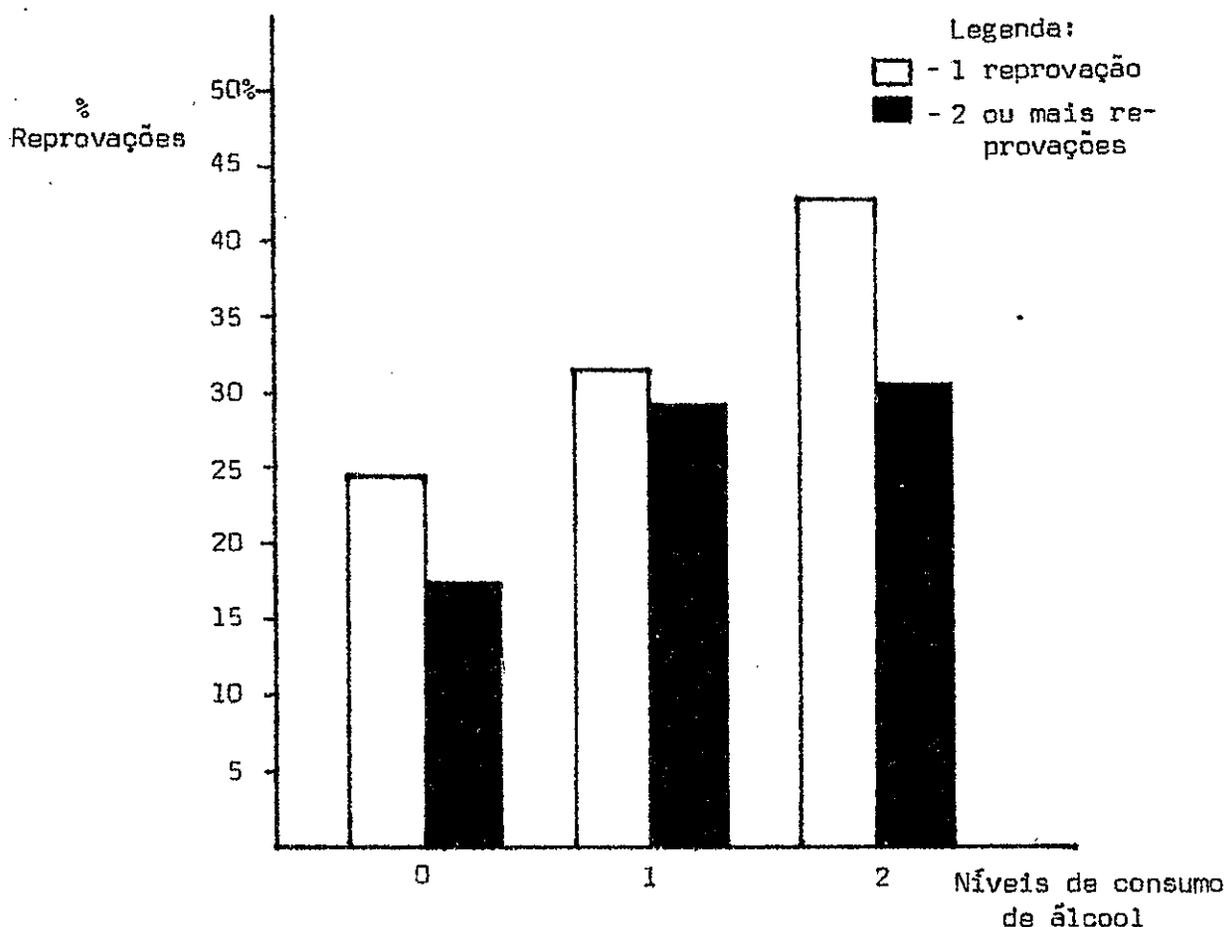


Fig.5 Percentagem de reprovações em função dos níveis de consumo de álcool

talhada dos resultados, agruparam-se os sujeitos que referem uma única reprovação e aqueles que referem duas ou mais reprovações. O exame do gráfico revela diferenças evidentes. Assim, os estudantes que consomem uma quantidade importante de álcool (nível 2), apresentam as percentagens mais elevadas de reprovações: 42.3% já reprovaram uma vez e 30.8% referem ter reprovado mais que duas vezes. Contrariamente, os consumidores ocasionais (nível 0), relatam 24.9% e 17.8% de reprovações, respectivamente para uma e mais que duas reprovações. Finalmente, os utilizadores regulares de álcool (nível 1), mostram percentagens de reprovações que se situam entre os valores apontados para os níveis 0 e 2. Especificamente, 31.8% reprovou pelo menos uma vez e 29.4% duas ou mais vezes.

No quadro VI estão indicadas as frequências observadas e esperadas com vista ao cálculo do X^2 . O valor do X^2 é de 14.6717 (g.l. = 4).

Quadro VI Aproveitamento escolar e níveis de consumo de álcool

Nº de Niv. Reprovações de Consumo de Álcool	Nunca	Uma vez	Mais do que uma vez	Total
0	113 (97,9)	49 (55,6)	35 (43,5)	197
1	33 (42,2)	27 (24,0)	25 (18,8)	85
2	7 (12,9)	11 (7,3)	8 (5,7)	26
Total	153	87	68	308

$$X^2 = 14.6717$$

$$g.l. = 4$$

$$p = .0054$$

Não respondem e dados não apurados - 4

Este valor permite rejeitar a H_0 ao nível de significância de .01 ($p < .01$). Concluímos, pois, pela existência de uma associação estatisticamente significativa entre o número de reprovações e os diferentes níveis de consumo de álcool. Estes resultados são, aliás, consistentes com os dados de outros estudos em que o consumo excessivo de álcool surge associado a um fraco rendimento escolar (Smart e Fejer - 1972; Kane e Patterson - 1972).

3.6. Consumo de álcool e níveis de aspirações escolares

Os dados precedentes demonstraram a existência de uma relação significativa ($p < .01$) entre a variável rendimento escolar e o consumo de álcool. Procedeu-se também ao exame da relação entre as aspirações escolares e os níveis de consumo de álcool. Definimos dois grupos de respostas, a que correspondem dois níveis distintos de aspirações escolares. O primeiro grupo inclui, justamente, as respostas dos estudantes que apresentam como expectativa escolar máxima a conclusão do curso geral e/ou complementar do ensino secundário (1); os sujeitos que referem a conclusão de um Curso Universitário como o nível mais elevado de escolaridade que pensam poder vir a atingir, constitui o segundo grupo de respostas. Se examinarmos as respostas em função dos níveis de consumo de álcool, constatamos poucas diferenças. No total da amostra, 79.1% dos inquiridos pretendem vir a concluir um Curso Universitário. Deste total, só os estudantes que se situam no nível 1 (Fig.6), apresentam uma percentagem inferior aquela média (71.1%). Os sujeitos que se situam nos níveis 0 e 2, referem este objectivo em percentagens basicamente semelhantes (82.2% e 80.8%, respectivamente). Consequentemente, são também os sujeitos que relatam um consumo regular de álcool (nível 1), os que apresentam os níveis de aspirações escolares mais baixos

(1) Como a presente amostra inclui alunos a frequentar o 9º, 10º e 11º anos de escolaridade, não nos pareceu importante diferenciar entre os alunos que apresentam como aspirações escolares máximas a conclusão do Curso Geral e aqueles que pretendem concluir o Curso Complementar.

(28.9% têm como expectativa escolar máxima a conclusão do Curso Geral e/ou Complementar; \bar{X} na população total - 20.9%).

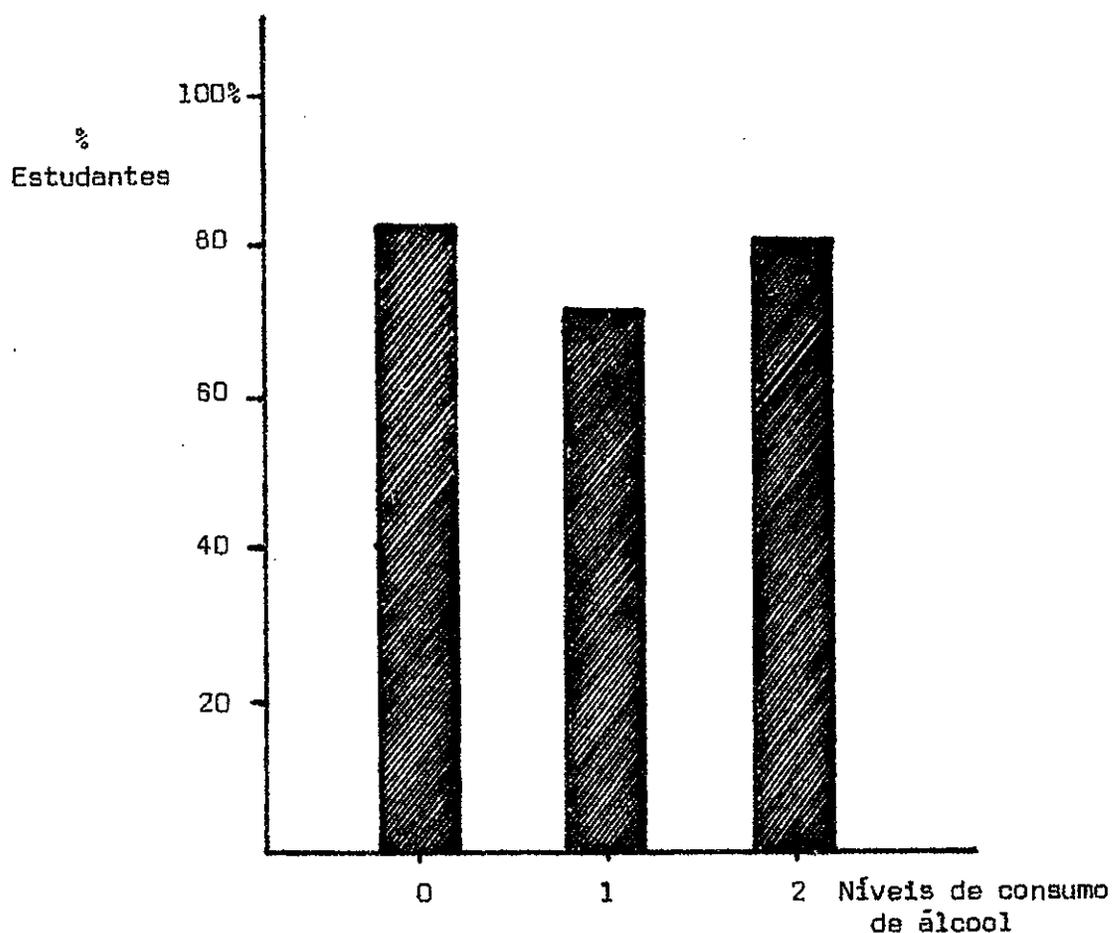


Fig.6 Percentagem de estudantes que pretendem concluir um Curso Universitário em função dos níveis de consumo de álcool

A associação entre níveis de aspirações escolares e níveis de consumo de álcool não é globalmente significativa ($\chi^2 = 4.4373$; g.l. = 2; $p = .1088$), como se pode deduzir do exame do quadro VII.

Os estudos sobre as aspirações escolares do adolescente que consome álcool excessivamente são uma área negligenciada da investigação (Cf. Walker et al. - 1978). Na presente amostra, os dados que obtivemos sugerem que o consumo de álcool não parece "afectar" as expectativas escolares dos estudantes embora apareça significativamente relacionado com os níveis de "realização" escolar.

Quadro VII Aspirações escolares e níveis de consumo de álcool

Aspirações Nív. Escola Consumo de de Álcool	Curso Geral ou Complementar	Curso Universitário	Total
0	35 (41,2)	162 (155,8)	197
1	24 (17,4)	59 (65,6)	83
2	5 (5,4)	21 (20,6)	26
Total	64	242	306

$$\chi^2 = 4.4373$$

$$g.l. = 2$$

$$p = .1088$$

Não respondem e/ou dados não apurados - 6

3.7. Consumo cumulativo

3.7.1. Álcool e tabaco

Na fig.7 é examinada a relação entre o consumo de tabaco e os diferentes níveis de consumo de álcool. As respostas relativas ao consumo de tabaco foram agrupadas em três categorias: não-consumo; até 10 cigarros por dia; e mais de 10 cigarros por dia. Como se pode observar, a percentagem de utilizadores ocasionais de álcool que fumam é, no total de 18.2%; deste total são 2% dos estudantes referem um consumo de tabaco de "mais de 10 cigarros/dia". Esta percentagem sobe, no entanto, para 29.4%

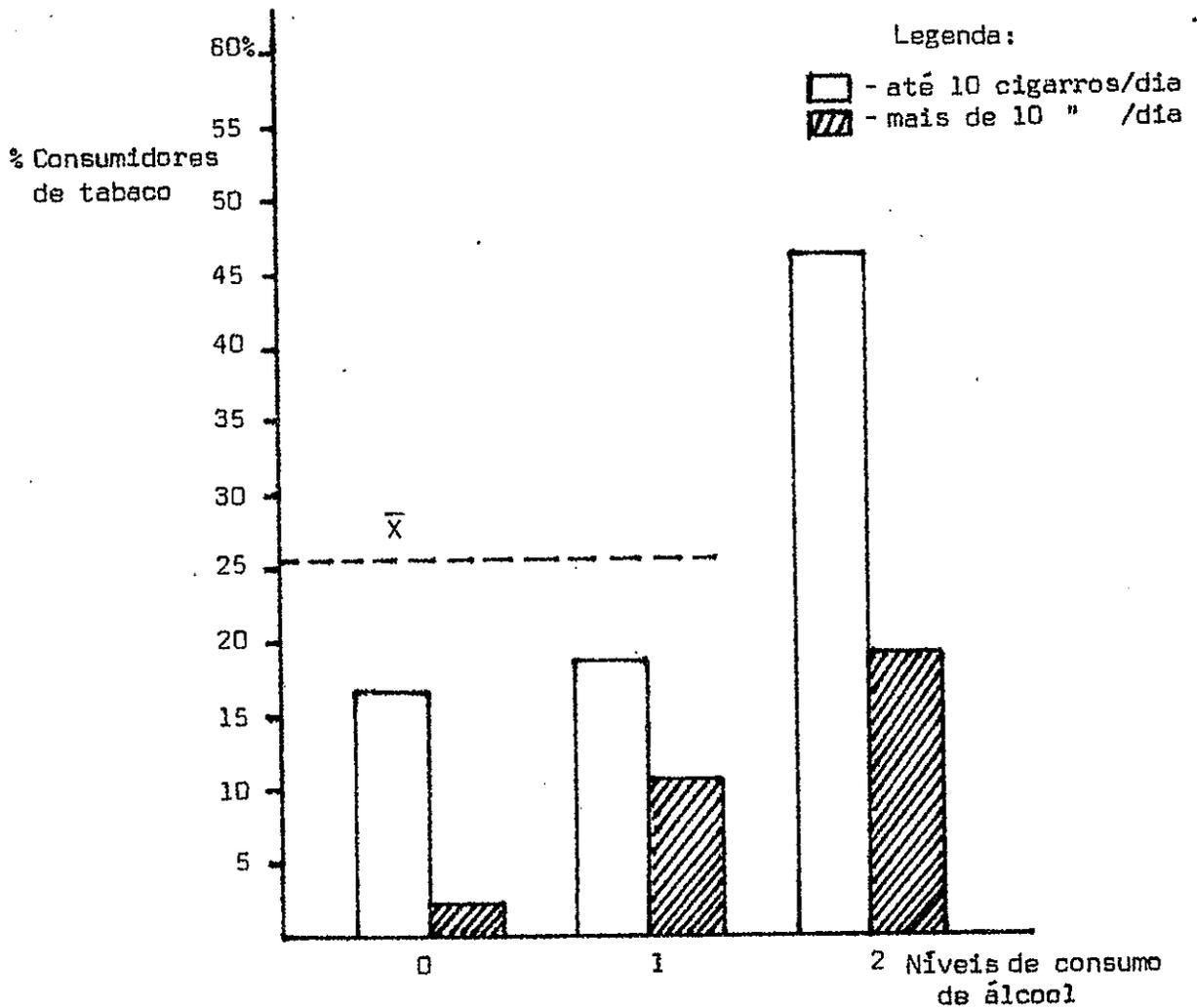


Fig.7 Percentagem de consumidores de tabaco em função dos níveis de consumo de álcool

nos consumidores regulares (dos quais 10.6% consomem diariamente mais de 10 cigarros). Nos estudantes que utilizam álcool em quantidades importantes (nível 2), encontramos as percentagens de consumo de tabaco mais elevadas: 64.4% fumam e destes 19.2% consomem mais de 10 cigarros por dia. A percentagem de fumadores no total da amostra que serviu de base a este estudo foi de 25.2%.

O quadro VIII mostra as frequências observadas e teóricas com vista ao cálculo do valor X^2 . Como se pode verificar, a associação entre níveis de consumo de álcool e consumo de tabaco (1) é altamente significativa ($p < .0001$).

Quadro VIII Consumo de tabaco em função dos níveis de consumo de álcool

Consumo de Nív. tabaco / Consumo de Álcool	Fumadores	Não-fumadores	Total
0	36 (50,0)	162 (148,0)	198
1	25 (21,5)	60 (63,5)	85
2	17 (8,6)	9 (19,4)	26
Total	78	231	309

$$X^2 = 28.2154$$

$$g.l. = 2$$

$$p = .0000$$

Não respondem e/ou dados não apurados - 3

(1) Para o cálculo do valor X^2 considerou-se uma única categoria de "fumadores" a qual engloba os sujeitos que relatam um consumo de tabaco de até 10 cigarros/dia e mais de 10 cigarros/dia.

3.7.2. Álcool e drogas ilícitas

A fig.8 mostra a percentagem de consumidores de drogas (1) em função dos níveis de consumo de álcool. A percentagem de estudantes que já utilizaram drogas (2), oscila entre 3.5% nos consumidores ocasionais de álcool e 29.2% nos estudantes que consomem álcool numa quantidade importante (nível 2), sendo de 10.6% nos consumidores regulares (\bar{x} na população total - 7.5%).

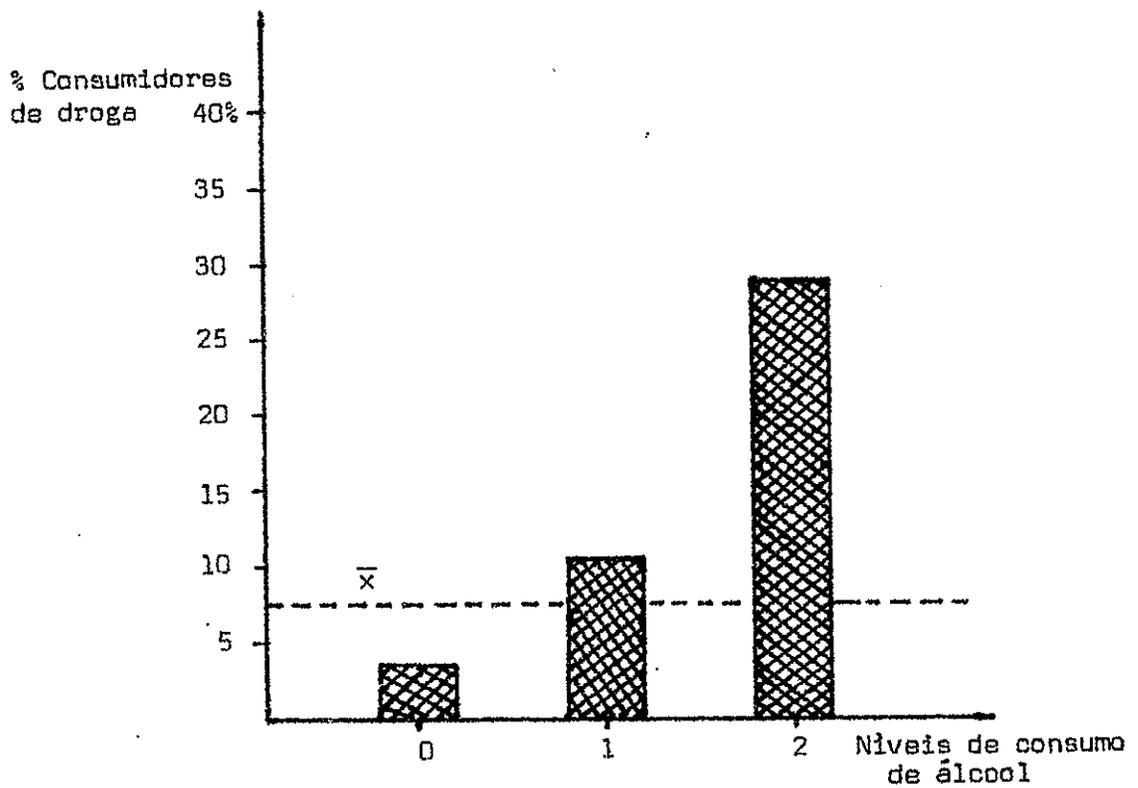


Fig.8 Relação entre consumo de drogas e consumo de álcool

(1) Na categoria "utilizadores de drogas", incluímos os estudantes que referem um consumo "ocasional" e "regular".

(2) Não nos interessou, atendendo às características deste estudo e ao tamanho da amostra, especificar, no questionário os diferentes tipos de droga.

Para o cálculo do valor χ^2 , agrupamos, como já referimos, os sujeitos que relatam um consumo "ocasional" e "regular", tendo assim obtido uma única categoria de "utilizadores de droga". Este procedimento impôs-se, porquanto ao estabelecer aquela distinção se verificou que mais de 20% das células apresentavam frequências teóricas inferiores a 5, havendo, além disso, 2 frequências esperadas com valores inferiores a 1. Num situação deste tipo, a prova χ^2 não pode ser válidamente aplicada (Cohran - 1954). A possibilidade de conjugar classificações adjacentes com o objectivo de aumentar o valor das frequências esperadas, justifica-se desde que "não se deturpe a verdadeira significação dos dados (Siegel - 1977, p.123)".

A associação entre tipo de consumidor de álcool e as duas categorias, resultantes da conjugação que efectuamos (utilizadores vs. não utilizadores), revelou-se altamente significativa. De facto, a probabilidade associada à ocorrência, sob H_0 , do valor obtido de $\chi^2 = 29.2156$ (g.l. = 2), não ultrapassa o valor de .0001 (quadro IX).

Quadro IX Consumo de drogas em função dos níveis de consumo de álcool

Consumo de Niv. droga / Consumo de Álcool	Nunca	Já utilizou	Total
0	190 (181,0)	7 (16,0)	197
1	76 (78,1)	9 (6,9)	85
2	17 (23,9)	9 (2,2)	26
Total	283	25	308

$$\chi^2 = 29.2159$$

$$g.l. = 2$$

$$p = .0000$$

Não respondem e/ou dados não apurados - 4

4. DISCUSSÃO E CONCLUSÃO

Esta investigação exploratória identificou um conjunto de variáveis que estudos precedentes têm demonstrado estar significativamente associadas ao consumo de álcool na adolescência. Os dados que apresentamos fornecem, entretanto, suporte a algumas conclusões gerais.

Verificamos, em primeiro lugar, que o uso de álcool varia significativamente consoante o sexo dos sujeitos e que o consumo importante aparece como um comportamento essencialmente masculino.

No que concerne as diferenças em relação à idade, é de realçar que a utilização imoderada de álcool parece seguir um padrão de desenvolvimento nas idades de 15-18 anos, constituindo os 15 anos, a idade crítica da iniciação. Esta observação é de grande importância pois sugere que os esforços preventivos fariam sentido a partir desta altura.

O presente estudo demonstrou, igualmente, que o comportamento de bebida do adolescente é fortemente influenciado pelo uso de álcool pelos pais. Estes resultados, são, aliás, consistentes com os dados de outras investigações (e.g. Christiansen e Goldman - 1983, p.251), que consideram o uso de álcool pelos pais como um dos mais importantes determinantes do consumo de álcool pelo adolescente.

Duas variáveis relacionadas com o meio familiar, não surgem, neste estudo exploratório, associadas ao consumo de álcool pelos adolescentes. Essas variáveis referem-se à ausência na família de um dos progenitores (por morte ou divórcio) e à forma como o adolescente percepção o "estilo" educativo praticado pelos pais (classificado em autoritário vs. permissivo). Já foram apresentadas algumas explicações possíveis para estes resultados. De notar, no entanto, que, relativamente a esta última variável, o método utilizado não teria, eventualmente, possibilitado uma avaliação rigorosa da forma como os adolescentes percepcionavam o "estilo" educativo praticado pelos pais. A natureza dicotómica da questão, limitava as opções dos inquiridos e não permitia avaliar as "nuances" nas respostas. Esta variável poderia ser melhor investigada através, por exemplo, da elaboração de uma lista de características de comportamento relacionadas com diferentes "estilos" educativos, previamente definidos, que seriam ordenados pelos sujeitos de acordo com a importância

que lhes atribuíssem. Este procedimento permitiria, talvez, uma maior diferenciação das respostas e uma análise mais rigorosa dos resultados.

Este estudo exploratório só se deteve na análise de alguns factores ligados ao meio familiar, que estudos precedentes têm demonstrado estar associados a um consumo excessivo de álcool e outras drogas na adolescência. Alguns dados sugerem, no entanto, a existência de uma relação significativa entre a quantidade de álcool ingerida pelos pais e os níveis de consumo dessa substância pelo adolescente. Este factor (i.e. a quantidade de álcool ingerida pelos pais em cada ocasião), tem sido referido por alguns autores (Cf. Lawrence e Vellerman - 1974), como exercendo uma influência preponderante no uso de álcool pelo adolescente. No contexto das influências familiares no uso de drogas (e muito particularmente no uso de álcool), seria ainda importante analisar as atitudes globais dos pais face ao uso de álcool e de outras drogas pelo adolescente. Este aspecto tem sido igualmente considerado um bom preditor do consumo de álcool na adolescência (Alexandre e Campbell - 1967).

Os resultados que apresentamos acentuam ainda a importância que revestem os padrões de uso múltiplo no problema do consumo de drogas. De facto, um dos mais significativos resultados deste estudo é a relação significativa encontrada entre consumo de álcool e tabaco e consumo de álcool e drogas ilícitas. Estes dados vão, aliás, ao encontro dos resultados de vários trabalhos que descrevem uma sequência definida no uso de drogas pelo adolescente (Pandina e White - 1981; Lotocka e Lassleben - 1981). Duma maneira geral esses estudos indicam que as drogas "legais" como o álcool e o tabaco são fortes precursores de um consumo das chamadas drogas ilícitas. Admite-se, igualmente, que quanto mais precoce for a iniciação do adolescente ao álcool ou a outras drogas, mais rapidamente poderá desenvolver uma toxicod dependência (Jessor e Jessor - 1975). A um nível pragmático, estes resultados podem ter implicações significativas. Poder-se-à, eventualmente, questionar as estratégias preventivas centradas exclusivamente na prevenção do abuso do álcool ou destinadas a evitar "apenas" o consumo de drogas ilícitas.

Os resultados deste estudo indicaram ainda uma relação significativa entre rendimento escolar e consumo de álcool. Os dados sugerem, com efeito, que o jovem que utiliza álcool em maiores quantidades e mais fre-

quentemente, tem tendência a apresentar um maior número de reprovações escolares. Para alguns autores (e. g. Svobodny - 1982, p.850), esta associação seria o resultado de um desinteresse pelas actividades escolares e teria menos a ver com as capacidades intelectuais dos adolescentes consumidores de substâncias, os quais são, muitas vezes, descritos pelos professores como possuindo capacidades "médias" ou acima da média. Para Jessor et al.(1975), o uso excessivo de álcool poderia significar um modo do adolescente lutar contra o fracasso ou a sua antecipação através de um comportamento sintomático. De acordo com esta interpretação, o consumo abusivo seria uma "consequência" de fracassos escolares.

O presente estudo investigou a relação entre um conjunto de variáveis e diferentes padrões de bebida nos jovens. É sabido que o consumo excessivo de álcool e outras drogas não pode ser atribuído a um único factor. A associação significativa entre determinadas variáveis e o consumo de álcool possibilita, por outro lado, a identificação de adolescentes em alto risco por utilização de padrões de consumo excessivo, ao mesmo tempo que permite estabelecer estratégias de prevenção e tratamento destes comportamentos sintomáticos. Este estudo só analisou algumas dessas variáveis. Seria importante alargar esta análise a outras variáveis, e não só aquelas que a literatura existente tem demonstrado exercer um efeito indiscutível no consumo de drogas na adolescência.

ANEXO 1

CARTAS AOS CONSELHOS DIRECTIVOS DAS ESCOLAS



UNIVERSIDADE DO PORTO

FACULDADE DE PSICOLOGIA
E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Rua das Taipas, 76 — Telef. 310230

4000 Porto - Portugal

Ofício nº 25/SAD/1983

Exm^o Senhor
Presidente do Conselho Directivo da
Escola Secundária da Rainha Santa Isabel
PORTO

Estando JORCE NUNO NEGREIROS D^o CARVALHO, assistente da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto a realizar um estudo sobre o consumo de álcool na população estudantil da zona do Porto, vem esta Faculdade solicitar ao Conselho Directivo autorização para a passagem de um questionário no dia 6 de Maio nas seguintes turmas da escola:

- 9^o ano turma G
- 10^o ano turma F
- 11^o ano Turma A

A passagem do questionário terá a duração de um tem o lectivo.
Será feito um contacto pessoal c/v. Ex^{te} para esclarecimentos complementares.

Com os melhores cumprimentos,

Porto, 19 de Abril de 1983

O DOCENTE

Jorge Nuno Negreiros de Carvalho



UNIVERSIDADE DO PORTO
FACULDADE DE PSICOLOGIA
E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Rua das Taipas, 76 — Telef. 310230

4000 Porto - Portugal
Offício nº 26/SAD/1983

Exm^o Senhor
Presidente do Conselho Directivo
da Escola Secundária Infante D. Henrique

Estando JORGE NUNO NEGREIROS DE CARVALHO, assistente da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto a realizar um estudo sobre o consumo de álcool na população estudantil da zona do Porto, vem esta Faculdade solicitar ao Conselho Directivo autorização para a passagem de um questionário no dia 27 de Abril nas seguintes turmas da escola:

- 9^o ano turma B
- 10^o ano turma C
- 11^o ano turma J

A passagem do questionário terá a duração de um tempo lectivo. Será feito um contacto pessoal c/ V. Ex^o para esclarecimentos complementares.

Com os melhores cumprimentos,

Porto, 19 de Abril de 1983

O DOCENTE

Jorge Nuno Negreiros de Carvalho



UNIVERSIDADE DO PORTO
FACULDADE DE PSICOLOGIA
E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
Rua das Taipas, 76 — Telef. 310230
4000 Porto - Portugal

Ofício nº 27/SAD/1983

Exm^o Senhor
Presidente do Conselho Directivo
da Escola Secundária Oliveira Martins
Porto

Estando JORGE NUNO NEGREIROS DE CARVALHO, assistente da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto a realizar um estudo sobre o consumo de álcool na população estudantil da zona do Porto, vem esta Faculdade solicitar ao Conselho Directivo autorização para a passagem de um questionário nos dias 28 e 29 nas seguintes turmas da escola:

- 9^o ano turma B (dia 28 às 17h 30m)
- 10^o ano turma F (dia 29 às 13h 30m)
- 11^o ano turma E (dia 28 às 15h 30m)

A passagem do questionário terá a duração de um tempo lectivo. Será feito um contacto pessoal c/ V. Ex^ã para esclarecimentos complementares.

Com os melhores cumprimentos,

Porto, 19 de Abril de 1983

O DOCENTE

Jorge Nuno Negreiros de Carvalho



UNIVERSIDADE DO PORTO
FACULDADE DE PSICOLOGIA
E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
Rua das Taipas, 76 — Telef. 310230
4000 Porto - Portugal

Ofício nº 31/SAD/1983

Exm^o Senhor
Presidente do Conselho Directivo da
Escola Secundária Carolina Michaelis
Porto

Estando JORGE NUNO NEGREIROS DE CARVALHO, assistente da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto a realizar um estudo sobre o consumo de álcool na população estudantil da zona do Porto, vem esta Faculdade solicitar ao Conselho Directivo autorização para a passagem de um questionário no dia 10 de Maio nas seguintes turmas da escola:

- 9^o ano turma N - 3^a feira dia 10 ao 7^o tempo
(14h 30m) (24 alunos)
- 10^o ano turma A₁ - 3^a feira dia 10 ao 9^o tempo
(16h 30m) (31 alunos)
- 11^o ano turma D₂ - 3^a feira dia 10 ao 8^o tempo
(15h 30m) (35 alunos)

A passagem do questionário terá a duração de um tempo lectivo. Será feito um contacto pessoal c/ V. Ex^ã para esclarecimentos complementares.

Com os meus melhores cumprimentos.

Porto, 4 de Maio de 1983

O Docente

Jorge Nunes Negreiros de Carvalho



UNIVERSIDADE DO PORTO
FACULDADE DE PSICOLOGIA
E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
Rua das Taipas, 76 — Telef. 310230
4000 Porto - Portugal

Exm^o Senhor
Presidente do Conselho Directivo
da Escola Secundária n^o 2 de Matosinhos

A Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto está a efectuar um estudo que consiste, nesta fase, na elaboração e adaptação de um questionário destinado à juventude estudantil portuguesa. Trata-se essencialmente de verificar se as questões são claramente compreendidas, se se justifica acrescentar outras, etc. As respostas serão posteriormente analisadas e é também em função desse trabalho que se introduzirão as necessárias alterações ao questionário.

Vimos, deste modo, solicitar a V. Ex^a a possibilidade de efectuar a passagem do referido questionário a duas turmas da Escola - uma do 8^o ano e outra do 11^o a qual teria lugar no dia 24 no seguinte horário:

8^o ano - Turma E das 14h 30m às 15h 20m
11^o ano - Turma E das 10h 30m às 11h 20m

Desde já agradeço, apresentando a V. Ex. os meus melhores cumprimentos,

O Docente

Jorge Nunes Nogueira de Carvalho

ANEXO 2

QUESTIONÁRIO

Este questionário destina-se a um estudo sobre os hábitos alimentares e alguns aspectos do comportamento de bebida da juventude estudantil portuguesa.

Esse estudo é da responsabilidade da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto e os seus resultados, sob nenhum pretexto serão postos à disposição de qualquer pessoa ou entidade à excepção da equipa encarregada de analisar os dados obtidos. As respostas são, pois, rigorosamente confidenciais. De forma a que o anonimato das respostas possa ser garantido não deve escrever o seu nome em qualquer folha deste questionário. Procure, por isso responder com o máximo de rigor e objectividade, a fim de que os resultados obtidos possam ter efectivo interesse.

Tente responder a todas as questões, sem excepção; caso não queira responder a alguma indique a que recusa em vez de dar uma resposta falsa. Na maioria das perguntas basta assinalar com uma X a que interessar.

Obrigado pela sua colaboração

1. Preencha o quadro seguinte:

Idade _____ anos	Sexo M	F	Ano Escolar _____ ano
	Profissão		Habilitações Escolares
Pai			
Mãe			

2. Vive com os seus pais durante o período de aulas ?

Sim

Não

3. Inscreva no quadro que se segue o nº de pessoas que vivem na casa onde habita (inclua-se a si próprio)

Idade \ Sexo	6	7-20 anos	20-65 anos	+65 anos
Masculino				
Feminino				

4. Os seus pais:

Vivem juntos

estão separados

estão divorciados

um deles faleceu

ambos faleceram

5. Preencha o quadro seguinte:

Reprovações escolares			nunca <input type="checkbox"/>
			_____ nº reprovações
Assinale nas colunas que se seguem o nº de vezes que reprovou em cada ano			
Ensino Primário	Ciclo Preparatório	Ens. Secundário	
1º <input type="checkbox"/>	5º <input type="checkbox"/>	7º <input type="checkbox"/>	
2º <input type="checkbox"/>		8º <input type="checkbox"/>	
3º <input type="checkbox"/>	6º <input type="checkbox"/>	9º <input type="checkbox"/>	
4º <input type="checkbox"/>		10º <input type="checkbox"/>	
		11º <input type="checkbox"/>	
		12º <input type="checkbox"/>	

6. Qual é o nível mais elevado de escolaridade que pensa poder vir a atingir (assinale com uma cruz o quadrado que interessar)

- 9º ano de escolaridade
- 12º ano de escolaridade
- um curso universitário

7. Duma maneira geral dá-se bem com a sua família (pai, mãe, irmãos e irmãs)?

- Sim Pormenorize
- não (ex: Irmão) _____

8. Os pais podem apresentar diversas atitudes em relação ao modo de educar os filhos; uns são mais autoritários (restritivos), outros, pelo contrário, são mais liberais (permissivos). Na sua opinião os seus pais são (assinale o quadrado que lhe convém):

- mais permissivos
- mais restritivos

9. Nos ultimos 6 meses sucedeu aos seus pais (ou quem os substitui) ou irmãos de quem (ex: tio, avó,irmão,etc)

Morte	<input type="checkbox"/>	_____
Hospitalização grave	<input type="checkbox"/>	_____
Prisão	<input type="checkbox"/>	_____
Desemprego	<input type="checkbox"/>	_____
Divórcio	<input type="checkbox"/>	_____

10. Diga tudo o que comeu ou bebeu durante o dia de ontem; procure especificar a quantidade (nº de pratos, chávenas, copos ...)

• Pequeno almoço

• Almoço

• Lanche

• Jantar

11. Especifique melhor o que bebe normalmente durante um dia:

Bebidas \ Nº de	Chávenas	Copos	Cálices
Água			
Leite			
Chá			
Café			
Refrigerantes (laranjadas, etc)			
Cerveja			
Vinho Verde			
Vinho Maduro			
Bebidas destiladas (fortes) (whisky, Brandy)			
Bagaço			

12. Com que regularidade bebe normalmente cerveja ?

(assinale o quadrado que lhe convém)

1. Não bebo cerveja
2. 2-3 vezes por ano
3. 2-3 vezes por mês
4. 2-3 vezes por semana
5. Todos os dias

13. Se na questão anterior não respondeu 1, que quantidade de cerveja (em média) costuma beber em cada ocasião ?

(assinale com uma cruz o quadrado que lhe convém)

1. Um ou 2 copos
2. Três ou quatro copos
3. Quatro ou cinco copos
4. Entre seis a nove copos
5. Mais de 12 copos

14. Com que regularidade bebe normalmente vinho ?
(assinale com uma cruz o quadrado que lhe convém)

- 1. Não bebe vinho
- 2. 2-3 vezes por ano
- 3. 2-3 vezes por mês
- 4. 2-3 vezes por semana
- 5. Todos os dias

15. Se na questão anterior não respondeu 1, que quantidade de vinho (em média) costuma beber em cada ocasião (assinale o quadrado que lhe convém)

- 1. Um ou 2 copos
- 2. 3-4 copos
- 3. 4-5 copos
- 4. Entre 6 a 9 copos
- 5. Mais de 12 copos

16. Com que regularidade bebe normalmente bebidas destiladas (Whisky, Vodka) Assinale o quadrado que lhe convém:

- 1. Não bebo bebidas destiladas
- 2. 2-3 vezes por ano
- 3. 2-3 vezes por mês
- 4. 2-3 vezes por semana
- 5. Todos os dias

17. Se na questão anterior não respondeu 1, que quantidade de bebidas destiladas (em média) costuma beber em cada ocasião (assinale com uma cruz o quadrado que lhe convém)

- 1. Um ou dois cálices (ou copos)
- 2. 3-4 cálices (ou copos)
- 3. 4-5 cálices (ou copos)
- 4. Entre 6 a 9 cálices (ou copos)
- 5. Mais de 12 cálices (ou copos)

18. Se bebe bebidas alcoólicas em que ocasiões o costuma fazer?

(Assinale com uma cruz todas as frases que entender)

às refeições principais (almoço, jantar)

a meio da manhã ou durante a tarde

às refeições secundárias (pequeno almoço, lanche)

à noite

19. A maioria dos nossos hábitos alimentares tem a ver com vários factores (culturais, sociais, etc.). Esses factores influenciam, entre outros casos, a idade em que se começou a beber bebidas alcoólicas. Se bebe bebidas alcoólicas em que idade começou a fazê-lo regularmente (pelo menos uma vez por semana)

_____ anos

20. Com quem costuma beber bebidas alcoólicas ?

(Assinale com uma cruz todas as frases que entender)

Não bebo bebidas alcoólicas

Com os meus pais

Sózinho

Com os amigos da minha idade

Com os meus irmãos

Com amigos mais velhos

21. Em sua casa quem bebe bebidas alcoólicas (assinale com uma cruz a frase que interessar)

ninguém

só o meu pai

só a minha mãe

só os meus pais

todos

22. Os jovens que bebem bebidas alcoólicas fazem-no, habitualmente, por uma variedade de razões. As frases seguintes referem-se, a algumas dessas razões. Se bebe bebidas alcoólicas deverá, em cada um dos conjuntos de razões apresentadas, ordenar de 1 a 4 cada uma das frases, de acordo com a importância que pessoalmente lhes atribui (coloque 1 no quadro respeitante à frase que considera mais importante e assim sucessivamente):

Porque gosto do sabor
Para me sentir adulto
Para esquecer os meus problemas
Para ser como os meus colegas

Para me sentir mais calmo
Porque é um meio de festejar
Porque ajuda a integrar-me no grupo de amigos
Porque assim sou mais considerado pelas pessoas

Para não me sentir diferente dos meus companheiros
Para me aproximar mais das pessoas adultas
Porque posso suportar melhor as tensões e os problemas do dia a dia
Porque é um meio de me divertir

Se existem outras razões explicita-as _____

23. O consumo do álcool pode, a partir de um certo nível, ocasionar estados de maior ou menor embriaguês.

As frases seguintes dizem respeito à frequência que pode ter sentido essas situações no ano anterior (ano passado). Assinale com uma cruz as frases que mais lhe dizem respeito (leia primeiro todas frases e marque as que desejar)

Bebo mas nunca fiquei sob o efeito do álcool ou embriagado
Embriaguei-me 2 ou 3 vezes
Embriaguei-me mais de 6 vezes
Estive sob o efeito do álcool algumas vezes mas sem ter ficado embriagado
Quando deixava de beber sentia tremuras ou mostrava-me muito excitado (nervoso)
Embriaguei-me mais de 12 vezes

24. O consumo mais ou menos frequente de bebidas alcoolicas pode afectar de diferentes maneiras a vida das pessoas.

A. Assinale com uma cruz o grau dos efeitos que pode ter sentido

- Nenhum efeito
- Efeitos reduzidos (por ex: desinteresse, alheamento)
- Efeitos moderados (por ex. discussão, castigos)
- Efeitos fortes (por ex: acidente, intimidação pela autoridade)

B. Assinale com uma cruz os efeitos mais importantes que as bebidas alcoolicas tiveram na sua vida (pode assinalar os que entender)

- Provocou uma diminuição do meu interesse pelas actividades escolares
- Tive discussões ou outros problemas em casa
- Diminui o meu interesse pela participação em actividades de grupos, conversas com outros, etc.
- Diminuíram o meu rendimento escolar
- Prejudicou as minhas relações com as pessoas (discussões, conflitos)

25. Quantos cigarros fuma por dia ?

- Não fumo
- 1 - 2
- 3 - 5
- 5 - 10
- 10 - 25
- + de 25

26. Já usou algum tipo de droga

- Nunca
- Uma vez
- Ocasionalmente
- Regularmente

BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA

As referências bibliográficas não consultadas são assinaladas com um asterisco.

AARONSON, B. - Drugs: personality:: personality: drugs. Psychological Reports, 1970, 26, 811-818.

AHLSTROM, L. S. - Changing drinking habits among finnish youth. 31th International Congress on Alcoholism and Drug Dependence, 1975, Thailand.

Alcohol Education - A teacher's curriculum guide for grades k-6 e 7-12. The University of the State of New York/The State Education Department, 1976.

Alcohol Health and Research World - Young people and alcohol, 1975, 3, 2-10.

ALEXANDRE, C. N. e CAMPBELL, E. Q. - Peer influences on adolescent drinking. Quarterly Journal of Studies on Alcohol, 1967, 28, 444-453.

*ALIBRANDI, T. - Young alcoholics. Minneapolis, Minnesota: Comp Care Publications, 1978.

ANHALT, H. S. e KLEIN, M. - Drug abuse in junior high school populations. American Journal of Drug and Alcohol Abuse, 1976, 3, 589-603.

BARNES, G. M. - The development of adolescent drinking behavior: An evaluative review of the impact of the socialization process within the family. Adolescence, 1977, 12, 571-591.

BARNES, G. M. - Drinking among adolescents: A subcultural phenomenon or a model of adult behaviors. Adolescence, 1981, 61, 212-229.

RAUMRIND, D. - New directions in socialization research. American Psychologist, 1980, 35, 639-652.

BIENER, K. J. - The influence of health education on the use of alcohol and tobacco in adolescence. Prev. Med., 1975, 4, 252-257.

BLANE, H. e al. - Alienation, self-esteem and attitudes toward drinking in high school. Journal of Studies on Alcohol, 1968, 29, 350-354.

BLANE, H. - Education and prevention of the alcoholism. In Social Aspects of Alcoholism, (vol.IV), Plenum Press, New-York, 1979.

BLANE, H. T. e CHAFETZ, M. E. - Dependency conflict and sex-role identity in drinking delinquents. Quarterly Journal of Studies on Alcohol, 1971, 32, 1025-1039.

BLOCK, J. R. e GOODMAN, N. - Illicit drug use and consumption of alcohol, tobacco and over the counter medicine among adolescents. International Journal of Addictions, 1978, 13, 933-946.

BRAUCHT, G. N.; BRACKARCH, D.; FOLLINGSTAD, D. e BERRY, K. L. - Deviant drug use in adolescence: A review of psychosocial correlates. Psychological Bulletin, 1973, 79, 92-106.

*BRAUCHT, G. N.; FOLLINGSTAD, D.; BRACKARCH, D. e BERRY, K. L. - Drug education: A review of goals, approaches, and effectiveness, and a paradigm for evaluation. Quarterly Journal of Studies on Alcoholism, 1973, 34, 1279-1292.

BROWN, S. A.; GOLDMAN, M. S.; INN, A. e ANDERSON, L. R. - Expectations of reinforcement from alcohol: Their domain and relation to drinking patterns. Journal of Consulting and Clinical Psychology, 1980, 48, 419-426.

BRUEN - The effectiveness of programs to prevent drinking problems. AJADD, 1977, 4, 112-116.

- BRUNSWICK, A. F. e TARICA, C. - Drinking and health of urban black adolescents. Addictive Diseases: An International Journal, 1974, 1, 21-42.
- BURKETT, S. R. - Religion, parental influence and adolescent alcohol and marijuana use. Journal of Drug Issues, 1977, 7, 263-273.
- CADDEN, J. e HARRISON, R. P. - Alcoholism in american youth: The scope and treatment of the problem. ICAA, England, 1974.
- CAINE, E. - Two contemporary tragedies: Adolescent suicide/Adolescent alcoholism. Journal of the National Association of Private Psychiatric Hospitals, 1978, 9, 4-11.
- CHAFETZ, M. E. - The new attack on alcoholism. Compact, Maio/Junho, 1974, 5-6.
- CHAFETZ, M. E. e DEMONE, H. W. - Alcoholism and society. Oxford, University Press, New York, 1962.
- CHRISTIANSEN, B. A. e GOLDMAN, M. S. - Alcohol-related expectancies versus demographic/background variables in the prediction of adolescent drinking. Journal of Consulting and Clinical Psychology, 1983, 51, 249-257.
- CHRISTIANSEN, B. A. ; GOLDMAN, M. S. e INN, A. - Development of alcohol related expectancies in adolescents: Separating pharmacological from social learning influences. Journal of Consulting and Clinical Psychology, 1982, 50, 336-344.
- CHITWOOD, D. D.; KAREN, S. W. e BRIAN, R. R. - Medical and treatment definitions of drug use: The case of the adolescent user. Adolescence, 1981, 64, 817-830.
- DAVIES e STACEY - The teenage drinker. Journal of Alcohol and Drug Education, 1973, 18, 1-8.

- DEARDEN, M. e JAMES, J. - A pilot program in high school drug education utilizing non-directive techniques and sensitivity training. Journal of School Health, 1971, 41, 118-124.
- *DENNIS, D. M. e MARLATT, G. A. - Personality subtypes among driving while-intoxicated offenders: Relationship to drinking behavior and driving risk. Journal of Consulting and Clinical Psychology, 1982, 50, 241-249.
- DICICCO, L. - Evaluating the impact of alcohol education. Alcohol Health and Research World, 1979, 3, 14-20.
- DYKEMAN, B. F. - Teenage alcoholism-Detecting those early warning signals. Adolescence, 1979, 54, 251-254.
- DUNCAN, D. F. - Life stress as a precursor to adolescent drug dependence. The International Journal of the Addictions, 1977, 12, 1047-1056.
- EISENTHAL, S. e UDIN, H. - Psychological factors associated with drug and alcohol usage among Neighborhood Youth Corps Enrollers. Developmental Psychology, 1972, 7, 119-123.
- EVANGELISTA, O.; SAFORCADA, E. e MARCONI, J. - Adolescent attitudes toward alcohol. Acta Psiquiátrica y Psicológica Amér. Lat., 1975, 21, 101-111.
- FINN, P. - Teenage drunkenness: Warning signal, transient boisterousness or symptom of social change. Adolescence, 1979, 14, 819-834.
- FINN, P. e BROWN, J. - Risks entailed in teenage intoxication as perceived by junior and senior high school students. Journal of Youth and Adolescence, 1981, 10, 61-76.
- FORT, J. - The pleasure seekers. Grove Press, Inc., New York, 1969.

- FOX, V. - Alcoholism in adolescence. Journal of School Health, 1973, 43, 32-35.
- GALANTER, M. - Peer group influence on adolescent alcohol use: The psychiatric impact of charismatic sects. Bulletin N. Y. Academy, 1981, 57, 370-377.
- *GALLI, N. - How parents influence their children's drug attitudes and practices. Journal of Drug Education, 1974, 4, 37-41.
- GARFIELD, S. L. - Research problems in clinical diagnosis. Journal of Consulting and Clinical Psychology, 1978, 46, 596-607.
- GHADIRIAN, A. M. - Adolescent alcoholism: Motives and alternatives. Comprehensive Psychiatry, 1979, 20, 469-474.
- GLIKSMAN, L.; SMYTHE, P. C.; GORMAN, J. e RUSH, B. - The adolescent alcohol questionnaire: Its development and psychometric evaluation. Journal of Drug Education, 1980, 10, 209-227.
- GLYNN, T. J. - From family to peer: A review of transitions of influence among drug-using youth. Journal of Youth and Adolescence, 1981, 10, 363-383.
- GOODWIN, D. - Alcoholism and heredity: A review and hipotesis. Arch. Gen. Psychiatry, 1979, 36, 57-61.
- GRANT, M. - Priorités dans l'éducation des jeunes par rapport à l'alcool. Drogalcohol, 1980, 1, 3-14.
- HABER, A. R. - The family dance around drug abuse. The Personnel and Guidance Journal, 1983, 61, 428-431.
- *HAWKER, A. - Adolescents and alcohol. B. Edsall and Company Ltd., London, 1978.

HARFORD, T. C. - Patterns of alcohol use among adolescents. Psychiatric Opinion, 1975, 12, 17-21.

*HART, L. - Attitudes toward alcoholism and drug abuse among a group of high school students. Journal of Drug Education, 1975, 5, 351-357.

*HOUTEN, T. e GOLEMBIEWSKI, G. - Adolescent life stress as a predictor of alcohol abuse and/or runaway behavior. National Youth Alternatives Project, Inc., Washington, D. C., 1978.

HUBA, G. H. et al. - Beginning adolescent drug use and peer and adult interaction patterns. Journal of Consulting and Clinical Psychology, 1979, 47, 265-276.

HUNT, D. G. - Parental permissiveness as perceived by offspring and degree of marijuana usage by offspring. Hum. Relations, 1974, 27, 267-285.

JESSOR, R.; COLLINS, M. I. e JESSOR, S. L. - On becoming a drinker: Social-psychological aspects of an adolescent transition. Annals of the New York Academy of Sciences, 1972, 197, 199-213.

JESSOR, R. e JESSOR, S. L. - Adolescent development vs. the onset of drinking: A longitudinal study. Quarterly Journal of Studies on Alcohol, 1975, 36, 27-51.

JONES, M. C. - Personality correlates and antecedents of drinking patterns in adult males. Journal of Consulting and Clinical Psychology, 1968, 32, 2-12.

*KANDEL, D. - Developmental stages in adolescent drug involvement. In Lettieri, D. (eds.), Theories of Drug Abuse, Washington, D. C., 1980 (a).

*KANDEL, D. - Drug and drinking behavior among youth. In Inkeles, A.; Coleman, J. e Turner, R. H. (Eds.), Annual Review of Sociology (vol.6), Palo Alto, Calif., Annual Review Press, 1980 (b).

KANDEL, D. e FAUST, R. - Sequences and stages in patterns of adolescent drug use. Arch. Gen. Psychiatry, 1975, 32, 923-932.

KANE, R. L. e PATTERSON, E. - Drinking attitudes and behavior of high school students in Kentucky. Quarterly Journal of Studies on Alcohol, 1972, 33, 635-646.

LAMONTAGNE, Y. - Initiation a la recherche en psychologie clinique et en psychiatrie. Edisem, Quebec, 1980.

*LAMONTAGNE, Y.; TÉTREAU, L. e BOYER, R. - Consommation d'alcool et de drogues chez les étudiants: I. Consommation, effets e raisons d'utilisation d'alcool chez les étudiants au niveau collégial. Union Médicale du Canada, 1979(a), 108, 219-228.

*LAMONTAGNE, Y.; TÉTREAU, L. e BOYER, R. - Consommation d'alcool et de drogues chez les étudiants: II. Consommation et raisons d'utilisation de drogues chez les étudiants au niveau collégial. Union Médicale du Canada, 1979(b), 108, 408-411.

*LAMONTAGNE, Y.; TÉTREAU, L. e BOYER, R. - Consommation d'alcool et de drogues chez les étudiants: III. Milieu familial, secteurs d'études impliqués et comparaison entre étudiants et étudiants alcooliques. Union Médicale du Canada, 1979(c), 21, 65-71.

LAWRENCE, T. S. e VELLERMAN, J. O. - Correlates of student drug use in a suburban high school. Psychiatry, 1974, 37, 129-136.

*LEVINE, E. M. e KOZAK, C. - Drug and alcohol use, delinquency, and vandalism among upper middle class pre and post adolescents. Journal of Youth and Adolescence, 1979, 8, 91-101.

LEVINE, J. - The sexual adjustment of alcoholics: A clinical study of a selected sample. Quarterly Journal of Studies on Alcohol, 1955, 16, 675-680.

LOTECKA, L. e LASSLEBEN, M. - The high school "smoker": A field study of cigarette-related cognitions and social perceptions. Adolescence, 1981, 63, 514-526.

*MADER, R. - Alcoholism in adolescents criminals: A comparative study from 1965-66 to 1969-70. Acta Pedopsychiatrica, 1972, 39, 2-11.

MAYER, J. e FILSTEAD - The adolescent alcohol involvement scale: An instrument for measuring adolescent's use and misuse of alcohol. Journal of Studies on Alcohol, 1973, 40, 291-300.

MAYER, J. E. - Adolescent alcohol misuse: A family system perspective. Journal of Alcohol and Drug Education, 1980, 1, 1-11.

*MARDEN, P. G. e KOLODNER, K. - Alcohol use and abuse among adolescents. Washington, D. C.: Division of Special Treatment and Rehabilitation Programs, National Institute of Alcoholism and Alcohol Abuse, 1976.

MARECHAL, C. - L'alcool et les jeunes, 1981.

MARGOLIS, R. Z.; KESSLER, R. C. e BECK, E. C. - A longitudinal study of onset of drinking among high school students. Quarterly Journal of Studies on Alcohol, 1977, 38, 897-912.

MARGOLIS, R. Z. e POPKIN, N. - Marijuana: A review of medical research with implications for adolescents. The Personnel and Guidance Journal, 1980, 59, 7-14.

MENDONÇA, M. M. - As dimensões socio-culturais do alcoolismo. Jornal do Médico, 1976, 81, 477-480.

MICHAEL, M. M. e SEWALL, K. S. - Use of the adolescent peer group to increase the self-care agency of adolescent alcohol abusers. Nurs Clin. North Am., 1980, 15, 157-176.

MILLER, P. M. - Behavioral assessment in alcoholism research and treatment: Current techniques. International Journal of the Addictions, 1973, 8, 831-837.

MILLER, P. M. e EISLER, R. M. - Alcohol and drug abuse. In W. E. Craighead, A. E. Kazdin, e M. J. Mahoney (Eds.): Behavior Modification Principles, Issues and Applications. Boston: Houghton Mifflin, 1975.

MILLER, W. R. - Alcoholism scales and objective assessment methods: A review. Psychological Bulletin, 1976, 83, 649-674.

MILMAN, D. H. e SU, W. H. - Patterns of illicit drugs and alcohol use among secondary school students. Behavioral Pediatrics, 1972, 83, 314-320.

MITIC, W. R. - Alcohol use and self-esteem of adolescents. Journal of Drug Education, 1980, 10, 197-208.

MULLER, R. - Enquete representative nationale suisse sur la consommation d'alcool et de tabac des ecoliers des 6^e, 7^e et 8^e années scolaires. Drogalcohol, 1979, 1, 3-23.

NATHAN, P. E. e LANSKY, D. - Common methodological problems in research on the addictions. Journal of Consulting and Clinical Psychology, 1978, 46, 713-726.

NEGREIRDS, J. - O consumo de drogas na adolescência: Considerações sobre a sua etiologia e prevenção. Jornal de Psicologia (no prelo).

O'HAGAN, M. G. - Youth, alcohol, excessive drinking: An Irish dilemma. ICAA, Belgrade, 1973.

DPPENHEIM, A. N. - Questionnaire design and attitude measurement. Londres, 1976.

*PATON, S. M. e KANDEL, D. B. - Psychological factors and adolescent illicit drug use: Ethnicity and sex differences. Adolescence, 1978, 50, 187-201.

PANDINA, R. J. e WHITE, H. R. - Patterns of alcohol and drug use of adolescents students and adolescents in treatment. Journal of Studies on Alcohol, 1981, 42, 441-456.

PEER, G.; LINDSEY, A. e NEWMAN, P. - Alcoholism as stage phenomena: A frame of reference for conselors. The Personnel and Guidance Journal, 1982, 80, 465-469.

PENDERGAST, T. J. e SCHAEFER, E. S. - Correlates of drinking and drunkenness among high school students. Quarterly Journal of Studies on Alcohol, 1974, 35, 232-242.

POTVIN, R. H. e LEE, C. F. - Multistage path models of adolescent alcohol and drug use: Age variations. Journal of Studies on Alcohol, 1980, 41, 531-542.

RAMSAY, P. - Adolescent alcohol abuse - An Australian viewpoint. 31th International Congress on Alcoholism and Drug Dependence. Bangkok, 1975.

REARDON, B. e GRIFFING, P. - Factors related to the self-concept of institutionalized, white, male, adolescent drug abusers. Adolescence, 1983, 69, 30-41.

RIESTER, A. E. e ZUCKER, R. A. - Adolescent social structure and drinking behavior. Personnel and Guidance Journal, 1968, 47, 304-312.

RODRIGUES, C. - Alcoolismo: Um dos factores sociais do envelhecimento precoce. Prova complementar de doutoramento, Porto, Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, 1977.

SAMUELS, D. e SAMUELS, M. - Low self-concept as a cause of drug abuse. Journal of Drug Education, 1974, 41, 297-298.

SANECKI, M. - Alcoholism. Measurement of levels of health. World Health Organization. European Series, 1979, 7, 116-123.

SCHILLING, M. E. e CARMEN, R. S. - Internal-external control and motivations for alcohol use among high school students. Psychological Reports, 1978, 42, 1088-1090.

*SCHLEGEL, R. - Some methodological procedures for the evaluation of educational programs for prevention of adolescent alcohol use and abuse. Evaluation Quarterly, 1977, 1, 657-672.

SEGAL, B. - Locus of control and drug and alcohol use in college students. Journal of Alcohol and Drug Education, 1974, 19, 1-3.

*SEGAL, B.; HUBA, G. J. e SINGER, J. L. - Prediction of college drug use from personality and inner experience. International Journal of Addictions, 1980, 15, 849-867.

SHAPIRO, R. D. - Alcohol, tobacco and illicit drug use among adolescents. International Journal of the Addictions, 1975, 10, 387-390.

SINGLE, E.; KANDEL, D. e FAUST, R. - Patterns of multiple drug use in high school. Journal of Health and Social Behavior, 1974, 15, 344-357.

*SIZE, T.; DANIELS, B.; STEPHENSON, J. e MOBERS, P. - An adolescent alcohol/drug abuse intervention program beginning in the emergency department. Journal of Ambul. Care Manage, 1981, 4, 73-79.

SMART, R. G. e FEJER, D. - Drug use among adolescents and their parents: Closing the gap in mood modification. Journal of Abnormal Soc. Psychology, 1972, 79, 153-160.

SOBELL, L. C.; MAISTO, S. A.; SOBELL, M. B. e COOPER, A. M. - Reliability of alcohol abusers' self-reports of drinking behavior. Behavior Research and Therapy, 1979, 17, 157-160.

SOBELL, M. B. e SOBELL, L. C. - Validity of self-reports in three populations of alcoholics. Journal of Consulting and Clinical Psychology, 1978, 46, 901-907.

SPEVACK, M. e PIHL, R. O. - Non-medical drug use by high school students: A three year survey study. International Journal of the Addictions, 1976, 11, 755-792.

SPOTH, R. e ROSENTHAL, D. - Wanted: A developmentally oriented alcohol prevention program. The Personnel and Guidance Journal, 1980, 59, 193-256.

STACEY e DAVIES - Drinking behavior in childhood and adolescence: An evaluative review. Journal of Alcohol and Drug Education, 1972, 17, 1-11.

*STACEY e DAVIES - The teenage drinker. Journal of Alcohol and Drug Education, 1973, 18, 1-8.

STUMPHAUZER, J. S. - Learning to drink: Adolescents and alcohol. Addictive Behaviors, 1980, 5, 277-283.

SVOBODNY, L. A. - Biographical self-concept and educational factors among chemically dependent adolescents. Adolescence, 1982, 68, 847-853.

*TINKLENBERG, J. R.; ROTH, W. T.; KOPELL, B. S. e MURPHY, P. - Cannabis and alcohol effects on assaultiveness in adolescent delinquents. Annual New York Academy Science, 1976, 282, 85-94.

TUDDOR, C. G.; PETERSEN, D. M. e ELIPSON, K. W. - An examination of the relationship between peer and parental influences and adolescent drug use. Adolescence, 1980, 60, 783-799.

UNGER, R. H. - The treatment of adolescent alcoholism. Social Casework, 1978, 59, 27-35.

UNTERBERGER, H. e DICICCO, L. - Alcohol education re-evaluated. Bulletin of the National Association of Secondary Schools Principals, 1968, 52, 15-29.

VAILLANT, G. E. e MILOFKY - The etiology of alcoholism. American Psychologist, 1982, 37, 494-503.

WALKER, B. et al. - Adolescent alcohol abuse: A review of the literature. Journal of Alcohol and Drug Education, 1978, 23, 51-65.

WECHSLER, H. e MACFADDEN, M. - Sex differences in adolescent alcohol and drug use: A disappearing phenomenon. Journal of Studies on Alcohol, 1976, 37, 1191-1301.

WECHSLER, H. e THUM, D. - Teenage drinking, drug use and social correlates. Quarterly Journal of Studies on Alcohol, 1973, 34, 1220-1227.

*WESTERMEYER, J. A. - A primer on chemical dependency: A clinical guide to alcohol and drug problems. Baltimore: The Williams & Wilkins Company, 1976.

WILLIAMS, A. - College problem drinkers: A personality profile. In G. L. Maddox (Eds.), The Domesticated Drug: Drinking Among Collegians. New Haven, Connecticut: College and University Press, 1970.

WILLIAMS, A. F. - Psychological needs and social drinking among college students. Journal of Studies on Alcohol, 1968, 29, 355-363.

WILLIAMS; DICICCO; UNTERBERGER - Philosophy and evaluation of an alcohol education program. Quarterly Journal of Studies on Alcohol, 1968, , 685-702.

WILSNACK, R. W. e WILSNACK, S. C. - Drinking and denial of social obligations among adolescent boys. Journal of Studies on Alcohol, 1980, 41, 1118-1133.

*WRIGHT, J. S. - The psychology and personality of addicts. Adolescence, 1977, 47, 399-405.

WRIGHT, S. L. - Parental permission to date and its relationship to drug use and suicidal thoughts among adolescents. Adolescence, 1982, 66, 408-418.

ZOURBAS, Y. et al. - L'alcoolisation des jeunes et l'information à l'école. Revue de L'Alcoolisme, 1979, 25, 121-136.

ZUCKER, R. A. - Sex role identity patterns and drinking behavior of adolescents. Quarterly Journal of Studies on Alcohol, 1968, 29, 868-884.

ZUCKER, R. A. - Parental influence on the drinking patterns of their children. In Greenblatt, M. e Schmitt, M. A. (Eds.): Alcoholism Problems in Women and Children, Stratton, New - York, 1976.

UNIVERSIDADE DO PORTO
Faculdade de Psicologia
e de Ciências da Educação
N.º de Entrada 1572
Data 17/10/88